

MEDITAÇÕES *QUARESMA*



EDITADO POR 

MEDITAÇÕES QUARESMA

FONTE DOS TEXTOS E IMAGEM

opusdei.org/pt-pt

Meditações Quaresma

1. Quarta-feira de Cinzas
2. Quinta-feira depois das Cinzas
3. Sexta-feira depois das Cinzas
4. Sábado depois das Cinzas
5. I domingo da Quaresmas
6. Segunda-feira da I semana da Quaresma
7. Terça-feira da I semana da Quaresma
8. Quarta-feira da I semana da Quaresma
9. Quinta-feira da I semana da Quaresmas
10. Sexta-feira da I semana da Quaresma
11. Sábado da I semana da Quaresma
12. II domingo da Quaresma (Ciclo B)
13. II domingo da Quaresma (Ciclo A)
14. II domingo da Quaresma (Ciclo C)
15. Segunda-feira da II semana da Quaresma
16. terça-feira da II semana da Quaresma
17. quarta-feira da II semana da Quaresma
18. quinta-feira da II semana da Quaresma
19. sexta-feira da II semana da Quaresma
20. sábado da II semana da Quaresma
21. III domingo da Quaresma (Ciclo B)

22. III domingo da Quaresma (Ciclo A)
23. III domingo da Quaresma (Ciclo C)
24. Segunda-feira da III semana da Quaresma
25. Terça-feira da III semana da Quaresma
26. Quarta-feira da III semana da Quaresma
27. Quinta-feira da III semana da Quaresma
28. Sexta-feira da III semana da Quaresma
29. Sábado da III semana da Quaresma
30. IV domingo da Quaresma (Ciclo B)
31. IV domingo da Quaresma (Ciclo A)
32. IV domingo da Quaresma (Ciclo C)
33. Segunda-feira da IV semana da Quaresma
34. Terça-feira da IV semana da Quaresma
35. Quarta-feira da IV semana da Quaresma
36. Quinta-feira da IV semana da Quaresma
37. Sexta-feira da IV semana da Quaresma
38. Sábado da IV semana da Quaresma
39. V domingo da Quaresma (Ciclo B)
40. V domingo da Quaresma (Ciclo A)
41. V domingo da Quaresma (Ciclo C)
42. Segunda-feira da V semana da Quaresma
43. Terça-feira da V semana da Quaresma
44. Quarta-feira da V semana da Quaresma

45. Quinta-feira da V semana da Quaresma

46. Sexta-feira da V semana da Quaresma

47. Sábado da V semana da Quaresma

Quarta-feira de Cinzas

Reflexão para meditar na quarta-feira de Cinzas. Os temas propostos são: a Quaresma é um tempo de conversão; oração, esmola e jejum; um constante regresso à casa do Pai.

Sumário

- A Quaresma é um tempo de conversão.
- Oração, esmola e jejum.
- Um constante regresso à casa do Pai.

«DE TODOS VOS compadeceis, Senhor, e amais tudo quanto fizestes; perdoais aos pecadores arrependidos, porque sois o Senhor nosso Deus»^[1]. Estas palavras do Livro da Sabedoria, que ressoam no início da Missa, são o pórtico de entrada para o tempo da Quaresma.

Durante a celebração litúrgica, aproximar-nos-emos do sacerdote e inclinar-nos-emos para receber a imposição das cinzas. Recordaremos o convite do Senhor: “Convertei-vos e acreditai no Evangelho” ou a advertência inspirada no livro do Génesis: “Lembra-te de que és pó e ao pó voltarás”. Trata-se de um gesto forte, que nos faz pensar quão frágil é a nossa vida. No entanto, por detrás deste rito podemos descobrir também a ternura de Deus que nos procura. S. Josemaria comentava: «A liturgia da Quaresma toma por vezes acentos trágicos, fruto da consideração do que significa para o homem afastar-se de Deus. Mas esta consideração não é a última palavra. A última palavra pertence a Deus, é a palavra do seu amor salvador e misericordioso e, portanto, a palavra da nossa filiação divina»^[2].

Há momentos da nossa existência em que percebemos a nossa fragilidade: dificuldades na família ou no trabalho, problemas de saúde, imprevistos... e sobretudo a experiência do pecado dentro de nós mesmos. Tudo isso pode fazer-nos pensar que somos “pó e cinza”. No entanto, a fé cristã dá-nos a convicção de que a misericórdia de Deus é maior. No meio

das nossas limitações, podemos sempre cantar com o Salmo: «a terra está cheia da Sua bondade» (Sl 33, 5). A paciência de Deus é tão grande que, precisamente quando nos afastamos d'Ele, põe em nós a nostalgia do Seu amor. A Quaresma é um bom momento para deixar que essa nostalgia se transforme em conversão, num regresso à casa do Pai, para experimentar novamente a Sua ternura.

APESAR DE VIVERMOS rodeados da misericórdia do Senhor, às vezes podemos esquecer essa realidade. No entanto, Jesus no Evangelho recorda-nos que Deus nos olha continuamente. Quando explica como dar esmola, como rezar, como jejuar, Jesus insiste que não vale a pena fazer tudo isso para que os outros nos vejam; nessa altura, pomos o Senhor de parte e as nossas boas ações ficam torcidas. Deus, pelo contrário, vê «no segredo» (Mt 6, 4), escuta a intimidade do nosso coração. O tempo da Quaresma é boa altura para deixar de viver voltados para fora, e pelo contrário, cultivar um ambiente interior capaz de acolher a realidade dum modo mais novo, mais sobrenatural.

«Chegamos à maturidade espiritual convertendo-nos a Deus, e a conversão realiza-se por meio do jejum e da esmola, devidamente entendidos. Não se trata só de «práticas» momentâneas, mas de atitudes constantes, que imprimem na nossa conversão a Deus, forma duradoira. A Quaresma, como tempo litúrgico, dura só quarenta dias ao ano: mas para Deus devemos tender sempre; isto significa que é preciso convertermo-nos continuamente. A Quaresma deve deixar marca forte e indelével na nossa vida»^[3].

Um caminho de oração, esmola e jejum, adequado às nossas circunstâncias pessoais, levar-nos-á a levantar o olhar durante estes dias. «Dedicando mais tempo à oração, possibilitamos ao nosso coração descobrir as mentiras secretas, com que nos enganamos a nós mesmos, para procurar finalmente a consolação em Deus (...). A prática da esmola liberta-nos da ganância e ajuda-nos a descobrir que o outro é nosso irmão: aquilo que possuo, nunca é só meu (...). O jejum desperta-nos, torna-nos mais atentos a Deus e ao próximo, reanima a vontade de obedecer a Deus, o único que sacia a nossa fome»^[4].

«OLHAMOS PARA O FILHO PRÓDIGO e compreendemos que é tempo também para nós de regressar ao Pai. Como aquele filho, também nós esquecemos o ar de casa, delapidamos bens preciosos em troca de coisas sem valor e ficamos com as mãos vazias e o coração insatisfeito. Caímos: somos filhos que caem continuamente, somos como criancinhas que tentam andar, mas estatelam-se no chão, precisando uma vez e outra de ser levantadas pelo seu pai»^[5].

Reconhecer que a misericórdia do Senhor enche a terra, que Ele é um Pai que nos espera constantemente não nos leva à passividade. Pelo contrário, esse amor põe em movimento a nossa iniciativa de encontrar os caminhos para correr pela senda de regresso a Deus. E um caminho privilegiado é o sacramento da Reconciliação. «É o perdão do Pai que sempre nos coloca de pé: o perdão de Deus, a Confissão, é o primeiro passo da nossa viagem de regresso»^[6]. Ali encontramos o rosto paterno de Deus, que nos encoraja e nos ama como Seus filhos.

«De certo modo, a vida humana é um constante voltar à casa do nosso Pai – dizia S. Josemaria –. Um regresso mediante a contrição, a conversão do coração que significa o desejo de mudar, a decisão firme de melhorar a nossa vida e que, portanto, se manifesta em obras de sacrifício e de doação»^[7]. Nesta Quaresma, que é caminho de regresso e de maior proximidade à casa do Pai, adivinhamos a presença de Santa Maria, que nos acompanha. Coloquemos nas suas mãos maternas esse desejo de nos converteremos interiormente para celebrar a Páscoa do Seu Filho.

NOTAS

[1] Antífona de Entrada, Missa de quarta-feira de Cinzas.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 66.

[3] S. João Paulo II, Audiência 14/03/1979.

[4] Francisco, Mensagem para a Quaresma de 2018, 06/02/2018.

[5] Francisco, Homilia 17/02/2021.

[6] *Ibid.*

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 64.

quinta-feira depois das Cinzas

Reflexão para meditar na quinta-feira depois das Cinzas. Os temas propostos são: uma oportunidade para nos convertermos; a conversão é um dom que podemos pedir a Deus; pegar na cruz de cada dia.

Sumário

- Uma oportunidade para nos convertermos.
- A conversão é um dom que podemos pedir a Deus.
- Pegar na cruz de cada dia.

A IGREJA, para o primeiro dia da Quaresma a seguir a Quarta-feira de Cinzas, propõe-nos meditar sobre o primeiro salmo da Sagrada Escritura. Aí se nos mostram duas imagens que representam dois possíveis caminhos para a nossa vida. Ao ouvi-lo, parece que estamos diante de uma bifurcação: por um lado, há o caminho de quem se deixa justificar por Deus, que é como uma árvore «que dá fruto na estação própria e as suas folhas não murcham» (Sl 1, 3); por outro, o daqueles que não escutam o Senhor, que «são como a palha que o vento leva» (Sl 1, 4). De certa maneira, são duas situações vitais que dependem de como abrimos a alma a Deus: ou permanecemos arreigados na realidade, dando os frutos de santidade que o Senhor nos quiser enviar, ou andamos à deriva, levados pelo vento de pequenos gozos efémeros, que sopram ora para um lado, ora para outro.

Qual dos dois caminhos escolhemos? «Entramos no tempo da Quaresma: tempo de penitência, de purificação, de conversão. Não é fácil tarefa. O cristianismo não é um caminho cómodo; não basta estar na Igreja e deixar que os anos passem»^[1]. Deus dá-nos umas semanas muito oportunas para pensar detidamente na nossa vida e pedir-Lhe o dom da nossa conversão.

Estamos chamados à vida; foi isso que Moisés lembrou ao povo escolhido diante da Terra Prometida: «Ponho hoje diante de ti a vida e a felicidade, a morte e a infelicidade. Se cumprires os mandamentos do Senhor, teu Deus, que hoje te proponho – amando o Senhor, teu Deus, seguindo os seus caminhos e observando a sua lei, os seus mandamentos e preceitos – viverás» (Dt 30, 15-16). A nossa conversão não é uma cega negação a nós próprios; pelo contrário, é uma resposta ao desejo de plenitude que está gravado no fundo dos nossos corações. «O Senhor pede tudo e, em troca, oferece a vida verdadeira, a felicidade para a qual fomos criados. Quer-nos santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre»^[2].

QUE PODEMOS FAZER para alcançar nesta Quaresma a meta alta da nossa conversão? O que a Igreja nos sugere, na oração da coleta da Missa, é primeiro pedir ao Senhor este dom. «Fazei, Senhor, que a vossa graça inspire sempre as nossas obras e as sustente até ao fim, para que toda a nossa atividade por Vós comece e em Vós acabe»^[3]. Trata-se de uma antiga oração litúrgica, que por desejo de S. Josemaria, recitam todos os dias os fiéis do Opus Dei. Reconhecemos que para empreender este caminho de transformação precisamos de que seja o próprio Deus quem nos inspire, sustente e acompanhe. A nossa conversão será, sobretudo, um dom do Senhor que acolhemos com humildade e gratidão.

No Antigo Testamento, foi Deus quem tomou a iniciativa de chamar o Seu povo do Egito e fazê-lo caminhar para a Terra Prometida. Ele foi-os sustentando durante aquela peregrinação, renovando as suas forças quando o seu ânimo vacilava. O Senhor faz o mesmo agora connosco. «É Deus quem, segundo o Seu desígnio, opera em vós o querer e o agir» (Fl 2, 13). Quanta esperança nos dão estas palavras de S. Paulo! Mas pedir este dom ao Senhor não significa ficar de braços cruzados. Podemos manifestar a abertura à Sua graça de muitas formas: por exemplo, com ações concretas de penitência ou, sobretudo, com a oração. «Sem a oração quotidiana, vivida com fidelidade, o nosso fazer esvazia-se, perde a alma profunda, reduz-se a um simples ativismo que, no final, nos deixa insatisfeitos. Há uma bonita invocação da tradição cristã, que se reza antes de cada atividade, e diz assim: “Inspirai as nossas ações, Senhor, e acompanhai-as

com a Vossa ajuda, para que tudo o que dizemos e fazemos receba sempre de Vós o seu início e em Vós tenha o seu cumprimento”. Cada passo da nossa vida, cada ação, inclusive da Igreja, deve ser feita diante de Deus, à luz da Sua Palavra»^[4].

«SE ALGUÉM quiser seguir-Me, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz todos os dias e siga-Me» (Lc 9, 23). Jesus dirige estas palavras à multidão dos Seus discípulos, entre os quais nos encontramos nós. Para desfrutar da alegria da Ressurreição do Senhor, devemos descobrir e abraçar a nossa cruz diária. As práticas penitenciais do tempo da Quaresma têm este significado: morrer para quanto de pecado houver em nós mesmos, para poder seguir Jesus mais de perto.

O Senhor comparou a Sua Paixão à mudança que sofre um grão de trigo quando é plantado na terra: parece que a semente se perde, mas na realidade torna-se uma espiga cheia de fruto (cf. Jo 12, 24). A cruz não nos fala de sofrimento sem sentido, mas sim de transformação: anuncia a chegada de uma nova vida. Quando o Senhor nos convida a abraçar a cruz todos os dias, está implicitamente a prometer-nos que cada dia pode ser uma oportunidade de uma pequena transformação, de uma nova conversão.

S. Josemaria encorajava-nos a olhar com otimismo as nossas lutas quotidianas. «Chegar ao cume? Para uma alma entregue, tudo se converte em cume a alcançar; todos os dias descobre novas metas, porque não sabe nem quer pôr limites ao Amor de Deus»^[5]. Há tantas oportunidades de transformação como pequenos cumes com que nos encontramos cada dia. Neste caminho que começamos, podemos encontrar ajuda na nossa Mãe, recordando tantas conversões que foram fruto da devoção mariana.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 57.

[2] Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 1.

[3] Missal Romano, Oração coleta de quinta-feira depois das Cinzas.

[4] Bento XVI, Audiência, 25/04/2012.

[5] S. Josemaria, *Sulco*, n. 17.

Sexta-feira depois das Cinzas

Reflexão para meditar na sexta-feira depois das Cinzas. Os temas propostos são: recordar a passagem do Senhor pela nossa vida; o jejum é manifestação de um desejo interior; Jesus indica o sentido do jejum.

Sumário

- Recordar a passagem do Senhor pela nossa vida.
- O jejum é manifestação de um desejo interior.
- Jesus indica o sentido do jejum.

«OUVE-ME, SENHOR, tem compaixão de mim» (Sl 30, 11). Com estas palavras da Antífona de entrada, começa a Missa de hoje. O clamor do salmista para ser escutado é reflexo da natureza do homem que recorre a Deus para pedir a sua ajuda. «Apelei a ti, Senhor, meu Deus – continua a dizer – e Tu me curaste. Senhor, livraste a minha alma da mansão dos mortos, poupaste-me a vida (...) para eu não descer ao túmulo. Ao cair da noite, vem o pranto; e, ao amanhecer, volta a alegria» (Sl 30, 3.4-6). O salmista descreve uma experiência comum: Deus que vem em nossa ajuda, quando O invocamos com humildade. Este tempo da Quaresma pode ser uma ocasião propícia para trazer à nossa memória as vezes que captámos essa assistência de Nosso Senhor. Se «conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele» (1Jo 4, 16), recordar esses momentos em que ocorreu em nossa ajuda será força para o presente e para o futuro.

Uma das tarefas do Espírito Santo que Jesus nos revela é justamente a de ajudar-nos a recordar as misericórdias de Deus, apoiar a fragilidade da nossa memória: «há de recordar-vos tudo o que Eu vos disse» (Jo 14, 16). «O Espírito Santo é como a memória, Ele desperta-nos: “Lembra-te disto, lembra-te daquilo”; mantém-nos acordados, sempre atentos sobre as coisas do Senhor e faz-nos recordar também a nossa vida: “Pensa neste momento, pensa em quando encontraste o Senhor, pensa em quando deixaste o Senhor”(...) É uma bonita forma de rezar, de olhar para o Senhor: “Sou o

mesmo. Andei muito, cometi tantos erros, mas sou o mesmo e Tu amas-me”. A memória do caminho da vida. E, nesta memória, o Espírito Santo guia-nos»^[1]. Há dois dias, ao impor-nos as cinzas, o sacerdote talvez nos tenha recordado a nossa origem e o nosso fim, que vimos do pó e a ele havemos de tornar. Recordar a passagem de Deus pela nossa vida pode ser um bom impulso de conversão para esta Quaresma que começa.

NA TRADIÇÃO JUDAICA, vivia-se o costume do jejum como forma de penitência. O profeta Isaías, no entanto, faz notar que de pouco serve um jejum vivido simplesmente como manifestação externa, mas sem piedade, sem autêntico desejo de orientar o nosso olhar para Deus. Diz o profeta que o jejum querido pelo Senhor, fruto de uma conversão interior, é antes este: «quebrar as cadeias injustas, desatar os laços da servidão, pôr em liberdade os oprimidos, destruir todos os jugos, repartir o teu pão com o faminto, dar pousada aos pobres sem abrigo, levar roupa aos que não têm que vestir e não voltar as costas ao teu semelhante» (Is 58, 6-7). O verdadeiro jejum é o que nos leva a amar mais a Deus e aos outros, saindo de nós próprios; é oração dos sentidos que frutifica à nossa volta. «O jejum não dá fruto se não for regado pela misericórdia, seca sem essa rega – diz S. Pedro Crisólogo –; o que é a chuva para a terra, é a misericórdia para o jejum»^[2].

«O jejum vivido como experiência de privação, para aqueles que o vivem com simplicidade de coração, leva a descobrir novamente o dom de Deus e a compreender a nossa realidade de criaturas que, à sua imagem e semelhança, encontram n'Ele o seu cumprimento»^[3]. Os costumes de abstinência que a Igreja recomenda devem ser manifestações de uma atitude interior; isso é, na realidade, o mais importante. S. Josemaria ensinava que toda a privação deve ser «sinal de que o coração não se satisfaz com as coisas criadas, mas aspira ao Criador, deseja encher-se do amor de Deus»^[4].

Experimentar a fome com o jejum recorda-nos que só Deus é o verdadeiro alimento e de quem provêm todos os bens: «O pão nosso de cada dia nos dai hoje», pedimos no Pai nosso. O jejum externo deve ser manifestação do nosso desejo interno por saciar-nos de Deus, por converter-nos novamente a Ele.

OS DISCÍPULOS de João Batista perguntam a Jesus porque é que eles jejuam com frequência, como também fazem os fariseus e, no entanto, os seus discípulos não o fazem. É uma pergunta oportuna de alguma coisa que seguramente chamaria a atenção dos judeus. «Podem os companheiros do esposo ficar de luto enquanto o esposo estiver com eles? – responde Jesus – Dias virão em que o esposo lhes será tirado e nessa altura hão de jejuar» (Mt 9, 15). O Senhor aproveita a ocasião para nos indicar o sentido do jejum e da penitência: unir-nos mais a Deus. Por isso, se o próprio Deus está com eles, essa prática perde relevância, aos seus discípulos convém saciarem-se com a sua presença. Por isso acrescenta: já jejuarão quando não estiver entre eles: então nesse momento precisarão dessa prática para aprender a centrar a atenção em Deus.

Experimentamos tantas vezes o nosso distanciamento de Deus, e é normal, pois estamos a caminho da morada do Pai. Cristo veio à terra precisamente para chamar os pecadores. Por isso, a Igreja recorda-nos a conveniência do jejum, dessa forma de oração do corpo, que nos ajuda a olhar para o alto, que é a única coisa importante. A consideração da nossa pequenez far-nos-á dizer com o salmo, que S. Josemaria recitava todas as noites: «Lava-me de toda a iniquidade; purifica-me dos meus delitos. Reconheço as minhas culpas e tenho sempre diante de mim os meus pecados» (Sl 50, 4-5). A Santa Maria podemos pedir muitas vezes ao dia que rogue por nós, pecadores, especialmente neste tempo propício de conversão que a Igreja nos preparou.

NOTAS

[1] Francisco, Meditação matutina, 11/05/2020.

[2] S. Pedro Crisólogo, Sermão 43.

[3] Francisco, Mensagem, 11/11/2020.

[4] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 110.

sábado depois das Cinzas

Reflexão para meditar no sábado depois das Cinzas. Os temas propostos são: a esmola que surge dum coração puro; S. Mateus deixou tudo e entregou a sua vida; amar a Deus e ao próximo.

Sumário

- A esmola que surge dum coração puro.
- S. Mateus deixou tudo e entregou a sua vida.
- Amar a Deus e ao próximo.

OS DIAS que se seguiram à quarta-feira de Cinzas trouxeram à nossa consideração o valor principal da oração, e com ela, do jejum e da esmola como práticas que manifestam o nosso desejo de conversão a Deus. O profeta Isaías exclama que só uma disposição reta, origem de todo o sacrifício, gera uma verdadeira mudança, visível através das obras de misericórdia a favor dos outros: «Quando afastares de ti a opressão, o dedo acusador e a calúnia, quando deres do que é teu ao faminto e saciares a alma aflita, a tua luz brilhará nas trevas, a tua escuridão como o meio-dia» (Is 58, 9-10).

Por isso, podemos pedir a Deus uma pureza interior que nos permita proporcionar aos outros a ajuda de que precisam e não a que nós desejamos prestar: «Ensina-me, Senhor, os teus caminhos, para que siga a tua verdade» (Sl 85). A certa altura, S. Josemaria lamentava: «Dá pena ver como alguns entendem a esmola: uns tostões ou alguma roupa velha. Parece que nunca leram o Evangelho»^[1]. A esmola verdadeira surge da doação interior, de um ato de amor para com o outro. Todos precisam da nossa esmola: na nossa família, as pessoas com quem trabalhamos, quem recebe um serviço através da nossa ocupação, etc.

«Não se resume porventura todo o Evangelho no único mandamento da caridade? A prática quaresmal da esmola torna-se, portanto, um meio para

aprofundar a nossa vocação cristã. Quando se oferece gratuitamente a si mesmo, o cristão testemunha que não é a riqueza material que dita as leis da existência, mas o amor. Deste modo, o que dá valor à esmola é o amor, que inspira formas diversas de doação»^[2].

AO LER NO Evangelho a história da vocação de S. Mateus, recordamos algo que chamou muito a atenção dos fariseus e escribas. O trabalho que desempenhava o futuro apóstolo supunha priorizar o pequeno poder pessoal que lhe conferia Roma acima das tradições do seu povo; podia pressupor um certo apego aos bens materiais acima da Lei de Deus. Mas Mateus viu algo diferente em Jesus que o levou a deixar tudo para seguir os seus passos. Por isso, abandonou o estilo de vida por que tinha optado, a segurança e o bem-estar que a sua posição lhe dava, o seu plano pessoal de progresso, etc. E essa decisão pô-lo tão contente que «ofereceu um banquete em sua honra» (Lc 5, 29).

Não parece que Jesus tenha procurado os apóstolos entre os mestres da Lei, nem sequer entre os fiéis mais observantes; pelo contrário, aproxima-se da mesa de quem é considerado pela sociedade judaica da época como um pecador. Aqui manifesta-se mais uma vez o mistério da misericórdia de Deus. «Os Evangelhos apresentam-nos um autêntico paradoxo: quem se encontra aparentemente mais longe da santidade pode converter-se inclusivamente num modelo de acolhimento da misericórdia de Deus, permitindo-lhe mostrar os seus maravilhosos efeitos na sua existência»^[3]. Como Mateus, também nós somos chamados a «viver de misericórdia para sermos instrumentos de compaixão (...). Quando nos sentimos carentes de perdão e consolação, aprendemos a ser misericordiosos com o próximo»^[4].

Muitos dos que rodeavam Mateus cumpriam a lei com rigor, mas não se sentiam necessitados de Deus, o que endurecia o seu coração para entregar-se a uma verdadeira esmola. O futuro apóstolo, pelo contrário, deixou todos os bens para seguir a Jesus, entregando toda a sua vida como esmola para quem o rodeava.

NO TEXTO EM QUE S. Mateus descreve a sua própria vocação, põe na boca de Jesus umas palavras referidas aos fariseus: «Ide aprender o que significa: “Quero misericórdia e não sacrifícios”» (Mt 9, 13, cf. Os 6, 6). Embora para muitos possa ter passado despercebida aquela referência ao profeta Oseias, retidão do atuar de Cristo era impossível não ser vista: passou fazendo o bem, atendendo às necessidades dos outros, curando os doentes, etc. A atenção de Jesus aos que o rodeavam é uma «síntese de toda a mensagem cristã: a verdadeira religião consiste no amor a Deus e ao próximo. É isto que dá valor ao culto e à prática dos preceitos»^[5].

Uma maneira de dar esmola durante esta Quaresma pode ser rever o amor com que realizamos as nossas obras. Os preceitos do povo de Israel tinham a finalidade de encontrar o amor de Deus em muitos pequenos pormenores do dia, mas essa boa intenção acabou por se converter no cumprimento duma série de atos a que não sabiam dar o seu verdadeiro sentido. Esta Quaresma pode ser uma ocasião para aumentar o desejo de que Cristo ocupe de verdade o centro da nossa vida. S. Josemaria apontava neste sentido: «Temos de nos decidir a segui-Lo de verdade: que o Senhor possa servir-se de nós para que, metidos em todas as encruzilhadas do mundo – estando nós metidos em Deus –, sejamos sal, fermento, luz. Tu, em Deus, para iluminar, para dar sabor, para acrescentar, para fermentar. Mas não te esqueças de que não somos nós que criamos essa luz: só a refletimos»^[6]. Se apresentarmos a Maria as nossas intenções mais profundas, as que querem converter o nosso coração a Deus, Ela intercederá ante Deus para que as possamos levar a cabo.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Sulco*, n. 26.

[2] Bento XVI, Mensagem para a Quaresma de 2008, 30/10/2017.

[3] Bento XVI, *Angelus*, 08/06/2008.

[4] Francisco, Audiência, 14/09/2016.

[5] Bento XVI, *Angelus*, 08/06/2008.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 250.

I domingo da Quaresma

Reflexão para meditar no I domingo da Quaresma. Os temas propostos são: Jesus acompanha-nos nas nossas fraquezas; as tentações procuram enfraquecer a nossa filiação divina; o demónio quer fazer-nos desconfiar de Deus.

Sumário

- Jesus acompanha-nos nas nossas fraquezas.
- As tentações procuram enfraquecer a nossa filiação divina.
- O demónio quer fazer-nos desconfiar de Deus.

TODOS OS ANOS, no primeiro domingo da Quaresma, a Igreja nos propõe meditar nas tentações que Jesus sofreu. Talvez a primeira vez que escutámos este relato nos tenha surpreendido que o próprio Deus feito homem fosse provado dessa forma. Jesus aceita-o, entre outros motivos, para que possamos estar seguros da sua companhia e compreensão. Assim aconteceu, por exemplo, a Sta. Catarina de Sena. Depois de uma noite em que tinha sofrido muito, perguntou: «Meu Senhor, onde estavas quando o meu coração se via atribulado com tantas tentações?». E escutou: «Estava dentro do teu coração»^[1].

Jesus luta dentro de nós, connosco e por nós. «Quando me invocar, hei de responder-lhe; estarei a seu lado na tribulação, para o salvar e encher de honras» (Sl 91, 15), diz Deus com palavras do salmista. Que paz nos dá saber que podemos viver as nossas dificuldades junto de Jesus! «Cristo era tentado pelo diabo e em Cristo eras tentado tu – escreve Sto. Agostinho – porque Cristo tomou a tua carne e deu-te a sua salvação, tomou a tua mortalidade e deu-te a sua vida, tomou de ti as injúrias e deu-te as honras, e toma agora a tua tentação para te dar a vitória»^[2].

Por vezes, ao pensar na nossa debilidade, podemos encher-nos de tristeza. No entanto, Cristo, que era perfeito Deus e perfeito homem,

também quis sofreu tentações; quis atravessar esse limiar para acompanhá-los. «O Senhor é o nosso modelo; e que, por isso, sendo Deus, permitiu que O tentassem, para nos animarmos, para estarmos seguros – com Ele – da vitória. Se sentires a trepidação da tua alma, nesses momentos, fala com o teu Deus e diz-Lhe: «Tem compaixão de mim, Senhor, porque desfaleço; a minha alma está muito perturbada» (Sl 6, 3 e 4). Será Ele a dizer-te: «Nada temas, porque Eu te resgatei, e te chamei pelo teu nome; tu és meu (Is 43, 1)»^[3].

«SE ÉS Filho de Deus» (Lc 4, 3): é assim que o diabo tenta Jesus em duas ocasiões. Foi com as mesmas palavras que o insultaram os que o conduziram à Cruz. Essas tentações têm que ver com a filiação divina, querem fazê-la cambalear. Pô-la em dúvida. O demónio ataca onde mais dano pode causar, questiona o mais profundo. Obviamente algumas tentações convidam-nos à preguiça, à ira, ao comodismo... Mas por trás dessas confusões é questionada a nossa condição de filhos de Deus. «Escravidão ou filiação divina: eis o dilema da nossa vida. Ou filhos de Deus, ou escravos da soberba, da sensualidade, desse egoísmo angustiante»^[4].

«Ou o inferno, ou a fuga, não há meio-termo»^[5], dizia também o santo Cura de Ars. O remédio, portanto, é voltar uma vez e outra à nossa condição de filhos. O nosso consolo é a confiança no que pode fazer Deus, que, como bom Pai, quer o melhor para nós. Aos olhos de um filho, as dificuldades não são mais que momentos em que fica claro quem é o seu pai. É certo que podem ser momentos menos agradáveis, mas o filho sabe que se trata de uma coisa passageira, está certo de que chegará a paz. Com efeito, as tentações podem ajudar-nos a recordar que precisamos de Deus, que não somos autossuficientes, e que precisamos de clamar para que o Senhor nos livre do mal. Deste modo, para quem se aproxima da ajuda de Deus, «as tentações e estorvos postos pelo demónio ajudam-na mais; porque é Sua Majestade a combater por ela»^[6].

«COMO GENERAL competente que cerca uma fortificação, o demónio estuda os pontos fracos do homem que tenta derrotar»^[7]. No entanto, certos

de que Deus é mais forte, neste tempo da Quaresma podem reparar nas suas manifestações de amor por nós, que nos deixou na pessoa do seu Filho. Gostaríamos de captar até o gesto mais insignificante de Cristo que caminha para Jerusalém para dar a sua vida pelos homens. O tentador, por seu turno, procura mentir-nos e fazer-nos suspeitar da Sua bondade. Fê-lo assim com os nossos primeiros pais e repetiu-o com o novo Adão. “Desconfia de Deus – sussurra-nos –. Se realmente fosse teu Pai, não passarias fome, não terias problemas, não estarias na cruz”.

O demónio tentou o Senhor dizendo: «Se és Filho de Deus, diz a esta pedra que se transforme em pão» (Lc 4, 3). E Jesus transformou-se precisamente em pão para que nunca nos falte o alimento que dá vida. O demónio tentou o Senhor dizendo: «Se és Filho de Deus, atira-te daqui abaixo» (Lc 4, 10). E Deus não quis evitar a morte do Seu Filho para nos salvar. Na realidade, em cada tentação. O demónio procura persuadir-nos com a maior burla da história; convencer-nos de que Deus não nos ama, de que Deus nos está a enganar.

Podemos pedir a Nossa Senhora, com palavras de S. Josemaria, a valentia de nos sabermos filhos no meio da fraqueza, porque queremos desfrutar do amor de Deus. «Mãe! – Chama-a bem alto. – Ela, a tua Mãe Santa Maria, escuta-te, vê-te em perigo talvez, e oferece-te, com a graça do seu Filho, o consolo do seu regaço, a ternura das suas carícias. E encontrar-te-ás reconfortado para a nova luta»^[8].

NOTAS

[1] Sta. Catarina de Sena, *Diálogo*, Parte II, cap. III (excerto da biografia de Sta. Catarina, escrita pelo Beato Raimundo de Cápua).

[2] Sto. Agostinho, *Comentário sobre o Salmo 60*.

[3] S. Josemaria, *Cartas 2*, n. 20.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 38.

[5] Sto. Cura de Ars, *Sermão sobre a perseverança*.

[6] Sta. Teresa, *Fundações*, 11, 7.

[7] S. Tomás de Aquino, *Sobre o Pai-nosso*.

[8] S. Josemaria, *Caminho*, n. 516.

Segunda-feira da I semana da Quaresma

Reflexão para meditar na segunda-feira da I semana da Quaresma. Os temas propostos são: renunciar ao pecado é um ganho; para ver Cristo nos outros; o céu para quem recebe tudo de Deus.

Sumário

- Renunciar ao pecado é um ganho.
- Para ver Cristo nos outros.
- O céu para quem recebe tudo de Deus.

«OS PRECEITOS do Senhor são retos e alegam o coração – canta o salmista – Os mandamentos do Senhor são claros e iluminam os olhos» (Sl 19, 9). Alegria para o coração e luz para os nossos olhos: são esses os frutos que o Senhor nos tem preparados se nos abirmos, durante esta Quaresma, à sua conversão. Deus quer-nos felizes e o primeiro ponto do Catecismo da Igreja Católica recorda-o: «Deus, infinitamente perfeito e bem-aventurado em Si mesmo, num desígnio de pura bondade, criou livremente o homem para o tornar participante da sua vida bem-aventurada»^[1].

Queremos pedir-Lhe luz para não ficarmos apenas na superfície das coisas, das pessoas, das nossas tarefas. Converter-se é olhar de uma forma nova para aquilo que já vimos muitas vezes. É o Espírito Santo que pode purificar o nosso olhar e purificar o nosso coração para querer melhor a Deus e aos outros. A mentira do inimigo consiste em nos fazer suspeitar que Deus nos pede só renúncia. No entanto, renunciar ao pecado é sempre um ganho, um benefício incalculável. «O sacrifício é só aparente: porque ao viver assim (...), liberta-se de muitas escravidões e consegue, no íntimo do seu coração, saborear todo o amor de Deus»^[2].

«A Quaresma é um novo começo, uma estrada que leva a um destino seguro: a Páscoa de Ressurreição, a vitória de Cristo sobre a morte. E este tempo não cessa de nos dirigir um forte convite à conversão: o cristão é

chamado a voltar para Deus «de todo o coração» (Jl 2, 12), não se contentando com uma vida medíocre, mas crescendo na amizade do Senhor (...). A Quaresma é o momento favorável para intensificarmos a vida espiritual»^[3].

«TIVE FOME e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me» (Mt 25, 35). Jesus diz aos discípulos que essa é a conduta daqueles, que no final, serão contados entre os bem-aventurados. S. Paulo, por sua vez, escreve aos Efésios: «Não cesso de dar graças a Deus por vós, quando vos recordo nas minhas orações» (Ef 1, 16). Deus disse claramente que nos espera em cada pessoa com quem nos encontramos; sabê-lo é já motivo suficiente de agradecimento. Se nos abirmos à sua graça, aprenderemos a descobrir o rasto da imagem divina em cada alma, especialmente na dos que passam por alguma necessidade. Saber que a esse colega, a essa amiga ou a esse familiar o Senhor não só o ama, mas que está até presente neles, é um estímulo para aí procurar o rosto de Cristo. Os que nos rodeiam são um dom de Deus para nós.

E como se fosse pouco, Jesus Cristo prometeu-nos que Ele próprio amará os homens através de nós. Chegaremos então a amar como Ele ama. «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes» (Mt 25, 40). Deus impele-nos a levar carinho, compreensão e paz aonde quer que nos encontremos. Neste empenho, um sorriso pode já ser já um bom início. «Não te esqueças que às vezes precisamos de ter ao nosso lado caras sorridentes»^[4], escreve S. Josemaria. Para sermos difusores de paz e de alegria à nossa volta, deveremos primeiro tê-las dentro. Nesse sentido, é importante sermos muito sinceros com Deus, connosco mesmos e com quem nos ajuda. «Não tenhamos medo de ser sinceros, de dizer a verdade, de ouvir a verdade, de nos identificarmos com a verdade. Assim poderemos amar (...). A hipocrisia tem medo da verdade. Prefere-se fingir em vez de ser o que se é»^[5]. Para alimentar o faminto, dar de beber ao sedento e acolher o peregrino, é importante, primeiro, pacificar o nosso interior; viver com uma serenidade que nos permita ver Cristo nos outros.

«VINDE, benditos de Meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a Criação do mundo» (Mt 25, 34). Em certo sentido, «o juízo final já *está a decorrer*, começa agora, durante a nossa existência. Este juízo é pronunciado em cada instante da vida, como referência do nosso acolhimento, com fé, da salvação presente e concreta em Cristo, ou então, da nossa incredulidade, com o conseqüente fechamento em nós mesmos»^[6]. Existe o risco de pensar neste caminho como uma dura luta para conseguir que Deus nos ame, sem nos apercebermos de que o Seu Amor é eterno e anterior a nós mesmos. Assim se compreende melhor que «o inferno consiste, formalmente, na recusa do ser humano em receber algo e na sua pretensão de ser totalmente autónomo. Ele é a expressão do encerramento em si próprio (...). A essência daquilo a que chamamos céu, “o alto” consiste, pelo contrário, num exclusivo receber (...), é aquilo que não é, nem poderia ser, feito por nós mesmos»^[7].

Nos antípodas desta atitude estão as exigências dos dois filhos da parábola do pai misericordioso. O mais novo exige: «Pai, dá-me a parte dos bens que me corresponde» (Lc 15,12). O mais velho, por sua vez, censura: «Nunca me deste sequer um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos» (Lc 15, 29). Ambos imaginam o que poderiam esperar, mas enganam-se. Ao mais novo, nem se lhe deixa terminar a sua frase quando regressa: «Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha. Dai-lhe um anel para o dedo e sandálias para os pés. Trazei o vitelo gordo e matai-o, vamos fazer um banquete e alegrar-nos» (Lc 15, 21-23). Ao mais velho, é prometido ainda mais: «Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu» (Lc 15, 22-31). Assim aprendem a receber e podem ir para o céu receber por toda a eternidade o amor infinito de Deus. No anseio de deixar atuar Deus na nossa alma, podemos unir-nos à oração de S. Josemaria: «Senhor, sim, com a ajuda da Nossa Mãe do Céu, seremos fiéis, seremos humildes, e nunca esqueceremos que temos pés de barro, e que tudo o que brilha em nós é Teu, é graça, é essa divinização que nos dás porque queres, porque és bom»^[8].

NOTAS

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 84.

[3] Francisco, Mensagem para a Quaresma de 2017, 18/10/2016.

[4] S. Josemaria, *Sulco*, n. 57.

[5] Francisco, Audiência, 25/08/2021.

[6] Francisco, Audiência, 11/12/2013.

[7] Joseph Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, Principia, Cascais 2005, p. 226 e 227.

[8] S. Josemaria, *Cartas 2*, n. 62.

Terça-feira da I semana da Quaresma

Reflexão para meditar na terça-feira da I semana da Quaresma. Os temas propostos são: pedimos que o nome de Deus seja santificado; podemos perdoar porque fomos perdoados; a vontade de Deus é amar-nos

Sumário

- Pedimos que o nome de Deus seja santificado.
- Podemos perdoar porque fomos perdoados.
- A vontade de Deus é amar-nos.

«PAI NOSSO, que estais nos Céus, santificado seja o vosso nome» (Mt 6, 9). Esta súplica é a primeira coisa que Jesus nos ensina a pedir. Solicitamos que «seja santificado o vosso nome» não porque Deus o necessite, mas porque é o que mais nos convém a nós; o Senhor ensina-nos a rezar do modo adequado para que sejamos felizes com Ele. A Quaresma é um tempo propício para intensificar a nossa oração, para escutar melhor o Espírito Santo em nós; e, por isso, é-nos novamente o Pai Nosso nos lábios.

Que significa que o nome de Deus seja santificado? Como podemos acrescentar algo a Deus? Nós podemos, na melhor das hipóteses, reconhecer a santidade de Deus, compreender de alguma maneira a sua infinita bondade. «A glória de Deus consiste em que o homem viva»^[1], diz Sto. Ireneu. Que alegria saber que somos objeto de uma predileção tão especial! «Que confiança, que descanso e que otimismo vos dará, no meio das dificuldades, sentir que sois filhos de um Pai que sabe tudo e que tudo pode»^[2].

As petições sucedem-se no Pai Nosso que Jesus ensina aos seus discípulos. São precedidas por uma advertência que nos introduz num clima de intimidade e confiança, anteriormente impensáveis para o homem: «O vosso Pai celeste sabe do que necessitais antes de vós lho pedirdes» (Mt 6, 8). A nossa oração não tem como objetivo alterar os desígnios divinos,

sábios desde toda a eternidade; ainda que, de modo real, mas misterioso, Deus conte com ela para os levar a cabo. Ao rezar, Deus introduz-nos na compreensão da sua bondade infinita. Quer «que o nosso desejo seja provado na oração. Assim nos prepara para receber o que está disposto a dar-nos»^[3].

EM TODA a oração do Pai Nosso, poder-se-ia dizer que só há uma ação que nos corresponde a nós, homens. Quando pedimos a Deus que nos perdoe, asseguramos que também «nós perdoamos a quem nos tem ofendido» (Mt 6, 12). Poderia parecer que se trata apenas de uma condição, mas é muito mais do que isso. Na realidade, o perdão de Deus precede-nos. De alguma forma, somos capazes de perdoar, de amar até esse extremo, só porque já fomos perdoados antes. «Não somos nós que construímos a caridade; ela nos invade com a graça de Deus, *porque foi Ele que nos amou primeiro*. Convém que nos impregnemos bem desta verdade belíssima: *se podemos amar a Deus, é porque por Deus fomos amados*. Tu e eu estamos em condições de esbanjar carinho a mãos cheias entre os que nos rodeiam, porque nascemos para a fé pelo Amor do Pai»^[4].

Perdoar é um ato divino por excelência. Significa restituir o infrator à sua condição anterior. «Deus é alegre! E em que consiste a alegria de Deus? A alegria de Deus é perdoar (...). É o júbilo de um pastor que encontra a sua ovelha; a alegria de uma mulher que encontra a sua moeda; é a felicidade de um pai que volta a receber em casa o filho que se tinha perdido, que estava morto e reviveu, voltou para casa. Aqui está o Evangelho inteiro!»^[5]. Quando conhecemos a alegria de Deus ao perdoar-nos, é natural que nos sintamos impelidos a fazer o mesmo com os outros; queremos ser parte dessa alegria. «Para aprender a perdoar – aconselhava S. Josemaria –, recorrei à confissão, com carinho, com devoção, e lá encontrareis a paz, a força para vencer e para amar»^[6].

«SEJA FEITA a vossa vontade assim na terra como no Céu» (Mt 6, 10). Talvez pensemos na vontade de Deus apenas como aquilo que Ele quer de nós. Esquecemos, contudo, que o ato principal do seu desígnio para conosco é amar-nos, e que uma consequência desse amor é oferecer-nos

mil maneiras de nos encher da Sua vida: os sacramentos, as relações com os que nos rodeiam, a oração, os mandamentos, etc. Ao pedir-Lhe “seja feita a vossa vontade”, estamos a pedir-Lhe, pelo menos em parte, que nos dê a graça de nos deixarmos atingir por esse amor. E, para isso, Jesus convidanos também a pedir o pão de cada dia, o seu Corpo e o seu Sangue. Esta é a vontade do seu Pai: que os seus filhos estejam o mais unidos possível.

«Aconteça o que acontecer nas vossas vidas – pregava S. Josemaria – por mais triste e sombrio e até abominável que seja, fazei rapidamente este processo mental: Deus é meu Pai; Deus ama-me mais do que todas as mães do mundo juntas poderão amar os seus filhos. O meu Pai Deus é, além disso, onisciente e onipotente. Portanto, tudo o que acontece é para bem. Vereis que paz, meus filhos, que sorriso vos iluminará a boca, mesmo que tenhais o rosto banhado em lágrimas»^[7].

O facto de pedirmos que se faça a vontade de Deus não anula a nossa. «O poder da graça precisa de se conjugar com as nossas obras de misericórdia, que somos chamados a viver para dar testemunho de quão grande é o amor de Deus»^[8], especialmente durante a Quaresma. A Virgem Maria, filha de Deus Pai, rezou certamente o Pai Nosso muitas vezes. Já tinha pronunciado o seu “faça-se” pessoal e ficaria surpreendida ao ver como a realidade tinha excedido as suas expectativas mais ousadas. Testemunhou a entrega do seu Filho e talvez se tenha sentido confortada ao recebê-lo na Eucaristia. Podemos pedir-lhe que nos faça compreender e saborear as palavras de Jesus.

NOTAS

[1] Sto. Ireneu, *Contra as heresias*, Livro 4, 20.5-7.

[2] S. Josemaria, *Cartas* 29, n. 60.

[3] Sto. Agostinho, *Epístola* 130, 8, 17.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 229.

[5] Francisco, Angelus, 15/09/2013.

[6] S. Josemaria, 02/06/1974, citado em Javier Echevarría, *Lembrando o Beato Josemaria Escrivá*, p. 162.

[7] S. Josemaria, citado em Julián Herranz, *Dios y audacia. Mi juventud junto a San Josemaría*, pp. 166-167.

[8] Francisco, Audiência, 29/09/2021.

Quarta-feira da I semana da Quaresma

Reflexão para meditar na quarta-feira da I semana da Quaresma. Os temas propostos são: Deus ama-nos, aconteça o que acontecer; espírito de exame para arrepender-se; o momento grato da confissão.

Sumário

- Deus ama-nos, aconteça o que acontecer.
- Espírito de exame para arrepender-se.
- O momento grato da confissão.

«COMPADECEI-VOS de mim, ó Deus, pela vossa bondade – exclama o salmista, dirigindo-se ao céu –; pela vossa grande misericórdia apagai os meus pecados» (Sl 51, 3). Cumpre-se uma semana desde que começámos a Quaresma, que Deus nos oferece para nos convertermos e gozar de novo do seu amor. S. João Crisóstomo, procurando explicar o motivo que impulsionava S. Paulo a viver a sua entrega a Jesus Cristo, dizia: «Experimentar o amor de Cristo representava para ele a vida, o mundo, a companhia dos anjos, os bens presentes e futuros, o reino, as promessas, o conjunto de todo o bem»^[1]. Um dos maiores bens que podemos experimentar especialmente neste tempo é o perdão de Deus, a sua misericórdia, a liberdade com que nos ama. «Quem poderá explicar devidamente a bondade de Deus? Em vez de recebermos a pena devida pelos nossos crimes, recebemos as recompensas prometidas à virtude»^[2].

«Deus continua a amar todo o homem (...). Deus não te ama, porque pensas certo e te comportas bem; ama-te... e basta! O seu amor é incondicional, não depende de ti. Podes ter ideias erradas, podes tê-las combinado de todas as cores, mas o Senhor não desiste de te querer bem. Quantas vezes pensamos que Deus é bom, se formos bons; e castiga-nos, se formos maus; mas não é assim! Nos nossos pecados, continua a amar-nos. O seu amor não muda, não é melindroso; é fiel, é paciente»^[3]. Perante esta realidade tão surpreendente e, por outro lado, tão diferente do nosso

coração, enchemo-nos de agradecimento. Para que não nos reste dúvida alguma acerca do seu perdão, torna-o audível através da voz de um sacerdote: “Eu te absolvo dos teus pecados”. Não podemos arrastar a culpa. Jesus Cristo apagou-a.

«O SACRIFÍCIO agradável a Deus é um espírito arrependido: não desprezareis, Senhor, um espírito humilhado e contrito» (Sl 51, 19). O nosso arrependimento abre as portas de par em par a Deus. Não Lhe dizemos como tem de nos amar nem nos atrevemos a pôr-Lhe condições. «Somos livres porque fomos libertados, libertados pela graça – não por pagamento – libertados pelo amor, que se converte na lei suprema e nova da vida cristã»^[4]. Descobrimos que para Deus é fácil perdoar porque nos amou, e ama, muito, «até ao extremo» (Jo 13, 1). O amor de Deus por nós não depende dos nossos méritos nem de como nos comportamos. Só há uma forma de o travar: quando não nos deixarmos perdoar. Essa é, de certo modo, a única barreira intransponível para o Deus onnipotente que nos deu o grande poder da liberdade.

Nesse sentido, poderia dizer-se que precisamos de conhecer-nos bem, e conhecendo também a Deus, arrepender-nos dos nossos pecados, dar-nos conta de que o melhor para nós teria sido agir de outro modo. Sabemos que a santidade não consiste num mero cumprimento de obrigações, mas que é a vida do Espírito Santo na nossa alma. Procurar dentro de nós o que obstaculiza a sua tarefa pode parecer simples, mas nem sempre o conseguimos fazer, nem sempre somos suficientemente valentes e honestos para olhar. Por vezes, encontramos desculpas para não examinarmos a nossa vida. Por isso, S. Josemaria assegurava que «o exame diário de consciência nos dará o conhecimento próprio, a verdadeira humildade e, como consequência, nos obterá do céu a perseverança»^[5]. Também Santo Agostinho era realista e, por isso, sabia que se tratava de uma tarefa de toda a vida: «Nunca falta que perdoar; somos homens»^[6].

«NÃO TE ASSUSTES, nunca mais, por deparares dentro de ti com abismos de vileza. Clama, suplica, percorre as etapas do filho pródigo. Logo que te confessas pecador, o teu Pai Deus sai ao teu encontro naquilo

que a soberba te ocultava como pecado. Começa para ti uma grande festa – a alegria profunda do arrependimento – e estreias um fato limpo: uma caridade mais profunda, mais divina e mais humana»^[7].

Que estranho mecanismo nos leva a não reconhecer os nossos pecados? Talvez seja o medo de não sermos estimados, a vergonha de nos reconhecermos débeis, a frivolidade de não querer deixar esses refúgios aparentes. Seja o que for, Jesus oferece-nos repetidamente um remédio formidável: a confissão sincera dos nossos pecados perante o sacerdote que torna Cristo presente. «Não há melhor ato de arrependimento e desagravo do que uma boa confissão. Aí recebemos a força de que necessitamos para lutar»^[8]. Jesus espera-nos pacientemente. Ele sabe que podemos ter saudades do lar paterno, que talvez sintamos a nostalgia do seu calor.

S. Paulo VI dizia que «talvez os momentos de uma confissão sincera estejam entre os mais doces, mais reconfortantes e mais decisivos da vida»^[9]. Por isso, contagiar o nosso amor pela confissão é «o melhor favor que podeis fazer a um amigo vosso, a melhor manifestação de afeto»^[10]. Podemos pedir ao Espírito Santo que nos ajude a vivê-la melhor para assim sermos testemunhos desse caminho de felicidade. E também a Maria, refúgio dos pecadores, podemos pedir que leve esta alegria também aos nossos amigos e familiares.

NOTAS

[1] S. João Crisóstomo, Homilia 2 sobre os louvores de S. Paulo.

[2] S. Gregório Magno, Homilia 20 sobre os Evangelhos.

[3] Francisco, Homilia, 24/12/2019.

[4] Francisco, Audiência, 13/10/2021.

[5] S. Josemaria, *Cartas* 2, n. 35.

[6] Sto. Agostinho, Sermão 57.

[7] S. Josemaria, Carta 14/02/1974, n. 7.

[8] S. Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, “Tempo de reparar”, n. 7.

[9] S. Paulo VI, Alocução, 27/02/1975.

[10] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 01/07/1974.

Quinta-feira da I semana da Quaresma

Reflexão para meditar na quinta-feira da I semana da Quaresma. Os temas propostos são: rezar conforma-nos com o querer de Deus; Jesus impele-nos à oração de petição; pedir com o Pai Noss

Sumário

- Rezar conforma-nos com o querer de Deus.
- Jesus impele-nos à oração de petição.
- Pedir com o Pai Nosso.

«AJUDA-ME, que sou órfã, e põe na minha boca uma palavra apropriada» (Est 4, 17). Com estas palavras, a rainha Ester suplicava ao Senhor que protegesse o povo judeu da destruição. Tinha lido muitas vezes o que Deus fizera em tempos antigos com os seus antepassados e estava convencida de que o poder do seu braço não empequenecera. Com essa mesma fé clama o salmista «De todo o coração, Senhor, eu Vos dou graças, porque ouvistes as palavras da minha boca» (Sl 138, 2). De geração em geração aprendemos que a oração tudo pode, porque nos conforma interiormente com o querer de Deus, e para Ele nada é impossível.

S. Josemaria, em certa ocasião, apresentou a várias das suas primeiras filhas do Opus Dei um panorama apostólico muito extenso. «Perante isto – disse-lhes – podem ter-se duas reações: uma, a de pensar que é algo muito bonito, mas quimérico, irrealizável; e outra, de confiança no Senhor que, se nos pediu tudo isso, nos ajudará a levá-lo para a frente»^[1]. Ver as coisas como Deus as vê não é nada fácil. Contudo, este é um dos principais frutos do Espírito Santo, o dom de sabedoria, que se cultiva especialmente na oração: «Devemos despertar Cristo em nossos corações e só assim poderemos contemplar as coisas com o seu olhar, porque ele vê além da tempestade. Através do seu olhar sereno, podemos ver um panorama que, sozinho, nem é concebível vislumbrar»^[2]. A sabedoria que nos é concedida na oração ajuda-nos a confiar no Senhor. Até para rezar podemos pedir

ajuda, como a rainha Ester, para que Deus ponha na nossa boca a palavra apropriada.

ONDE SE podem ir buscar as forças necessárias para levar a cabo uma missão que excede a nossa imaginação e as nossas capacidades? Só podemos encontrar impulso na oração. A uma filha sua que ia para a Irlanda para ali desenvolver o trabalho apostólico do Opus Dei, S. Josemaria dizia-lhe: «Quando te peço uma coisa, minha filha, não me digas que é impossível, porque isso já eu o sei. Mas, desde que comecei a Obra, o Senhor pediu-me muitos impossíveis... e eles foram tornando-se realidade!»^[3].

Ante a envergadura daquilo que Deus pede, podemos desanimar e não o fazer, ou, pelo contrário, corresponder com uma petição ainda *mais arrojada*: «Que pede um menino ao pai..., a lua!: coisas absurdas. Pedi e receberei, batei e abrir-se-vos-á (Mt 7, 7). O que podemos pedir a Deus? Aos nossos pais pedimos-lhes tudo. Pedi a lua e Ele vo-la dará, pedi-lhe sem medo tudo o que quiserdes. Ele sempre vo-lo dará, de um modo ou de outro. Pedi com confiança»^[4]. A única exigência divina, como nos mostra o Evangelho, é que peçamos: «Pedi e dar-se-vos-á, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á» (Mt 7, 7). E, no caso de nos passarem despercebidas as intenções que Deus tem de nos conceder tantos dons, Jesus dá dois exemplos próximos: «Quem de vós, se um filho lhe pedir um pão, lhe dará uma pedra? Ou se lhe pedir um peixe lhe dará uma serpente?» (Mt 7, 9-10).

Uma das práticas que a Igreja recomenda na Quaresma é precisamente a oração. Podemos perguntar-nos se a nossa oração é cheia de tanta confiança, que até pedimos ao Senhor coisas que parecem impossíveis. No entanto, procuraremos também que a nossa oração inclua sempre a aceitação da vontade divina, porque ninguém como Deus sabe o que nos convém.

«**TODOS PRECISAMOS** de rezar, de cumprir piedosamente as normas do nosso plano de vida, para que haja uma vida de oração contínua, um conjunto de corações que se elevam ao Céu, oferecendo também as nossas

misérias pessoais, e deixando que o Senhor atue sem que se interponham como obstáculos essas misérias»^[5]. Jesus não deixa de insistir em que confiemos nele: «Pois se vós, sendo maus, sabeis dar coisas boas, quanto mais o vosso Pai que está nos céus dará coisas boas aos que lhas pedem?» (Mt 7, 11).

«A nossa oração, com muita frequência, é um pedido de ajuda nas necessidades. E é mesmo normal para o homem, porque precisamos de ajuda, precisamos dos outros, precisamos de Deus. Desse modo, é normal para nós pedirmos alguma coisa a Deus, procurar a sua ajuda. Devemos ter presente que a oração que o Senhor nos ensinou, o *Pai Nosso* é uma oração de petição, e com esta oração, o Senhor ensina-nos as prioridades da nossa oração, limpa e purifica os nossos desejos, e assim limpa e purifica o nosso coração»^[6].

Nossa Senhora é a onipotência suplicante. Em Caná, como em muitas outras ocasiões, Maria alcançou do seu Filho o que considerava que era bom para os seus discípulos. Temos uma mãe que pedirá o melhor para nós, e se a deixarmos, conseguirá do seu Filho as graças de que necessitamos para encher o mundo da sua alegria.

NOTAS

[1] S. Josemaria, citado em Andrés Vázquez de Prada, *Josemaria Escrivá*, Volume II, Lisboa, Verbo, 2003.

[2] Francisco, Audiência, 10/11/2021.

[3] S. Josemaria, citado em Ana Sastre, *Tempo de Caminhar*, Lisboa, Diel, 1989, nota 51.

[4] S. Josemaria, Notas de uma meditação, 24/12/1967.

[5] S. Josemaria, citado em Javier Echevarría, *Lembrando o Beato Josemaria*, Lisboa, Diel, 2000, p. 267.

[6] Bento XVI, Audiência, 20/06/2012.

Sexta-feira da I semana da Quaresma

Reflexão para meditar na sexta-feira da I semana da Quaresma. Os temas propostos são: Os juízos críticos e o quinto mandamento; pensar o melhor possível dos outros; o amor de Deus livra-nos da inveja.

Sumário

- Os juízos críticos e o quinto mandamento.
- Pensar o melhor possível dos outros.
- O amor de Deus livra-nos da inveja.

«AS SENTINELAS esperam a aurora, mas tu Israel, espera no Senhor; pois a misericórdia está no Senhor, nele está a Redenção abundante» (Sl 131, 7-8). Nós, cristãos, esperamos num Deus que é perdão e misericórdia, queremos olhar para o mundo junto d'Ele. A luta pela santidade também podia definir-se assim: essa progressiva identificação do nosso olhar com o Seu. Essa tarefa parte da purificação do nosso coração, mas não se trata de um processo automático. Por vezes, pode parecer-nos que estamos demasiado inclinados para o juízo temerário, para olhar as coisas só do nosso ponto de vista, sem sermos conscientes do mal que fazemos aos outros e do que nos faz a nós próprios. Jesus relaciona estas desavenças e inimizades com o quinto mandamento, o que manda não matar (cf. Mt 5, 21-24).

«Quem pode julgar o homem? A terra inteira está cheia de juízos temerários. Com efeito, aquele de quem desesperávamos, na altura em que menos se espera, converte-se subitamente e chega a ser o melhor de todos. Pelo contrário, aquele em quem tanto tínhamos confiado, no momento menos pensado, cai subitamente»^[1]. O Reino de Deus está entre nós, e só o Senhor ocupará o lugar de juiz. Por que caímos com tanta frequência em juízos críticos? «Como é fácil criticar os outros! (...). O Espírito Santo, além de nos doar a mansidão, convida-nos à solidariedade, a levar os pesos dos outros. Quantos pesos estão presentes na vida duma pessoa: a doença, a

falta de trabalho, a solidão, a dor...! E quantas outras provas que requerem a proximidade e o amor dos irmãos!»^[2].

NÃO É FÁCIL desativar o mecanismo interior que nos leva à crítica, mas o Espírito Santo pode dar-nos luz para descobrir o que se passa no nosso coração quando surgem essas emoções negativas. «O dedo que aponta e o juízo que fazemos dos outros são com frequência um sinal da nossa incapacidade para aceitar a nossa própria debilidade, a nossa própria fragilidade. Só a ternura nos salvará da obra do Acusador (cf. Ap 12, 10). Por esta razão é importante encontrarmo-nos com a Misericórdia de Deus, especialmente no sacramento da Reconciliação, tendo uma experiência de verdade e de ternura»^[3]. Uma consciência profunda do perdão, de não termos feito méritos para receber tanta bondade de Deus, levar-nos-á a considerar da mesma maneira aos outros, com um olhar benevolente. Algumas vezes, julgar os outros pode ser sintoma de nos julgarmos merecedores da graça, consequência de um Deus que não ama, mas paga.

Um caminho para não cair no juízo crítico é pensar sempre o melhor possível dos outros. S. Tomás de Aquino afirmava que «pode acontecer que quem interpreta no melhor sentido se engane com mais frequência; mas é melhor que alguém se engane muitas vezes tendo bom conceito dum homem mau, do que o que se engana raras vezes pensando mal dum homem bom, pois neste caso se faz uma injúria a outro, o que não acontece no primeiro»^[4]. É melhor enganar-se, pensando bem do que injuriar por pensar mal. «Paradoxalmente, mesmo o Maligno nos pode dizer a verdade, mas, se o faz, é para nos condenar. Sabemos, no entanto, que a Verdade que vem de Deus não nos condena, mas que nos acolhe, nos abraça, nos sustenta, nos perdoa»^[5]. «Habitua-te a falar cordialmente de tudo e de todos – recomendava S. Josemaria – em especial, dos que trabalham ao serviço de Deus. E quando isso não for possível, cala-te! Também os comentários bruscos ou descuidados podem raiar a murmuração ou a difamação»^[6].

«SE LEVARES em consideração as culpas, Senhor, quem, meu Senhor, poderá subsistir?» (Sl 130, 3), perguntamo-nos com o salmista. Por isso, consola-nos pensar quanto o Senhor nos perdoou a cada um, considerar o

seu amor gratuito para conosco, apesar das nossas traições. No entanto, paradoxalmente, por vezes a inveja leva-nos a entristecer-nos com os bens alheios, fundamentalmente com o amor ou a deferência que recebem. Se fôssemos plenamente conscientes de como é o amor exclusivo de Deus por cada um, este desvio não teria lugar no nosso coração.

O Santo Cura d’Ars dizia que «se tivéssemos a dita de estar livres do orgulho e da inveja, nunca julgaríamos ninguém, mas contentar-nos-íamos com chorar as nossas misérias espirituais, rezar pelos pobres pecadores, e mais nada, bem persuadidos de que Deus não nos pedirá contas dos atos dos outros, mas só dos nossos»^[7]. No entanto, enquanto não aprendermos a alegrar-nos com os bens dos outros, a inveja acompanhar-nos-á ao longo de todo o nosso caminhar na terra. Para nossa sorte, Jesus aceitará um juízo injusto que ferirá a Sua honra para nós sermos livres de qualquer condenação; para nos vermos livres da própria necessidade de julgar e de sermos julgados.

«A Santíssima Trindade coroou a nossa Mãe. – Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, pedir-nos-á contas de toda a palavra ociosa. Outro motivo para dizermos a Santa Maria que nos ensine a falar sempre na presença do Senhor»^[8].

NOTAS

[1] Sto. Agostinho, *Sermão 46, Sobre os pastores*, 24-25.

[2] Francisco, Audiência, 03/11/2021.

[3] Francisco, *Patris Corde*, n. 2.

[4] S. Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II-II, q.60, n.4, ad 1.

[5] Francisco, *Patris Corde*, n. 2.

[6] S. Josemaria, *Sulco*, n. 902.

[7] Santo Cura d’Ars, *Sermão sobre o juízo temerário*.

[8] S. Josemaria, *Sulco*, n. 926.

sábado da I semana da Quaresma

Reflexão para meditar no sábado da I semana da Quaresma. Os temas propostos são: Jesus manda-nos amar os nossos inimigos; Deus faz chover sobre bons e maus; trazer o campo de batalha para nossa própria vida.

Sumário

- Jesus manda-nos amar os nossos inimigos.
- Deus faz chover sobre bons e maus.
- Trazer o campo de batalha para nossa própria vida.

«AMAI os vossos inimigos e rezai pelos que vos perseguem» (Mt 5, 44): estas indicações de Cristo contam-se entre as mais surpreendentes da sua pregação. Talvez muitas vezes contrastem com as nossas reações mais imediatas. Apercebemo-nos de que não são palavras que solicitam uma reação superficial, como se nos fosse simplesmente pedido para ceder perante quem nos faz mal; é muito mais do que isso: devemos amar e rezar.

«As palavras de Jesus são claras (...). Não é um *opcional*, é uma ordem (...). Ele sabe muito bem que amar os inimigos vai além das nossas possibilidades, mas foi por esta razão que se fez homem: não para nos deixar tal como somos, mas para nos transformar em homens e mulheres capazes de um amor maior, aquele do seu e do nosso Pai (...). Este mandamento, de responder ao insulto e à ofensa com o amor, gerou no mundo uma nova cultura: a cultura da misericórdia. É a revolução do amor, em que os protagonistas são os mártires de todos os tempos»^[1].

Para o conseguir, poremos toda a nossa esperança na graça. «Quero observar os teus decretos, nunca me abandones» (Sl 119, 8), pedimos com o salmo. Essa ajuda de Deus não só atua na nossa vontade, mas também na inteligência e no coração. «Penso que não tenho inimigos – escrevia S. Josemaria, numa época de perseguições –. Encontrei-me, na minha vida, com pessoas que me fizeram mal, mal positivo. Não penso que sejam

inimigos: sou muito pouco para os ter. No entanto, desde agora, eles e elas ficam incluídos na categoria de meus benfeitores, para rezar diariamente por eles ao Senhor»^[2].

«QUE RAZÃO tens para não amar? – interroga-se S. João Crisóstomo –. Que o outro respondeu aos teus favores com injúrias? Que quis derramar o teu sangue como agradecimento dos teus benefícios? Mas, se amas por Cristo, essas são razões que te hão de levar a amar ainda mais. Porque o que destrói as amizades do mundo, é o que afiança a caridade de Cristo. Como? Primeiro, porque esse ingrato é para ti causa de um prémio maior. Segundo, porque esse precisamente precisa de mais ajuda e de cuidado mais intenso»^[3]. Que mundo tão cinzento seria este se todas as pessoas fossem iguais, e se todos fossem para nós igualmente agradáveis. Não é essa a realidade, e Jesus pede-nos que amemos, rezemos e sirvamos a todos. Pensar o contrário traz-nos à mente as palavras de Caim, carregadas de inveja e de ódio: «Porventura sou o guarda do meu irmão?» (Gn 4, 9).

Se voltarmos o olhar para Cristo, ressoa na nossa alma o seu amor para com todos os homens: «Que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus, que faz nascer o sol sobre bons e maus, e faz chover sobre justos e pecadores» (Mt 5, 45). «Far-nos-á bem, hoje, pensar num inimigo – penso que todos nós temos algum – que nos fez mal ou que nos quer fazer mal ou que tenta fazer mal. Rezemos por ele. Peçamos ao Senhor que nos dê a graça de o amar»^[4]. Contudo, não é preciso pensar em lugares distantes, em campos de batalha, ou em inimigos poderosos. Talvez tenhamos que lutar na nossa própria casa por compreender, perdoar e não guardar rancor a um irmão, a uma filha ou ao nosso cônjuge. Quantas vezes verificámos como a graça torna possível o que antes nem sequer tínhamos imaginado.

«OS HOMENS sem remédio são os que deixam de reparar nos seus próprios pecados para se fixarem nos dos outros – escreve Sto. Agostinho –. Não procuram o que é preciso corrigir, mas em que podem morder. E, ao não poderem desculpar-se a si próprios, estão sempre dispostos a acusar os outros»^[5]. Empreender a tarefa de amar os inimigos tem como consequência que, ao mesmo tempo, aprendemos a focar-nos na nossa

debilidade, nas nossas faltas, em tudo o que na nossa vida deve ainda identificar-se com Cristo. Essa atitude está impregnada de um realismo muito mais prático, porque o que efetivamente podemos mudar, ajudados por Deus, é o que temos no nosso coração. Abandonamos um campo de batalha fantasista – a vida dos outros – para encher de bem o mundo a partir de uma luta muito mais próxima. Deixamos que Deus mude o curso da história, enquanto nós retificamos o rumo que temos entre mãos.

«Temos que compreender todos, temos que conviver com todos, temos que desculpar todos, temos que perdoar a todos. Não diremos que o injusto é justo, que a ofensa a Deus não é ofensa a Deus, que o mau é bom. Mas, perante o mal, não responderemos com outro mal, mas com a doutrina clara e com a ação boa: afogando o mal em abundância de bem (cf. Rm 12, 21)»^[6]. Não se trata de não corrigir, quando as circunstâncias o peçam. Também não se trata de sermos ingénuo, antes pelo contrário: trata-se de adquirir a sabedoria de Deus. O amor maduro, generoso e discreto, é capaz de esquecer as ofensas, não ter em conta as faltas de apreço, encher-se de coragem e imitar Cristo ao pé da cruz: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem» (Lc 23, 34).

À Virgem Maria, Rainha da paz, podemos pedir que nos ensine a amar a todos os seus filhos e a rezar pelos que talvez nos tenham feito mal, e que nos ajude a trazer o campo de batalha para a nossa própria alma.

NOTAS

[1] Francisco, *Angelus*, 24/02/2019.

[2] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, 28/10/1931, citado em *Camino. Edición crítico-histórica*, p. 933.

[3] S. João Crisóstomo, *Homilia sobre S. Mateus*, 60, 3.

[4] Francisco, *Homilia*, 19/06/2018.

[5] Sto. Agostinho, *Sermão 19*.

[6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 182.

II domingo da Quaresma (Ciclo B)

Reflexão para meditar no II domingo da Quaresma (Ciclo B). Os temas propostos são: Abraão, modelo de fé; Deus não perdoou o seu Filho; escutar a voz de Deus.

Sumário

- Abraão, modelo de fé.
- Deus não perdoou o seu Filho.
- Escutar a voz de Deus.

NESTE SEGUNDO domingo da Quaresma, contemplamos a figura de Abraão, que caminhava pendente das chamadas de Deus, com o coração atento aos seus desejos. O Génesis conta-nos que um dia Javé pôs Abraão à prova com um pedido assombroso, aparentemente impróprio do Deus da vida. Após muitos anos de oração e de espera, tinha finalmente nascido o seu filho Isaac, sobre o qual tinha recaído a promessa de um povo inumerável. De repente, o Senhor pede-lhe algo contraditório com aquilo que Abraão tinha ouvido até então: «Toma o teu filho, o teu único filho, a quem tanto amas, Isaac, e vai à terra de Moriá, onde o oferecerás em holocausto, num dos montes que Eu te indicar» (Gn 22, 2).

Se o pedido de Deus é surpreendente, a resposta de Abraão não fica muito atrás. «Quando chegaram ao local designado por Deus, Abraão levantou um altar e colocou a lenha sobre ele, atou o seu filho Isaac e pô-lo sobre o altar, em cima da lenha. Depois, estendendo a mão, puxou do cutelo para degolar o filho» (Gn 22, 8-10). Perante uma vontade divina tão difícil de compreender e aceitar, a fé de Abraão não tremeu, não vacilou, porque no seu coração sabia «que Deus pode ressuscitar os mortos» (Hb 11, 19).

O anjo do Senhor, que aparece no último momento para deter a mão do Patriarca, felicita-o duas vezes em nome de Deus por não lhe ter negado o seu filho. Abraão tinha aprendido a responder à voz divina dizendo «aqui

estou» (Gn 22, 1.11). Certamente não era capaz de compreender o motivo pelo qual Deus desejava o sacrifício do seu filho amado; no entanto, não discute com Javé nem se revolta. Aceita mais uma vez, como desde o início, o plano que o Senhor tinha traçado para a sua vida. Em todas as circunstâncias, na luz e na escuridão, o seu coração submete-se à Palavra e obedece^[1]. Pela sua resposta ao Senhor, Abraão é modelo daquele que crê e segue com fé a vontade de Deus, inclusivamente quando essa vontade se revela difícil e, em muitos casos, incompreensível e dramática^[2].

ESTE acontecimento misterioso adquire todo o seu significado com o sacrifício redentor de Cristo no Monte Calvário. A terra de Moriá é precisamente o lugar sobre o qual Jerusalém será construída. O holocausto de Isaac, que não se chega a consumir, é uma imagem do sacrifício de Cristo, filho único do Pai, que morre na Cruz para formar um novo povo, a Igreja, na qual toda a humanidade é convidada a integrar-se. Deus poupou Isaac e poupou também o coração de Abraão, mas não poupou o seu próprio Filho, antes O entregou por todos nós (cf. Rm 8, 32). «Ele, que deteve o braço de Abraão no momento em que estava para imolar Isaac, não hesitou em sacrificar o próprio Filho para a nossa redenção»^[3].

Em ambas as cenas, encontramos um pai que entrega o seu filho amado, um filho que aceita de bom grado a vontade do pai, e um holocausto no cimo de um monte, sobre um altar onde está presente um lenho. Para Abraão, a entrega do seu filho foi um ato de fé, para Deus Pai foi um ato de amor, porque Cristo é o Amado, o Unigénito. Na carta aos Romanos, S. Paulo entusiasma-se quando medita sobre isto e exclama: «Se Deus está por nós, quem estará contra nós? Deus, que não poupou o seu próprio Filho, mas O entregou à morte por todos nós, como não havia de nos dar, com Ele, todas as coisas?» (Rm 8, 31-32). O mistério do amor divino revela-se de forma luminosa no sacrifício da Cruz. É precisamente nele que se esconde o seu amor: onde aparentemente só há morte, Deus mostra a sua generosidade; onde os homens pronunciam palavras de condenação e desprezo, Deus realiza a sua salvação e manifesta assim a sua glória.

Toda a vida humana, com os seus momentos de alegria e de dor, pode ser compreendida à luz do sacrifício de Jesus no Calvário. Precisamente

naqueles momentos em que a dor adquire maior protagonismo, em todas as suas formas, o sentimento de filiação faz-nos entender que Deus nos abençoa mesmo quando nos deparamos com a cruz. Não se trata de um castigo, nem de um esquecimento por parte de Nosso Senhor, mas pelo contrário: nesses momentos Ele é mais Pai do que nunca. Assim ensinava S. Josemaria com a sua vida: «Ao longo dos anos, tenho procurado apoiar-me sem desfalecimento nesta feliz realidade. Em todas as circunstâncias, a minha oração tem sido a mesma com tonalidades diferentes. Tenho-lhe dito: Senhor, Tu colocaste-me aqui; Tu confiaste-me isto ou aquilo, e eu confio em Ti. Sei que és meu Pai e tenho visto sempre que as crianças confiam absolutamente nos pais»^[4].

O EVANGELHO deste segundo domingo da Quaresma leva-nos a outro monte: o cume do Tabor. Aí vemos Moisés e Elias a conversar com Jesus. De repente, uma nuvem cobre-os e, ao mesmo tempo, ouve-se uma voz do céu: «Este é o meu Filho muito Amado: escutai-O» (Mc 9, 7). Três apóstolos – Pedro, Tiago e João – testemunham a Transfiguração. Contudo, não entendem o que estão a ver, nem compreendem as últimas palavras de Jesus, quando os adverte sobre a sua morte e ressurreição (cf. Mc 9, 9-10).

Por vezes, podemos ter uma experiência semelhante à dos apóstolos. Durante um determinado período de tempo, sentimos com especial intensidade a proximidade de Deus, o que nos leva a exclamar como Pedro: «como é bom estarmos aqui; façamos três tendas» (Mc 9, 5). Como desfrutamos de uma maneira particular a presença divina na nossa vida, desejamos que aquela situação se prolongue o maior tempo possível. Porém, «a ninguém é dado viver “no Tabor” enquanto estiver nesta terra. Com efeito, a existência humana é um caminho de fé e, como tal, progride mais na penumbra que na plena luz, não sem momentos de obscuridade e até de total escuridão. Enquanto estamos aqui em baixo, o nosso relacionamento com Deus realiza-se mais na escuta do que na visão; e a própria contemplação tem lugar, por assim dizer, de olhos fechados, graças à luz interior acesa em nós pela Palavra de Deus.»^[5].

«Escutai-O» (Mc 9, 7). É este o nosso compromisso cristão durante a Quaresma: escutar Cristo e obedecer à sua voz. É o alimento fundamental

que a Igreja nos oferece durante estas semanas de preparação para a Páscoa do Senhor. A voz de Cristo é a voz do Filho que nos encoraja a responder a Deus com generosidade, porque o nosso alimento é, como o seu, fazer a vontade do Pai. A nossa Mãe viveu nesta atitude de escuta. Guardava e meditava constantemente no seu coração as palavras que Deus lhe dirigia. E muitas delas chegaram-lhe precisamente através dos acontecimentos da vida do Filho, mesmo aqueles que Ela não compreendia, nos quais reconhecia a voz misteriosa do Senhor.

NOTAS

[1] cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2570.

[2] cf. Francisco, Audiência, 03/06/2020.

[3] S. João Paulo II, Homilia, 23/02/1997.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 143.

[5] Bento XVI, Angelus, 12/03/2006.

II domingo da Quaresma (Ciclo A)

Reflexão para meditar no II domingo da Quaresma (Ciclo A). Os temas propostos são: o deserto e a montanha são lugares de silêncio; Deus diviniza-nos na oração; o mistério de Deus é-nos revelado progressivamente.

Sumário

- O deserto e a montanha são lugares de silêncio.
- Deus diviniza-nos na oração.
- O mistério de Deus é-nos revelado progressivamente.

A LITURGIA do domingo passado apresentou-nos Jesus e o diabo frente a frente no deserto. Neste segundo domingo da Quaresma, por outro lado, vamos ao Monte Tabor para assistir ao glorioso acontecimento da Transfiguração do Senhor. Se no deserto «vemos Jesus plenamente homem, que partilha connosco até a tentação», no Tabor «contemplamo-l'O como Filho de Deus, que diviniza a nossa humanidade»[1]. No entanto, apesar do contraste, ambos os acontecimentos antecipam o mistério pascal: «A luta de Jesus com o tentador introduz o grande duelo final da Paixão, enquanto a luz do seu Corpo transfigurado antecipa a glória da Ressurreição»[2].

O deserto e o monte têm em comum serem lugares isolados, onde reina a solidão. Jesus retira-Se para lá, impelido pelo Espírito Santo, para orar ao Pai. A Sagrada Escritura mostra-nos que nesses espaços, vazios de ruído, Deus Se revela de uma maneira especial. Por isso, todos nós precisamos de espaços e tempos de silêncio onde desligando do barulho que nos rodeia, possamos favorecer um recolhimento interior em que se ouça o sussurro de Deus. «O silêncio é capaz de escavar um espaço interior no nosso íntimo, para ali fazer habitar Deus, para que a sua Palavra permaneça em nós, a fim de que o amor por Ele se arraigue na nossa mente e no nosso coração, e anime a nossa vida»[3].

É normal sentir um certo medo do silêncio, pois exige que entremos no nosso interior para descobrir a verdade da nossa existência. É normal, também, que no início seja difícil para nós diminuir o nível de ruído nesses momentos. Mas, quando o procuramos no meio da agitação diária, entre o ir e vir tantas vezes acelerado, estamos a abrir um caminho para a presença de Deus. O Senhor espera muitas vezes o nosso silêncio para Se revelar.

PEDRO, Tiago e João, ao subirem ao Tabor, ficam inesperadamente mergulhados na oração de Jesus. Eles tinham contemplado muitas vezes o rosto do Mestre no passado; tinham-no visto enquanto orava, quando pregava a chegada do Reino ou curava muitos doentes. Talvez tivessem visto refletidos no rosto de Cristo os sentimentos que enchiam o Seu coração. No entanto, no cimo do Tabor, eles veem esse rosto tão amado de uma nova maneira.

Jesus revela a Sua glória aos três amigos: «Transfigurou-se diante deles: o seu rosto resplandeceu como o Sol e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz» (Mt 17, 2). É tão grande a impressão produzida pela contemplação do corpo glorioso do Senhor que Pedro, entusiasmado, exclamou sem saber o que dizia: «Senhor, é bom estarmos aqui; se quiseres, farei aqui três tendas: uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias» (Mt 17, 4). Os discípulos sentiram-se endeusados. «A oração é a elevação da alma para Deus»^[4], diz S. João Damasceno, numa expressão recolhida pelo Catecismo da Igreja; é um espaço de silêncio diante de Deus, onde vamos para nos enchermos d'Ele, para saciar a nossa sede.

Os discípulos estavam extasiados pelo que viam no Tabor. «A oração dar-nos-á o endeusamento bom, humilde, santo – escrevia S. Josemaria –; e poderemos trabalhar em todos os ambientes (...). Por esse acompanhamento contínuo e perseverante do divino, o Senhor dar-nos-á, de mãos cheias, a riqueza dos Seus dons, a boa divinização»^[5]. «Ao mesmo tempo, uma oração que esteja alienada da vida não é saudável. A oração que nos afasta da realidade concreta da vida converte-se em espiritualismo, ou pior, em ritualismo. Recordemos que Jesus, depois de ter mostrado a Sua glória aos discípulos no monte Tabor, não quis prolongar aquele momento de êxtase, mas desceu com eles do monte e retomou o Seu caminho diário. Porque

aquela experiência devia permanecer nos corações como luz e força da sua fé; também uma luz e força para os dias que estavam próximos: os da Paixão»^[6].

ASSIM COMO tinha sucedido durante o Batismo do Senhor no rio Jordão, também no monte Tabor «apareceu toda a Trindade: o Pai na voz, o Filho no homem, o Espírito na nuvem luminosa»^[7]. Surpreendidos com o que estava a acontecer diante dos seus olhos, os três discípulos de Jesus recebem uma revelação que levarão mais tempo a entender: que o único Deus é, ao mesmo tempo, uma Trindade de pessoas. O mistério de Deus é-nos revelado gradualmente na oração, muitas vezes preparada com a leitura espiritual e a formação pessoal. Dessa forma, abriremos o caminho ao Espírito Santo para que seja Ele a progressivamente purificar a nossa ideia de Deus, e nos ensine a tratá-l'O com simplicidade e confiança. O Espírito Santo fará de nós «homens e mulheres transfigurados»^[8], que se deixaram regenerar, corrigir e consolar.

Pedro ainda estava a falar «quando uma nuvem luminosa os cobriu com a sua sombra e uma voz dizia da nuvem: “Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado. Escutai-O”. Ao ouvirem isto, os discípulos caíram com a face por terra, muito assustados» (Mt 17, 5-6). São umas palavras e uns momentos que os apóstolos jamais esqueceram. Unidos à oração de Jesus, descobrimos também a maravilha de escutá-l'O e de compreender a nossa condição de filhos de Deus. «A oração é a relação viva dos filhos de Deus com o seu Pai infinitamente bom, com o seu Filho Jesus Cristo e com o Espírito Santo. (...) É estar habitualmente na presença do Deus três vezes santo e em comunhão com Ele»^[9]. Maria, que se deixou moldar interiormente pela graça, pode ajudar-nos a encontrar aqueles momentos de silêncio nos quais podemos aprofundar na nossa condição de filhos.

NOTAS

[1] Bento XVI, Angelus, 17/02/2008.

[2] *Ibid.*

[3] Bento XVI, Audiência, 07/03/2012.

[4] S. João Damasceno, *De fide orthodoxa*, 3, 24.

[5] S. Josemaria, Cartas 2, n. 54.

[6] Francisco, Audiência, 09/06/2021.

[7] S. Tomás de Aquino, *Suma teológica*, III, c. 45, a. 4, ad 2.

[8] S. João Paulo II, Homilia, 11/03/2001.

[9] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2565.

II domingo da Quaresma (Ciclo C)

Reflexão para meditar no II domingo da Quaresma (Ciclo C). Os temas propostos são: o deserto e a montanha são lugares de silêncio; Deus diviniza-nos na oração; o mistério de Deus é-nos revelado progressivamente.

Sumário

- O deserto e a montanha são lugares de silêncio.
- Deus diviniza-nos na oração.
- O mistério de Deus é-nos revelado progressivamente.

A LITURGIA do domingo passado apresentou-nos Jesus e o diabo frente a frente no deserto. Neste segundo domingo da Quaresma, por outro lado, vamos ao Monte Tabor para assistir ao glorioso evento da Transfiguração do Senhor. Se no deserto «vemos Jesus plenamente homem, que partilha connosco até a tentação», no Tabor «contemplamo-l’O como Filho de Deus, que diviniza a nossa humanidade»^[1]. No entanto, apesar do contraste, ambos os eventos antecipam o mistério pascal: «a luta de Jesus com o tentador introduz o grande duelo final da Paixão, enquanto a luz do seu Corpo transfigurado antecipa a glória da Ressurreição»^[2].

O deserto e a montanha têm em comum que são lugares isolados, onde reina a solidão. Jesus retira-Se para lá, impelido pelo Espírito Santo, para orar ao Pai. A Sagrada Escritura mostra-nos que naqueles espaços, vazios de ruído, Deus Se revela de uma maneira especial. Por isso, todos nós precisamos de espaços e tempos de silêncio nos quais, desligando do barulho que nos rodeia, possamos propiciar um recolhimento interior em que se ouça o sussurro de Deus. «O silêncio é capaz de escavar um espaço interior no nosso íntimo, para ali fazer habitar Deus, para que a sua Palavra permaneça em nós, a fim de que o amor por Ele se arraigue na nossa mente e no nosso coração, e anime a nossa vida»^[3].

É normal sentir um certo medo do silêncio, pois nos exige que entremos em nós mesmos para descobrir a verdade da nossa existência. É normal, também, que no início seja difícil para nós diminuir o nível de ruído nesses momentos. Mas, quando o procuramos no meio da agitação diária, entre o ir e vir tantas vezes acelerado, estamos a abrir um caminho para a presença de Deus. Muitas vezes o Senhor espera o nosso silêncio para Se revelar.

«OUVI, SENHOR, a voz da minha súplica, tende compaixão de mim e atendei-me. Diz-me o coração: “Procurai a sua face”. A vossa face, Senhor, eu procuro» (Sl 26, 8-9) Com estas palavras do salmista, a Igreja quer ajudar-nos a preparar os nossos corações para a Páscoa; anima-nos durante a Quaresma a buscar com mais pressa o rosto de Cristo. Pedro, Tiago e João, ao subirem ao Tabor, são inesperadamente imersos na oração de Jesus. Viram o rosto do Mestre muitas vezes no passado; olharam para Ele enquanto orava, quando pregava a chegada do Reino ou curava muitos doentes. Talvez tivessem visto refletidos no rosto de Cristo os sentimentos que enchiam o Seu coração. No entanto, no cimo do Tabor, eles veem esse rosto tão amado de uma nova maneira.

Jesus revela a Sua glória aos três amigos: «Enquanto orava, alterou-se o aspeto do seu rosto e as suas vestes ficaram de uma brancura refulgente» (Lc 9, 29). A impressão produzida pela contemplação do corpo glorioso do Senhor é tal que Pedro, entusiasmado, exclamou sem saber o que dizia: «Mestre, como é bom estarmos aqui! Façamos três tendas: uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias» (Lc 9, 33). Os discípulos sentiram-se endeusados. «A oração é a elevação da alma a Deus»^[4], diz S. João Damasceno, numa expressão recolhida pelo Catecismo da Igreja; é um espaço de silêncio diante de Deus, onde vamos para nos enchermos d'Ele, para saciar a nossa sede.

Os discípulos foram arrebatados pelo que viram no Tabor. «A oração dar-nos-á o endeusamento bom, humilde, santo – escrevia S. Josemaria –; e poderemos trabalhar em todos os ambientes (...). Por esse seguimento contínuo e perseverante do divino, o Senhor dar-nos-á, de mãos cheias, a riqueza dos Seus dons, a boa divinização»^[5]. Ao mesmo tempo, uma oração alheia à vida não é sadia. Uma oração que nos aliena do concreto da vida

torna-se espiritualismo, ou pior, ritualismo. Recordemos que Jesus, depois de ter mostrado a Sua glória aos discípulos no monte Tabor, não quer prolongar aquele momento de êxtase, mas desce com eles a montanha e retoma o Seu caminho quotidiano. Porque essa experiência devia permanecer nos corações como luz e força da sua fé; também luz e força para os próximos dias: os da Paixão.

ASSIM COMO aconteceu durante o Batismo do Senhor no rio Jordão, também no monte Tabor «apareceu toda a Trindade: o Pai na voz, o Filho no homem, o Espírito na nuvem luminosa»^[6]. Surpreendidos com o que estava a acontecer diante dos seus olhos, os três discípulos de Jesus recebem uma revelação que levarão mais tempo a entender: que o único Deus é, ao mesmo tempo, uma Trindade de pessoas. O mistério de Deus é-nos revelado gradualmente na oração, muitas vezes preparada com a leitura espiritual e a formação pessoal. Assim abriremos o caminho ao Espírito Santo para que seja Ele quem progressivamente purifique a nossa ideia de Deus, e nos ensine a tratá-l'O com simplicidade e confiança. O Espírito Santo fará de nós «homens e mulheres transfigurados»^[7], que se deixaram regenerar, corrigir e consolar.

Quando Pedro acabou de falar «veio uma nuvem que os cobriu com a sua sombra; e eles ficaram cheios de medo, ao entrarem na nuvem. Da nuvem saiu uma voz, que dizia: «Este é o meu Filho, o meu Eleito: escutai-O». (Lc 9, 34-35) São palavras e momentos que os apóstolos jamais esqueceram. Unidos à oração de Jesus, descobrimos também a maravilha de escutá-l'O e de compreender a nossa condição de filhos de Deus. «A oração é a relação viva dos filhos de Deus com o seu Pai infinitamente bom, com o seu Filho Jesus Cristo e com o Espírito Santo. (...) É estar habitualmente na presença do Deus três vezes santo e em comunhão com Ele.»^[8] Maria, que se deixou moldar interiormente pela graça, pode ajudar-nos a encontrar aqueles momentos de silêncio nos quais podemos aprofundar na nossa condição de filhos.

NOTAS

[1] Bento XVI, Angelus, 17/02/2008.

[2] *Ibid.*

[3] Bento XVI, Angelus, 07/03/2012.

[4] S. João Damasceno, *De fide orthodoxa*, 3, 24.

[5] S. Josemaria, *Cartas* 2, n. 54.

[6] S. Tomás de Aquino, *Suma teológica*, III, c. 45, a. 4, ad 2.

[7] S. João Paulo II, Homilia, 11/03/2001.

[8] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2565.

Segunda-feira da II semana da Quaresma

Reflexão para meditar na segunda-feira da II semana da Quaresma. Os temas propostos são: reconhecer-se necessitado para abrir-se à misericórdia divina; querer os outros com o amor de Deus; um modo de olhar divino e materno.

Sumário

- Reconhecer-se necessitado para abrir-se à misericórdia divina.
- Querer os outros com o amor de Deus.
- Um modo de olhar divino e materno.

COMEÇAMOS A SEGUNDA semana da Quaresma escutando a oração penitencial do profeta Daniel: «Nós pecámos, cometemos injustiças e iniquidades, fomos rebeldes, afastando-nos dos vossos mandamentos e preceitos» (cf. Dn 9, 5). Apesar de o povo de Israel não obedecer à voz do Senhor, Deus manteve-se fiel às suas promessas. Por isso, o profeta continua a sua súplica cheio de esperança: «Senhor, Deus grande e terrível, fiel à Aliança e à misericórdia para com os que vos amam (...), és compassivo e perdoas» (cf. Dn 9, 4.9).

A chamada à conversão, que se torna tão viva durante a Quaresma, nasce do coração misericordioso do Senhor. Não é o grito de um Deus que pretende ajustar contas perante o pecado do homem, mas o amor de um Pai que acaricia a nossa debilidade, para a sanar e devolver-nos à vida. «Outra queda..., e que queda!... Desesperar-te? Não; humilhar-te e recorrer, por Maria, tua Mãe, ao Amor Misericordioso de Jesus. – Um "miserere" e, coração ao alto! – A começar de novo»^[1].

Dirigir-se ao Senhor e admitir o próprio pecado, como fez o profeta Daniel, é o primeiro passo para nos renovarmos interiormente e nos abirmos à misericórdia divina. Deus é fiel e sabe esperar. Confiados na sua misericórdia, mostrar-lhe-emos as nossas feridas e deixar-nos-emos cuidar

por Ele. Com simplicidade e com uma certa audácia de filhos, atrevemo-nos a dizer-lhe, com palavras do salmo: «Não nos julgueis, Senhor, pelos nossos pecados» (cf. Sl 78).

EXPERIMENTAR O AMOR de Deus leva-nos a tratar com essa mesma misericórdia as pessoas que nos rodeiam. «Como ama o Pai, assim amam os filhos»^[2]. Para quem se sente entendido e querido, é mais fácil compreender e querer os outros.

As palavras do Senhor que se proclamam hoje no Evangelho animam-nos a ter um coração grande, com sentimentos e reações parecidas com as suas: «Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso. Não julgueis e não sereis julgados. Não condeneis e não sereis condenados. Perdoai e sereis perdoados. Dai e dar-se-vos-á» (cf. Lc 6, 36-38). O caminho que Jesus nos propõe oferece indicações muito concretas para a nossa vida diária: «Sede misericordiosos..., não julgueis..., não condeneis..., perdoai..., dai». É um programa escalonado que tem por modelo o próprio Deus. A meta é «entrar em sintonia com este Coração rico em misericórdia, que nos pede para amar todos, inclusive os que estão longe e os inimigos, imitando o Pai celestial, que respeita a liberdade de cada um e atrai todos para si com a força invencível da sua fidelidade»^[3].

A consciência viva dos nossos pecados e do quanto estamos necessitados da paciência de Deus, abre o caminho interior para a compaixão com os nossos irmãos. Não podemos esquecer que o Senhor coloca o nosso perdão para com os outros como condição para que também nós sejamos perdoados: «A medida que usardes com os outros será usada também convosco» (cf. Lc 6, 38).

«A PALAVRA DE DEUS ensina que no irmão está a permanente prolongação da Encarnação para cada um de nós (...). Aquilo que fizemos com os outros tem uma dimensão transcendente»^[4]. Quando alcançamos esta sabedoria sobrenatural, aprendemos a ver Cristo em cada pessoa. Este facto muda-nos a vida. Por um lado, descobrimos nos outros a presença de Deus: vemo-l'O em cada pessoa com a qual nos cruzamos ou de que

ouvimos falar; de certo modo Deus cuida-nos através daqueles que temos perto.

Por outro lado, a nossa maneira de olhar, pensar, falar ou de atuar, estará orientada e embelezada pela caridade. S. Josemaria viveu e ensinou a viver uma caridade que numa ocasião sintetizava em cinco verbos: «Rezar, calar, compreender, desculpar... e sorrir»^[5]. No fundo, trata-se da mesma atitude que tem uma mãe com o seu filho. O seu olhar materno leva-a a amá-lo sempre, a encontrar quando é possível uma desculpa perante o seu comportamento e a apoiá-lo com a sua ajuda nos seus passos às vezes vacilantes.

«Irmão – escrevia um Padre da Igreja –, recomendo-te isto: que a compaixão prevaleça sempre na tua balança, até que sintas em ti a compaixão que Deus sente pelo mundo»^[6]. Pedimos a Maria, Mãe de misericórdia, o dom de confiar sempre no amor que o Senhor tem para connosco. Deste modo, ser-nos-á mais fácil desculpar os erros, assim como querer e ajudar os outros tal como são.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Caminho*, n. 711.

[2] Francisco, *Misericordiae Vultus*, n. 9.

[3] Bento XVI, *Angelus*, 16/09/2007.

[4] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 179.

[5] Pilar Urbano, *O homem de Villa Tevere*.

[6] Isaac o Sírio, *Discurso*, 1ª série, n. 34.

Terça-feira da II semana da Quaresma

Reflexão para meditar na terça-feira da II semana da Quaresma. Os temas propostos são: uma vida consistente que reflita Cristo; retidão de intenção para dar glória a Deus; a humildade abre-nos à grandeza de Deus.

Sumário

- Uma vida consistente que reflita Cristo.
- Retidão de intenção para dar glória a Deus.
- A humildade abre-nos à grandeza de Deus.

«NA CÁTEDRA de Moisés sentaram-se os escribas e os fariseus. Fazei e observai tudo o que vos disserem, mas não imiteis as suas obras, pois eles dizem e não fazem» (Mt 23, 2-3). Nas sinagogas havia uma cadeira especial onde se sentava o rabino que explicava as Escrituras. Em sentido figurado, “a cátedra de Moisés” designava o magistério dos mestres do povo, que ensinavam e interpretavam a lei, mas, como mostra o Senhor no Evangelho, atuavam com tal incoerência de vida que não cumpriam as prescrições que eles próprios estabeleciam.

O povo simples, por outro lado, procurava Jesus precisamente porque n’Ele tudo era verdadeiro. Caminhavam atrás do Senhor com entusiasmo porque cumpria o que pregava. Enquanto o Mestre tomava a dianteira abrindo caminho, os fariseus e os escribas colocavam sobre os ombros dos outros «cargas pesadas e insuportáveis», que eles «nem com um dedo querem mover» (Mt 23, 4). Jesus pede aos seus que abracem cada dia «a sua cruz» (Lc 9, 23), porque é Ele quem vai à frente com a cruz mais pesada de todas. As autoridades, pelo contrário, eram exigentes com os outros e permissivas consigo mesmas; falam, mas não lhes vemos o bom fruto.

Embora a vida cristã não consista em fazer as coisas para que os outros as vejam, a verdade é que uma vida coerente ajuda mais do que somente palavras. O espírito com que enfrentamos as nossas ocupações diárias – na família, no trabalho, nas amizades –, se reflete o atrativo da paz e da alegria de Cristo, será uma autêntica transmissão do Evangelho. «Depende da nossa coerência que os nossos irmãos reconheçam Jesus Cristo, o único salvador e a esperança do mundo»^[1].

JESUS reprovava as autoridades que estavam mais preocupadas com as aparências do que com a verdade. «Tudo o que fazem é para serem vistos pelos homens» (Mt 23, 5): correm atrás dos elogios humanos, procuram os primeiros lugares nas reuniões, anseiam receber reverências... Fazem tudo para granjear para si próprios um bom nome. Seguem um estilo de vida como se estivessem *expostos numa galeria* ou num palco, contentando-se em manter uma postura exterior que não nasce do amor: seguem «a letra», mas «não conhecem o seu espírito»^[2].

É natural que tenhamos em conta a opinião dos outros, pois vivemos em sociedade. De certo modo, precisamos de ser aceites e valorizados pelas pessoas que nos rodeiam, especialmente pelas que nos estimam. Mas a retidão de intenção leva-nos a colocar o maior peso dos nossos esforços na alegria que damos a Deus e no bem dos outros. Importa-nos agradar, mas somente na medida em que queremos fazer felizes as pessoas que amamos.

S. Josemaria dizia que «a retidão de intenção está em procurar "somente e em tudo" a glória de Deus»^[3]. Este é o critério decisivo que marca as nossas ações. «É a indicação que nos orienta quando não estamos seguros do que é correto; ajuda-nos a reconhecer a voz de Deus dentro de nós (...). A glória de Deus é a agulha da bússola da nossa consciência»^[4]. Ainda que nos nossos corações se misturem intenções e desejos variados, examinar os motivos que nos levam a atuar libertar-nos-á, pouco a pouco, de atuar para sermos vistos pelos outros, entrando assim na paz que resulta de atuarmos diante de Deus.

PERANTE a atitude dos escribas e fariseus, o Senhor faz a sua proposta: «Aquele que for o maior entre vós será o vosso servo. Quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado» (Mt 23, 11-12). A humildade é uma virtude indispensável para que Deus nos encha de dons, porque «é por meio de passos de humildade que se sobe ao alto dos céus»^[5], comentava Santo Agostinho. Recordando a escada que o patriarca Jacob viu em sonhos, pela qual subiam e desciam anjos da terra ao céu (cf. Gn 28, 12), escreve outro Padre da Igreja: «Pela altivez se desce e pela humildade se sobe. (...) Quando o coração se abaixa, o Senhor levanta-o até ao céu»^[6].

A humildade faz-nos descobrir a nossa miséria e a nossa grandeza. Permite-nos «vermo-nos como somos, sem paliativos, com verdade; e, ao compreendermos que não valem quase nada, abrimo-nos à grandeza de Deus»^[7]. Esta atitude humilde e generosa permite que o Senhor atue. Onde há humildade há sabedoria, explica o livro dos Provérbios. «Faz-te pequeno nas grandezas humanas e alcançarás o favor de Deus, que revela os seus segredos aos humildes» (Sir 3, 17).

«Deus deseja unicamente a nossa humildade, que nos esvaziemos de nós mesmos, para que Ele nos possa encher; pretende que não Lhe ponhamos obstáculos para que – falando à maneira humana – possa caber mais graça sua no nosso pobre coração»^[8]. Maria, a escrava do Senhor, ajudar-nos-á como boa mãe a limpar no nosso coração aquilo que nos impeça de receber algo melhor; assim, o Senhor poderá enriquecer-nos cada vez mais com os seus dons.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 03/08/2018.

[2] Orígenes, *Catena aurea*, Homilia 23 in *Matthaeum*.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 921.

[4] Francisco, Homilia, 03/08/2018.

[5] Sto. Agostinho, *Sermão sobre a humildade e o temor de Deus*.

[6] S. Bento de Núrsia, *Regra Monástica*, capítulo 7.

[7] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 96.

[8] *Ibid.*, n. 98.

Quarta-feira da II semana da Quaresma

Reflexão para meditar na quarta-feira da II semana da Quaresma. Os temas propostos são: a grandeza de servir; o serviço como chamamento de Deus; Jesus quer unir-nos à sua Paixão.

Sumário

- A grandeza de servir.
- O serviço como chamamento de Deus.
- Jesus quer unir-nos à sua Paixão.

TODAS AS MÃES desejam o melhor para os seus filhos. Por isso, não nos surpreende que a Mãe de Tiago e João se aproxime de Jesus para lhe pedir um lugar de honra para eles: «Ordena que estes meus dois filhos se sentem um à tua direita e o outro à tua esquerda, no teu Reino» (Mt 20, 21). Estas palavras podem surpreender-nos, pois refletem praticamente o contrário do que o Messias tinha ensinado desde o princípio aos apóstolos. Não é de estranhar que os outros dez se tenham indignado com os irmãos Zebedeu. Contudo, no fundo dos seus corações, talvez eles quisessem o mesmo.

Então o Mestre aproveita esta situação, como em outras ocasiões, para formar o coração dos apóstolos. Quem é o mais importante? A resposta do Senhor é simples e, ao mesmo tempo, exigente: «Quem entre vós quiser fazer-se grande, seja o vosso servo; e quem no meio de vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo» (Mt 20, 26-27). Jesus Cristo corrige com paciência divina umas ambições excessivamente humanas, superando a sua escala de valores: o primeiro passa a ser o último e o último converte-se no primeiro.

Ao seguir esta escala, ao viver com aquele parâmetro, não fazemos outra coisa senão imitar o próprio Senhor. Ele «ocupou o último lugar no mundo - a cruz – e, precisamente com esta humildade radical, nos redimiu e

ajuda sem cessar»^[1]. A sua atitude de serviço chega até à entrega de si mesmo: «Isto é o meu corpo», «este é o meu sangue» (Mt 26, 26-27). «Quem quiser ser grande, sirva os outros e não se sirva dos outros. E este é o grande paradoxo de Jesus. Os discípulos discutiam sobre quem deveria ocupar o lugar mais importante, quem seria selecionado como o privilegiado(...). E Jesus transtorna a sua lógica, dizendo-lhes simplesmente que a vida autêntica se vive no compromisso concreto com o próximo, isto é, servindo»^[2].

NA BÍBLIA, o serviço está unido a uma missão de Deus. Assim o vemos em Jesus, que «não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para resgatar a multidão» (Mt 20, 28). Ele lavou os pés dos apóstolos e fez seu o plano de seu Pai, até à morte na cruz. «Como deixar de ler no tema do “servo Jesus” a história de cada vocação, a história pensada pelo Criador para cada ser humano, história que passa inevitavelmente através do chamamento para servir (...)?»^[3].

O serviço é o que caracteriza os que procuram caminhar junto do Senhor. «Enquanto os grandes da Terra constroem “tronos” para o próprio poder, Deus escolhe tronos incômodos, a cruz, do qual reinar dando vida»^[4]. Experimentar este “poder” a partir do serviço, leva-nos a encarnar o estilo de vida de Jesus. Não se trata de algo humilhante, mas do mais elevado que podemos fazer na vida: o serviço é uma arte que praticam os que se descobriram destinatários do amor de Cristo crucificado e viram engrandecer-se o coração no seu.

«Servir é uma coisa deliciosa – dizia S. Josemaria –: tenho como orgulho da minha vida ser servidor de todos. Quero servir Deus e, por amor a Deus, servir com amor a todas as criaturas da terra»^[5]. Descobrir esta realidade torna-nos sensíveis às necessidades dos outros, especialmente dos mais necessitados: «À vista de um mundo que exige dos cristãos um renovado testemunho de amor e fidelidade ao Senhor, sintam a urgência de esforçar-se por adiantar no amor, no serviço e nas obras boas. Este apelo ressoa particularmente forte neste tempo santo de preparação para a Páscoa»^[6].

DEPOIS de escutar a mãe dos Zebedeus, Jesus diz a Tiago e a João: «“Não sabeis o que estais a pedir. Podeis beber o cálice que Eu hei de beber?”. Eles disseram: “Podemos”. Então Jesus declarou-lhes: “Haveis de beber do meu cálice”» (Mt 20, 22-23). Esta conversa teve lugar enquanto sobem para Jerusalém. Jesus sabe o que vai acontecer na cidade santa ao cabo de alguns dias. Acabava de anunciar aos apóstolos um pouco antes: o Filho do homem «vai ser entregue», «vão condená-lo à morte, e hão de entregá-lo aos pagãos, que o vão escarnecer, açoitar e crucificar» (Mt 20, 18-19).

É o terceiro e último anúncio da Paixão. Os discípulos, assustados, inquietam-se: não entendem ou talvez não queiram entender demasiado sobre incompreensões e dificuldades. Não conseguem entender que o reinado de que fala o Mestre se alcance pela derrota. E também hoje continuamos a necessitar de uma conversão para compreender os caminhos do Senhor. A Quaresma renova esta oportunidade: convida-nos a transformar o nosso modo de entender Jesus, o nosso modo de ver o mundo e os valores que regem as relações, para olhar com os seus olhos redentores.

A imagem do cálice evoca a dor e a morte (cf. Jo 26, 39). «Beber o meu cálice» é participar na sua Paixão pela salvação do mundo, suportando os sofrimentos. Existe algum serviço maior para nos introduzir no mais elevado do seu Reino? Na Eucaristia renovamos esse caminho que nos leva ao mais elevado do amor de Deus e ao serviço das pessoas. Comemos Cristo, o Pão partido que derramou o seu sangue por todos. Maria percorreu o caminho da cruz junto de Jesus e, durante esta Quaresma, acompanha-nos como uma boa mãe que deseja o melhor para os seus filhos.

NOTAS

[1] Bento XVI, *Deus caritas est*, n. 35.

[2] Francisco, Homilia, 20/09/2015.

[3] S. João Paulo II, Mensagem, 11/05/2003.

[4] Francisco, Angelus, 21/10/2018.

[5] S. Josemaria, *Cartas* 36, n. 5.

[6] Bento XVI, Mensagem para a Quaresma 2012.

Quinta-feira da II semana da Quaresma

Reflexão para meditar na quinta-feira da II semana da Quaresma. Os temas propostos são: o valor dos bens da terra; ter compaixão dos que nos rodeiam; ver os Lázarus à nossa porta.

Sumário

- O valor dos bens da terra.
- Ter compaixão dos que nos rodeiam.
- Ver os Lázarus à nossa porta.

O EVANGELHO apresenta-nos a parábola do homem rico e do pobre Lázaro. O primeiro vive no luxo, pensando apenas no seu próprio bem-estar. Jesus não nos diz que foi um homem injusto; simplesmente, «que se vestia de linho fino e se banqueteara esplendidamente todos os dias. Um pobre chamado Lázaro jazia junto do seu portão, coberto de chagas» (Lc 16, 19). O rico está tão atento às suas riquezas que ignora a sua existência. Lázaro não recebe nenhum cuidado e alimenta-se apenas das sobras que caem «da mesa do rico» (Lc 16, 21). «Vãos eram os seus pensamentos e os seus apetites – diz Sto. Agostinho sobre esse homem –. Quando ele morreu, naquele mesmo dia os seus planos pereceram»^[1]. De facto, Jesus conta-nos que ambos morrem, mas o seu destino é abissalmente diferente.

«Senhor, vê se é errado o meu caminho e guia-me pelo caminho eterno» (Sl 138, 23-24), suplicamos com o salmo. Sabemos que a vida plena, aquela em que permanecemos sempre livres para amar, não depende exclusivamente dos bens terrenos; ali não está a nossa segurança nem a nossa felicidade. S. Josemaria recorda-nos que o nosso «coração não se satisfaz com coisas criadas, mas aspira ao Criador»^[2]. A Quaresma é um bom tempo «para descobrirmos como é que as coisas materiais de que dispomos estão a contribuir para realizarmos a missão que Deus nos confiou. Poderemos então desprender-nos mais facilmente das que não o fazem, e caminhar leves como o Senhor, que não tinha “onde reclinar a

cabeça” (Lc 9, 58). Com a pobreza, aprenderemos a apreciar as coisas do mundo enquanto vemos nelas o seu valor como caminho de união com Ele e de serviço aos outros»^[3].

DURANTE a sua vida, Lázaro não teve nenhuma das vantagens de que o rico desfrutava. Do relato deduz-se que ele é um homem piedoso, que põe a sua esperança em Deus, e é por isso que é levado pelos anjos para a morada eterna. Pode dizer-se dele o que rezamos no salmo: «Ditoso o homem que confia no Senhor» (Sl 1). A chave que explica o destino eterno de um e de outro, tão diferentes um do outro, não é a riqueza em si, mas o que aconteceu no coração de ambos. O rico é condenado não pelo que tem, mas pela sua total falta de compaixão. «Aprendam a ser ricos e pobres – comenta Sto. Agostinho – tanto os que têm algo neste mundo como os que não têm nada. Pois também encontrais o mendigo orgulhoso e o rico que se humilha. Deus resiste aos soberbos, estejam eles vestidos de seda ou de trapos; mas dá a Sua graça aos humildes, quer tenham alguns bens mundanos ou não os tenham. Deus olha para o interior; ali pesa, ali examina»^[4].

Lázaro não conta para o mundo. Por causa da sua miséria e solidão, somente o Senhor cuida dele. «A quem é esquecido por todos, Deus não o esquece; quem não tem valor aos olhos dos homens, é precioso aos do Senhor»^[5]. A parábola convida-nos também a viver a virtude da caridade, sobretudo com as pessoas mais próximas e com os mais necessitados. «O nosso coração nunca deve estar tão absorvido pelas nossas coisas e problemas que fique surdo ao brado do pobre»^[6]. «Cada um deve considerar o próximo, sem exceção, como um «outro eu», tendo em conta, antes de mais, a sua vida e os meios necessários para a levar dignamente, não imitando aquele homem rico que não fez caso algum do pobre Lázaro»^[7].

«EU, O SENHOR, penetro os corações e sondo as entranhas, a fim de recompensar cada um pela sua conduta e pelos frutos das suas ações» (Jr, 17, 10). Depois da morte, Deus nos julgará e nos “pesará” de acordo com as nossas obras. Apresenta-se esta alternativa na nossa vida: o caminho seguro

de quem confia no Senhor, como Lázaro; ou o caminho estéril de quem põe toda a sua esperança nas coisas materiais, aquelas que pode dominar, como o rico da parábola.

S. Josemaria prevenia assim contra «a mentalidade daqueles que veem o cristianismo como um conjunto de práticas ou atos de piedade, sem perceberem a sua relação com as situações da vida corrente, com a urgência de atender as necessidades dos outros e de se esforçar por remediar as injustiças»^[8]. O amor a Deus expressa-se na preocupação pelos outros; não se fica num sentimento, traduz-se necessariamente em serviço concreto, a determinadas pessoas, mesmo que isso signifique despojar-nos de certas aparentes seguranças pessoais. «A misericórdia de Deus por nós está vinculada à nossa misericórdia pelo próximo; quando esta falta, também aquela não encontra espaço no nosso coração fechado, não pode entrar»^[9]. Pedimos a Santa Maria a graça de ver claramente os Lázaros que estão à nossa porta, implorando a nossa atenção e carinho.

NOTAS

[1] Sto. Agostinho, *Sermão 33 A*, 4 sobre o Antigo Testamento.

[2] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 110.

[3] Fernando Ocáriz, *Mensagem*, 20/02/2021.

[4] Sto. Agostinho, *Sobre o Salmo 85*.

[5] Bento XVI, *Angelus*, 30/09/2007.

[6] Bento XVI, *Mensagem para a Quaresma 2012*.

[7] Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes*, n. 27.

[8] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 98.

[9] Francisco, *Audiência*, 18/05/2016.

Sexta-feira da II semana da Quaresma

Reflexão para meditar na sexta-feira da II semana da Quaresma. Os temas propostos são: a vinha, imagem de Israel; os fracassos são oportunidades de salvação; os nossos frutos são glória de Deus.

Sumário

- A vinha, imagem de Israel.
- Os fracassos são oportunidades de salvação.
- Os nossos frutos são glória de Deus.

UM HOMEM «plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, cavou nela um lagar, construiu uma torre, arrendou-a a uns vinhateiros e ausentou-se para longe» (Mt 21, 33). Passado algum tempo, envia os seus criados à procura do fruto que lhe pertence. Os vinhateiros, para sua surpresa, batem nuns e matam outros. O dono da vinha decide então enviar o seu próprio filho, pensando que assim o «hão de respeitar» (Mt 21, 37). Mas os agricultores raciocinam de modo muito diferente. Tratando-se do herdeiro, pensam que, matando-o, poderão ficar definitivamente com a sua herança. E assim fazem.

Nesta parábola, Jesus descreve a história de Israel que, com palavras do Crisóstomo, repetidamente mancha «as suas mãos com sangue»^[1] dos profetas enviados por Deus. Com a imagem da vinha narram-se, por um lado, os esforços contínuos do Senhor por fazer com que o seu povo desse frutos; e, por outro, a repetida rejeição dos homens, especialmente dos dirigentes do povo. Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus que estavam presentes compreendem imediatamente «que eram eles os visados» (Mt 21, 45). E a sua reação perante Jesus é parecida com a dos agricultores da parábola: embora «procurassem meio de o prender», não o fizeram nessa altura por medo da multidão, «que o considerava profeta».

Contudo, «a desilusão de Deus pelo comportamento malvado dos homens não é a última palavra! Nisso consiste a grande novidade do Cristianismo: um Deus que, mesmo desiludido pelos nossos erros e pelos nossos pecados, não falta à sua palavra, não para e sobretudo não se vinga! (...) A urgência de responder com bons frutos à chamada do Senhor, que nos convida a tornar-nos sua vinha, ajuda-nos a compreender o que há de novo e de original na fé cristã»^[2].

PARA EXPLICAR o significado da parábola, Jesus refere-se ao salmo 117: «A pedra que os construtores rejeitaram veio a tornar-se pedra angular. Isto foi obra do Senhor e é um prodígio aos nossos olhos» (Sl 117, 22-23). É o salmo pascal por excelência, que se canta ou se reza durante a liturgia da Vigília Pascal. A morte do filho, que parece definitiva e incompreensível, torna-se caminho de Ressurreição. Nos planos divinos, os fracassos são também oportunidades de salvação e de vida.

A história de José, por exemplo, é também um relato de rejeição e de maus-tratos. Embora os irmãos não cheguem a matá-lo, traem-no e vendem-no a uns mercadores por vinte moedas de prata. Estas circunstâncias servirão para que José chegue ao Egito, se torne um homem importante, e os filhos de Jacob possam sobreviver. Na narração destaca-se a infidelidade de Israel, mas sobretudo, fica patente o estilo que Deus tem de tirar bem do mal. O que parecia uma maldade sem sentido acabou por ser chave para a salvação de Israel.

Isto mesmo se repete em Jesus. Há um plano que o homem trai, mas Deus procura uma nova solução para nos salvar. Das nossas quedas, o Senhor procurará sempre o modo de levantar-nos. «O Nosso Pai, Deus, quando recorremos a Ele com arrependimento, tira riqueza da nossa miséria e força da nossa debilidade. Que preparará para nós, se não O abandonarmos, se O procurarmos todos os dias, se Lhe dirigirmos palavras carinhosas confirmadas pelas nossas ações, se Lhe pedirmos tudo, confiados na Sua onipotência e na Sua misericórdia?»^[3].

A PARÁBOLA assemelha-se à canção da vinha do profeta Isaías (cf. Is 5, 1-7). A vinha que foi cuidada com esmero não dá os frutos esperados: «Esperou que lhe desse boas uvas, mas ela só produziu agraços». Dos seus sarmentos, em vez de uva saborosa brotou um fruto amargo. Então Deus interroga-se: «Que mais poderia Eu fazer pela minha vinha, que não tenha feito?». Um Padre da Igreja comenta: «Que terra tão ingrata! A que tinha que dar ao seu dono frutos de doçura, atravessou-o com espinhos agudos. Vigiai, pois, que a vossa vinha não produza espinhos em vez de cachos, que a vossa vindima não dê vinagre em vez de vinho»^[4].

Deus espera de nós frutos, mas não porque Ele os necessite, mas porque a sua glória é a felicidade dos homens. O mais apetecível para Ele é, sem dúvida, o nosso amor. Certamente, em muitas ocasiões também nós fomos como a vinha da canção do profeta ou como os vinhateiros da parábola. «Se cada um de nós fizer um exame de consciência, verá quantas vezes mandou embora os profetas; quantas vezes disseram a Jesus: “Vai-te embora!”: quantas vezes quiseram salvar-se a si mesmo; quantas vezes pensou que era justo».^[5]

Por isso S. Josemaria escreveu: «Permiti-me que insista: sede fiéis. É algo que tenho gravado no coração. Se fordes fiéis, o nosso serviço às almas e à Santa Igreja encher-se-á de abundantes frutos»^[6]. Podemos recorrer a Maria, que é mãe fecunda porque foi dócil ao Espírito do Senhor, que encontra sempre novos caminhos para frutificar.

NOTAS

[1] S. João Crisóstomo, *Homilias sobre o Evangelho de S. Mateus*, 68, 1-2

[2] Francisco, *Angelus*, 08/10/2017.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 309.

[4] S. Máximo de Turim, *Sermão para a festa de S. Cipriano*.

[5] Francisco, *Meditação matutina*, 01/06/2015.

[6] S. Josemaria, *Cartas* 2, n. 46.

Sábado da II semana da Quaresma

Reflexão para meditar no sábado da II semana da Quaresma. Os temas propostos são: o vazio do filho mais novo; as saudades do pai; a liberdade do filho mais velho.

Sumário

- O vazio do filho mais novo.
- As saudades do pai.
- A liberdade do filho mais velho.

OS FARISEUS e os doutores da lei murmuravam entre si. Não suportavam que o Senhor acolhesse os pecadores. No entanto, Jesus, que conhecia os seus pensamentos, quis contar três parábolas para que compreendessem melhor como é verdadeiramente o amor de Deus. Primeiro, contou a do pastor que deixa todo o seu rebanho para recuperar a ovelha perdida (cf. Lc 15, 4-7). Depois, a da mulher que varre toda a casa até encontrar a dracma perdida (cf. Lc 15, 8-10). Por último, deteve-se numa história mais longa: a do filho pródigo e o pai misericordioso (cf. Lc 15, 11-32).

«Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao pai: “Pai, dá-me a parte dos bens que me corresponde”. E o pai repartiu os bens entre os dois» (Lc 15, 11-12). Depois de juntar tudo, partiu para uma terra longínqua. Queria uma mudança total na sua vida: não aguentava a disciplina do lar paterno. Pensou que, soltando as paixões, obteria por fim a felicidade que tanto desejava. Mas logo que gastou a sua fortuna voltou a experimentar a solidão e o tédio. «Compreende cada vez com maior intensidade que essa vida não é ainda a vida; mais ainda, dá-se conta de que, continuando dessa forma, a vida se afasta cada vez mais. Tudo se torna vazio: também agora aparece novamente a escravidão de fazer as mesmas coisas»^[1].

Estava tão desesperado que se pôs a guardar porcos e «bem desejava encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam» (Lc 15, 16). Foi nesse momento que se deu conta de que o seu nível de vida estava inclusive abaixo do daqueles animais. «Caindo em si, disse: “Quantos jornaleiros de meu pai têm pão em abundância e eu aqui a morrer de fome! (...) Levantar-me-ei, irei ter com o meu pai”» (Lc 15, 17.20). «A vida humana é um constante voltar à casa do nosso Pai – pregava S. Josemaria –. Um regresso mediante a contrição, a conversão do coração que significa o desejo de mudar, a decisão firme de melhorar a nossa vida, e que – portanto – se manifesta em obras de sacrifício e de doação. Regressar à casa do Pai, por meio do sacramento do perdão em que, ao confessar os nossos pecados, nos revestimos de Cristo e nos tornamos assim seus irmãos, membros da família de Deus»^[2].

DESDE que o seu filho mais novo se tinha ido embora que o pai não tinha voltado a ser o que era. Com frequência interrogava-se: «Que lhe teria acontecido? Onde se encontraria nesse momento? Estaria bem?». Todos os dias subia ao terraço com a esperança de ver o seu filho a regressar pelo caminho. Assim passaram os meses até que, numa ocasião, viu ao longe uma pessoa que se aproximava da sua propriedade. Apesar de pela distância ser impossível reconhecer quem era, o pai tinha a certeza: era ele. «E correu a lançar-se-lhe ao seu pescoço e cobriu-o de beijos» (Lc 15, 20).

O mais profundo do coração do pai estava à espera deste momento. Por isso é incapaz de se conter. Quando o filho começa o seu discurso preparado para obter o seu perdão – «Pai, pequei contra o Céu e contra ti» –, parece que ele nem sequer o escuta. Não lhe interessam as palavras preparadas. Só deseja festejar este momento em grande: «Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha; dai-lhe um anel e sandálias para os pés. Trazei o vitelo gordo e matai-o; vamos fazer um banquete e alegrar-nos» (Lc 15, 22-23). Não quer que o seu filho viva censurado ao recordar os seus pecados passados. Por isso oferece-lhe um acolhimento caloroso, tranquilo. «O pai podia dizer: muito bem filho, volta para casa, volta para o trabalho, volta para o teu quarto, instala-te e vai trabalhar! E isso teria sido um bom perdão. Mas não! Deus não sabe perdoar sem festejar! E o pai festeja, alegra-se porque o filho regressou»^[3].

Diante do abraço paterno, o filho reconhece que a felicidade de estar junto do seu pai é muito mais profunda do que a que conseguiu com outros prazeres. E é também mais segura, porque nem sequer os seus pecados o impediram de a reconquistar: «Sim, tens razão: que profundidade a da tua miséria! Por ti, onde estarias agora, até onde terias chegado?... “Somente um Amor cheio de misericórdia pode continuar a amar-me”, reconhecias. Consola-te: Ele não te negará nem o seu Amor nem a sua Misericórdia, se o procurares»^[4].

DURANTE todo esse tempo o filho mais velho tinha permanecido em casa. Passava os seus dias a trabalhar na quinta, atento às necessidades do seu pai. No entanto, o seu coração tinha-se ido afastando da realidade que tinha nas mãos. Com frequência, especialmente quando os dias eram mais intensos, não conseguia evitar que a sua imaginação voasse para onde estaria o seu irmão. Às vezes, inclusive, sentia-se culpado por desejar abandonar a casa paterna, pois não deveria fazê-lo: tem de cumprir as expectativas que recaem agora só sobre ele, o filho único.

Andava talvez absorvido nestes pensamentos quando, ao regressar de um dia no campo, ouviu a música e as danças. Surpreendido, chamou um dos servos e perguntou-lhe o que passava. «O teu irmão voltou e o teu pai matou o vitelo gordo, porque chegou são e salvo» (Lc 15, 27). Encolerizado, negou-se a entrar na festa. Só quando o pai saiu ao seu encontro desabafou: «Há já tantos anos que te sirvo sem nunca transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos» (Lc 15, 29).

O pai fica triste ao saber que o seu filho não era feliz, que vivia as obrigações da casa paterna em modo legalista: «Obedeci, mereço uma retribuição». Apesar de tudo, não o critica nem recrimina esta atitude. Simplesmente responde-lhe: «Filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu» (Lc 15, 31). «Não é emancipando-nos da casa do Pai que somos livres – recorda o prelado do Opus Dei –, mas sim abraçando a nossa condição de filhos»^[5]. Viver com liberdade no lar paterno é muito mais do que qualquer vitelo gordo. Por isso, podemos pedir à nossa Mãe para que

saibamos desfrutar da nossa condição de filhos, sabendo regressar ao Pai todas as vezes que sejam necessárias.

NOTAS

[1] Bento XVI, Homilia, 18/03/2007.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 64.

[3] Francisco, Angelus, 27/03/2022.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 897.

[5] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018.

III domingo da Quaresma (Ciclo B)

Reflexão para meditar no III domingo da Quaresma (Ciclo B). Os temas propostos são: os mandamentos, água que sacia a nossa sede de felicidade; os ídolos, um sucedâneo de Deus; a Cruz redimensiona a nossa escala de valores.

Sumário

- Os mandamentos, água que sacia a nossa sede de felicidade.
- Os ídolos, um *sucedâneo* de Deus.
- A Cruz redimensiona a nossa escala de valores.

A PRIMEIRA leitura do terceiro domingo da Quaresma, tirada do livro do Êxodo, apresenta-nos Deus a promulgar o Decálogo. O contexto é solene e ameaçador. Há momentos na Sagrada Escritura em que Deus fala de maneira calorosa e próxima, como o sussurro da brisa (cf. 1Rs 19, 11). Nesta ocasião, porém, manifesta-se com o rugido de trovões, relâmpagos e fogo: «A voz do Senhor lança chamas de fogo, a voz do Senhor sacode o deserto» (Sl 28, 7-8). Deus fala como Criador dos céus e da terra, como fazedor do homem, e transmite através de Moisés os seus mandamentos. E fá-lo sob a forma de proibições.

É natural que experimentemos uma certa ansiedade perante esta manifestação de Deus. Poderíamos pensar que, com os seus mandamentos, nos quer privar de certos bens e limitar a nossa liberdade. Deste modo, Deus converte-se num proprietário desconfiado, um competidor insaciável que convém aplacar. Embora este receio possa estar presente em nós, com certa persistência, nada está mais longe do rosto divino. Deus fez-nos à sua imagem e semelhança e quer compartilhar a sua vida connosco para nos fazer participar da sua plenitude. Ele não se compraz «com a morte do ímpio, mas com a sua conversão, para que tenha vida» (Ez 33, 11).

Parece-nos que para viver em plenitude não precisamos de nenhuma indicação. Mas a nossa própria experiência mostra-nos que, muitas vezes, acabamos por fazer o mal que não queremos e rejeitar o bem que realmente desejamos (cf. Rm 7, 19). Deus, com os seus mandamentos, oferece-nos uma água que apaga a nossa «sede de verdade, de gozo, de felicidade e de amor»^[1]; em suma, um caminho para a vida em plenitude, traçado por Aquele que nos criou e que conhece as nossas aspirações mais profundas. Inversamente, o demónio quer semear suspeitas sobre os mandamentos, ao apresentar Deus como inimigo da vida. Assim fez com os nossos primeiros pais, assim tentou fazer com Jesus no deserto e assim continua a fazer ainda hoje. Podemos reagir contra essa insinuação, unindo-nos ao sentimento do autor do salmo: «A lei do Senhor é perfeita e refrigera a alma (...). Os preceitos do Senhor são justos e iluminam o coração; o mandamento do Senhor é puro e ilumina os olhos» (Sl 18, 8-9).

«NÃO FARÁS PARA TI ídolos, nem representação alguma do que está em cima, nos céus, em baixo na terra, ou na água por baixo da terra. Não te prostrarás diante deles, nem lhes prestarás culto» (Ex 20, 4-5). Ao longo de toda a sua peregrinação, o povo de Israel enfrentará repetidas vezes a tentação da idolatria, a sugestão de substituir Deus por criações humanas, por realidades que se podem controlar. E essa é a maior tentação: «Mais temíveis que o Faraó são os ídolos; poderíamos considerá-los como a voz do inimigo dentro de nós. Poder tudo, ser louvado por todos, levar a melhor sobre todos: todo o ser humano sente dentro de si a sedução dessa mentira. É um caminho trilhado. Por isso, podemos apegar-nos ao dinheiro, a certos projetos, ideias, objetivos, à nossa posição, a uma tradição, até inclusivamente a algumas pessoas»^[2]. Os ídolos oferecem-nos uma certa segurança, são um sucedâneo de Deus, que num primeiro momento podemos controlar, segundo os nossos caprichos. Porém, tarde ou cedo acabam por nos escravizar, porque nos tornam difícil desfrutar do amor divino e das relações que tecem a nossa existência.

A idolatria, em qualquer das suas formas, torna difícil entender a lógica de Deus e de como o homem se pode colocar diante dele. Uma lógica que é gratuita, um dom incondicional, e que reclama de cada um a confiança e o desprendimento do desejo de segurança que não provenham dele. Jesus, no

Evangelho deste domingo, repreende com dureza os vendedores do Templo que tinham convertido a casa de Deus num mercado. Além de terem alterado a finalidade daquele lugar dedicado à oração, uma das características de um sítio assim – como é um mercado – é que uma pessoa pode adquirir coisas pelos seus próprios meios. Uma pessoa tem a segurança de saber que a uma determinada quantia de dinheiro corresponde um determinado bem. O comprador tem direitos e expectativas, mede muito bem o risco, demarca com nitidez a sua posição frente ao vendedor. É triste que a relação do homem com Deus se converta num mercado, quando é chamada a ser algo muito maior: o Senhor convida-nos a purificar as nossas seguranças, a não pretendermos ser nós a controlar os resultados da nossa luta, a não quereremos comprar a nossa salvação, a arriscar. A nossa salvação, a plenitude da vida a que Ele nos chama, tem em consideração o que podemos fazer; ao mesmo tempo, isso consiste em responder tratando de nos abrimos à Sua graça, deixando Deus fazer um pouco mais em nós: só Ele, e não os ídolos, pode saciar os nossos desejos mais profundos de felicidade.

NO MONTE Calvário, todas as idolatrias caem como folhas mortas. Nenhum ídolo é capaz de se manter em pé diante da Cruz de Jesus. Por isso, S. Paulo exclama aos habitantes de Corinto: «Enquanto os judeus pedem sinais e os gregos andam em busca da sabedoria, nós pregamos um Cristo crucificado: escândalo para os judeus, loucura para os gentios. Mas, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder e sabedoria de Deus» (1Cor, 22-24).

Com frequência, tende a exaltar-se exageradamente o êxito, o poder, a abundância material, o prazer, a ausência de contrariedades... Porém, o sacrifício de Cristo redimensiona a nossa escala de valores. A Cruz mostra-nos que, às vezes, o aparentemente débil é forte; que talvez os fracassos conttenham sementes de vitória; que talvez o que parece morto e inerte contenha, pelo contrário, um começo de vida; que a dor pode ter um significado e gerar vida. Em suma, que cada um dos nossos esforços para dar mais espaço à graça na nossa vida fará brotar em nós a vida eterna. «Pela sua Paixão e Morte na Cruz, Cristo deu um sentido novo ao

sofrimento: desde então, que o sofrimento nos configura com Ele e nos une à Sua Paixão redentora»^[3].

Por vezes, podemos sentir certa impotência perante a própria dor ou a dor de um ente querido. «A dor entra nos planos de Deus – comentava S. Josemaria –. Ainda que nos custe entendê-la, é essa a realidade. Também a Jesus Cristo, como homem, Lhe custou suportá-la: Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice, mas que não se faça a minha vontade, mas a tua (...) É, precisamente, essa admissão sobrenatural da dor que pressupõe, ao mesmo tempo, a maior conquista. Jesus, ao morrer na Cruz, venceu a morte; Deus tira, da morte, vida»^[4]. A Virgem Maria, a quem também não foi poupada a dor de ver morrer o seu Filho, poderá ajudar-nos a dar um sentido às contrariedades que surgirem na nossa vida.

NOTAS

[1] S. João Paulo II, Mensagem, 04/10/1989.

[2] Francisco, Mensagem, 01/02/2024.

[3] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1505.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 168.

III domingo da Quaresma (Ciclo A)

Reflexão para meditar no III domingo da Quaresma (Ciclo A). Os temas propostos são: atravessar os momentos de provação junto de Deus; a sede de Jesus; o entusiasmo da samaritana.

Sumário

- Atravessar os momentos de provação junto de Deus.
- A sede de Jesus.
- O entusiasmo da Samaritana.

PASSADA JÁ a emoção de ter sido libertado da escravidão, o povo de Israel, torturado pela sede, começa a murmurar contra Moisés: «Por que nos tiraste do Egito? Para nos deixares morrer à sede, a nós, aos nossos filhos e aos nossos rebanhos?» (Ex 17, 3). Apesar de terem sido testemunhas das maravilhas de Deus, a sua presença torna-se menos evidente e, com o passar do tempo, são assaltados por dúvidas: «O Senhor está ou não no meio de nós?» (Ex 17, 17). Buscam provas sensíveis que os confirmem no seu caminho, precisam de fortalecer a sua fé. O Senhor diz então a Moisés que bata num rochedo, donde «sairá água para o povo beber» (Ex 17, 6).

Na vida de cada pessoa há momentos difíceis. Gostaríamos que tudo corresse sem imprevistos que alterem os nossos planos, mas a realidade não é assim. Tal como o povo de Israel, podemos passar por situações em que nos sentimos como se Deus Se tivesse afastado de nós. Somos, então, vencidos por obstáculos externos ou invadidos por uma tristeza interior. Mas pode encher-nos de consolo saber que nenhuma prova é maior que a força do Senhor. Por mais forte que seja a nossa sede de paz, de tranquilidade ou de segurança, Deus não deixará de velar por cada um dos seus filhos. «Por vezes, quando tudo nos acontece ao contrário do que esperávamos, sai-nos um grito espontâneo: Senhor, olha que está tudo, mesmo tudo, a afundar-se...! É o momento de retificar: contigo, avançarei

com segurança, porque Tu és a própria fortaleza: *quia tu es, Deus, fortitudo mea*»^[1].

Embora não seja fácil perceber como atua a providência, e menos ainda no meio da tribulação, Deus está sempre a trabalhar no nosso interior. «A desolação provoca uma “trepidação da alma”: quando alguém está triste é como se a alma tremesse; mantém-nos alerta, favorece a vigilância e a humildade, protegendo-nos contra os ventos do capricho. Estas são condições indispensáveis para o progresso na vida e, portanto, também na vida espiritual»^[2]. Por detrás de cada provação há algo que o Senhor nos quer dizer, assim como a sede permitiu aos israelitas crescer na confiança em Deus.

TAL COMO o povo de Israel, também Jesus experimentou a sede. Depois de partir para a Galileia, tem de passar pela Samaria. Enquanto os discípulos procuram alimentos, o Senhor, «cansado da caminhada» (Jo 4, 6), senta-Se à beira de um poço. Uma samaritana veio tirar água e Ele disse-lhe: «Dá-me de beber» (Jo 4, 7). Começa então uma conversa que muda a vida da mulher.

Jesus estava cansado e sedento. No entanto, é interessante notar que em nenhum momento do relato é dito que beba água. Quando os seus discípulos chegam com a comida, diz-lhes: «Eu tenho um alimento para comer que vós não conheceis. (...) O meu alimento é fazer a vontade d’Aquele que Me enviou e realizar a sua obra» (Jo 4, 32. 34). Diante de uma pessoa necessitada, Deus não pode conter a sua sede, que é maior que a sede física. Jesus só podia satisfazer a sua fadiga e a sua fome anunciando o seu Evangelho àqueles que encontrava e procurava ao longo do caminho. Aliás, por esse motivo é que Ele tinha vindo à terra. «Aquele sede de Jesus não era tanto sede de água, como de encontrar uma alma endurecida. Jesus precisava de encontrar a Samaritana para que abrisse o coração: pede-lhe de beber para evidenciar a sede que havia nela própria»^[3].

Com frequência pode acontecer-nos o mesmo que aconteceu a Jesus. Após um dia de trabalho exigente, estamos cansados e ansiamos por um merecido descanso. Mas no regresso a casa encontramos-nos com pessoas

que também precisam de nós: um cônjuge ou um filho que merece toda a nossa atenção e cuidado, um irmão que precisa da nossa ajuda, um amigo que nos procura para conversar... Nesses momentos talvez nos invada o legítimo desejo de proteger boa parte do nosso espaço e tempo pessoal. Contudo, a *água* que nos sacia verdadeiramente é o amor e o serviço às pessoas que nos rodeiam. Jesus dá-nos assim a verdadeira alegria, aquela que é fruto da partilha da nossa vida com os outros^[4].

NAQUELE diálogo junto ao poço, a Samaritana reconheceu em Jesus o Messias. Por isso, assim que o soube, «deixou o seu cântaro, correu à cidade e falou a todos: “Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz. Não será Ele o Messias?”» (Jo 4, 28-29). Em seguida, o Evangelho diz-nos que «muitos samaritanos daquela cidade acreditaram em Jesus, por causa da palavra da mulher» (Jo 4, 39).

Em nenhum momento lemos que Jesus exortou a Samaritana a anunciar a sua presença; não lhe deu nenhum encargo explícito nem nenhuma missão especial, como faria com outras pessoas, a começar pelos Apóstolos. Proclamar o que ela tinha vivido foi simplesmente algo que brotou do coração daquela mulher. Tinha necessidade de comunicar à sua gente a maravilha que acabara de presenciar, a paz resultante do facto de saber que Deus a conhecia como ninguém neste mundo e, por isso mesmo, lhe estendia a mão: «Ele disse-me tudo o que eu fiz» (Jo 4, 39). O panorama que Jesus lhe tinha aberto levou-a a sair ao encontro dos seus conhecidos. «O ideal de amor a Deus e aos outros – escreveu o prelado do Opus Dei – leva-nos a cultivar a amizade com muitas pessoas: não fazemos apostolado, somos apóstolos! É assim a "Igreja em saída" de que o Papa fala com frequência, recordando-nos a importância da ternura, da magnanimidade, do contacto pessoal»^[5].

De qualquer modo, não foi a mulher que mudou os outros samaritanos. O que ela fez foi levá-los a Jesus. E eles, quando conheceram o Mestre da Galileia, pediram-Lhe que ficasse mais tempo. «Então muitos acreditaram em Jesus, por causa da palavra da mulher, e diziam-lhe: “Já não é por causa das tuas palavras que acreditamos. Nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é realmente o Salvador do mundo”» (Jo 4, 41-42). Esta é a missão do

apóstolo: pôr as pessoas diante de Jesus e passar para um discreto segundo plano. Isto é o que faz também a nossa Mãe: «A Jesus sempre se vai e se "torna a ir" por Maria»^[6].

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 213.

[2] Francisco, Audiência, 16/11/2022.

[3] Francisco, Angelus, 23/03/2014.

[4] cf. S. Josemaria, *Forja*, n. 591.

[5] Fernando Ocáriz, Carta pastoral 14/02/2017, n. 9.

[6] S. Josemaria, *Caminho*, n. 495.

III domingo da Quaresma (Ciclo C)

Reflexão para meditar no III domingo da Quaresma (Ciclo C). Os temas propostos são: o estilo de Deus é a proximidade; examinar o nosso coração; a humildade da conversão.

Sumário

- O estilo de Deus é a proximidade.
- Examinar o nosso coração.
- A humildade da conversão.

MUITOS ANOS passaram desde que Moisés fugira do Egito. O Faraó daquela época tinha morrido, mas a situação dos israelitas não melhorava. A Escritura diz-nos que «os filhos de Israel se queixavam da escravatura e clamavam. Os seus gritos de escravidão subiram até Deus, e Deus os ouviu» (Ex 2, 23-24). Nessa altura, «Moisés estava a pastorear o rebanho do seu sogro Jetro» (Ex 3, 1). Vagueava sem rumo por uma terra estranha em busca de pasto para alimentar um rebanho estranho.

Um dia, encontrou uma sarça em chamas, algo normal num lugar ressequido pelo sol. Moisés tinha visto muitos arbustos a arder, mas nenhum como este: «ele viu que a sarça estava a arder sem se consumir» (Ex 3, 2). Intrigado, aproxima-se para contemplar esta «visão maravilhosa» (Ex 3, 3). Então Deus fala, e a vida de Moisés e a História dos homens mudam para sempre. Deus está mais uma vez a entrar na História. Ele decidiu tomar partido, escolheu um povo e revelou-lhes o Seu nome, misturando o Seu destino com o deles. Deus assume o risco de se tornar próximo deles.

Os israelitas terão de recorrer à poesia e ao canto para tentar dar voz a tanta maravilha: «Bendiz ó minha alma o Senhor, e todo o meu ser o seu santo nome. Bendiz, ó minha alma o Senhor, e não esqueças todos os Seus benefícios» (Sl 102, 1-2). Eles começam a descobrir «o estilo de Deus que é

fundamentalmente um estilo de proximidade. Ele próprio dá ao povo esta definição de si mesmo: “Diz-me, que nação tem os seus deuses tão perto como tu me tens a mim?” (cf. Dt 4, 7)»^[1]. «Não deixareis de ver, mesmo nos momentos de maior ansiedade – dizia S. Josemaria –, que o nosso Pai do Céu está sempre perto, muito perto»^[2].

«NÃO QUERO, pois, irmãos – escreve S. Paulo –, que ignoreis que os nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem e todos atravessaram o mar, todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar (...). Mas a maior parte deles não agradou a Deus» (1Cor 10, 1-5). E o Apóstolo acrescenta que todas aquelas coisas «foram escritas como um aviso para nós», para que tomássemos consciência do que também nos pode acontecer, como novo povo de Deus. O próprio Jesus Cristo, depois de recordar a alguns que, naqueles dias, tinham tido uma morte sangrenta, pergunta: «Vós pensais que estes galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus por terem sofrido tal sorte? Não, eu vo-lo digo; mas se não fizerdes penitência, todos perecereis do mesmo modo» (Lc 13, 2-3).

As palavras claras de Jesus e o aviso de S. Paulo fazem-nos bem, porque provocam em nós uma reação que nem sempre nos surge espontaneamente. Por vezes, quando as coisas parecem correr mal, procuramos as causas, precisamos de estabelecer uma responsabilidade. E se conseguirmos encontrar um culpado, respiramos calmamente, porque então podemos pensar que não tem nada a ver connosco.

Jesus corrige, nesta e noutras ocasiões, esta visão errada dos seus discípulos. Ele encoraja-nos a tirar partido de tais ocasiões para procurar uma conversão pessoal mais profunda, em vez de gastar tempo e energia à procura de culpados. Conversão, o que significa voltar o nosso olhar para Deus e reconsiderar as coisas com base no seu amor por nós e pelos outros. «Não julgueis» (Mt 7, 1), diz-nos Jesus. E «não murmureis» (1Cor 10, 10), acrescenta S. Paulo. Porque quando cedemos a esta visão negativa, podemos cair na armadilha da murmuração. Se nos contentamos em culpar os outros ou as circunstâncias, perdemos a oportunidade de examinar o nosso próprio coração, que é onde se encontra o único mal que verdadeiramente podemos afogar com superabundância de graça.

«UM HOMEM tinha uma figueira plantada na sua vinha. Foi buscar fruto e não o encontrou» (Lc 13, 6). Quando deixamos de procurar os problemas no exterior, então, a nossa miséria torna-se evidente para nós. Então, estamos mais aptos a reconhecer a generosidade de Deus para conosco e que realmente não temos nada com que Lhe retribuir. Já não aparecemos tão bem aos nossos próprios olhos como quando nos comparamos com os outros: aprendemos a ser humildes.

Esta constatação não nos entristecerá se fizermos o que Jesus nos diz: colocar os nossos olhos em Deus, que é o nosso Pai. Este é o dom da conversão que pedimos ao Senhor especialmente na Quaresma, apoiado numa penitência que gradualmente molda os nossos corações. «Deus Pai de misericórdia e fonte de toda a bondade – imploramos juntamente com toda a Igreja –, que nos fizestes encontrar no jejum, na oração e no amor fraterno os remédios do pecado, olhai benigno para a confissão da nossa humildade, de modo que, abatidos pela consciência da culpa, sejamos confortados pela Vossa misericórdia»^[3].

Descobrimos assim, tal como o povo eleito, que o maior milagre realizado por Deus é a sua incrível proximidade. «Estamos nas mãos de Jesus!»^[4], costumava repetir S. Josemaria. E Jesus não desespera, nem a sua mãe Santa Maria, a quem podemos pedir que suavize o nosso coração sempre que precisarmos.

NOTAS

[1] Francisco, Discurso, 17/02/2022.

[2] S. Josemaria, *Forja*, n. 240.

[3] Domingo da III semana da Quaresma, Oração coletiva.

[4] S. Josemaria, *Enquanto nos falava pelo caminho*, p. 107.

Segunda-feira da III semana da Quaresma

Reflexão para meditar na segunda-feira da III semana da Quaresma. Os temas propostos são: a Eucaristia sacia os nossos anseios; a conversão é tarefa do presente; todos cooperamos na santidade de todos.

Sumário

- A Eucaristia sacia os nossos anseios.
- A conversão é tarefa do presente.
- Todos cooperamos na santidade de todos.

«A MINHA ALMA tem sede de Deus» (Sl 41, 3), «o meu coração e a minha carne regozijam-se no Deus vivo» (Sl 83, 3). Muitos salmos nos falam de um Deus capaz de arrebatrar e cumular os desejos, não só da nossa alma, mas também do nosso coração e até da nossa carne. Fomos criados para gozar de Deus: com esta certeza, vamos à Santa Missa, onde o próprio Deus se nos entrega para saciar essas ânsias. No entanto, pode acontecer que nem sempre sintamos este entusiasmo quando nos aproximamos da mesa da Eucaristia. Talvez notemos o coração emaranhado, a alma dispersa, o corpo esgotado. Nesses momentos, parece-nos que estamos muito longe daquele regozijo do salmista.

A nossa situação pode assemelhar-se, por vezes, à do sírio Naamã, general do exército do rei. «Era tido em grande consideração e estima pelo seu soberano, porque, por seu intermédio, o Senhor tinha dado a vitória à Síria. Mas este homem, valente guerreiro, estava leproso» (2Rs 5, 1). Era um homem cheio de vigor, no ponto culminante da sua carreira, mas para quem todos os gozos da vida se tinham tornado, de um momento para o outro, um tormento. E não é que as coisas tivessem deixado de ser boas, mas sim que Naamã estava doente. Tinha perdido a capacidade de gozar, mas não o desejo.

Na Eucaristia encontramos tudo o que desejamos. A Eucaristia é o alimento que nos sacia, o remédio para as nossas doenças. «Purificai, Senhor, e protegei continuamente a vossa Igreja- suplicamos - e, porque não pode salvar-se sem Vós, governai-a com a vossa providência»^[1]. «Se transcurássemos a Eucaristia, como poderíamos dar remédio à nossa indigência?»^[2]. S. Josemaria aconselhava: «Amai a Missa. E que cada um de vós comungue com ardor, mesmo que sinta gelado, mesmo que não haja correspondência por parte da emotividade. Comungai com fé, com esperança, e com caridade inflamada»^[3].

«HAVIA EM ISRAEL muitos leprosos no tempo do profeta Eliseu; contudo, nenhum deles foi curado, mas apenas o sírio Naamã» (Lc 4, 27). Porque foi Naamã, entre tantos, escolhido por Deus para ser salvo do mal que o atormentava? Porquê a nós, entre tantos, o Senhor nos dirige uma vez mais a sua chamada carinhosa à conversão? É, em boa parte, um mistério. Não sabemos. Não fizemos especiais méritos. Pode até parecer-nos que, da nossa parte, o que fizemos foi pôr dificuldades como, de facto, sucedeu a Naamã, que ao princípio «irritou-se e decidiu ir-se embora» (2Rs 5, 11).

Também nós começámos a Quaresma com grandes expetativas, e talvez tenhamos podido desanimar um pouco ao não notar grandes mudanças na nossa vida. Provavelmente, acontece-nos como a Naamã, ou a alguns conterrâneos de Jesus, que queriam ver prodígios e não souberam aperceber-se do que tinham diante de si. Pode suceder que esperemos para nós mesmos uma conversão com mais espetáculo, que chegue a dar uma volta radical à nossa vida. E enquanto isso não se dá, vamos atrasando a nossa verdadeira conversão, a que está verdadeiramente ao nosso alcance, em coisas mais pequenas.

É verdade que não podemos tornar-nos santos dum dia para o outro. «A santificação é obra de toda a vida»^[4], recorda-nos S. Josemaria, e é Deus que o vai fazendo em nós, sem sabermos muito bem como. Contudo, «a conversão é coisa de um instante»^[5], e isso, sim, podemos fazê-lo agora, cada vez que nos dispomos a orar ou que nos pomos na presença de Deus. Se Jesus está connosco, de que mais precisamos para converter-nos, para deixar-nos curar?

A NAAMÃ, ajudaram-no a reagir. «Desceu e mergulhou sete vezes no Jordão, como lhe ordenara o homem de Deus. A sua carne tornou-se como a de uma criança e ficou limpo» (2Rs 5, 14). Porquê Naamã, sim, e os leprosos de Israel, ou os que escutavam Jesus, não? Não sabemos a resposta totalmente, mas, sim, sabemos que para esta história de eleição cooperaram outras pessoas: «Numa incursão, os sírios tinham levado uma menina da terra de Israel, que ficou ao serviço da mulher de Naamã – relata a Escritura –. Ela disse à sua senhora: “Se o meu senhor fosse ter com o profeta que vive na Samaria, ele decerto o livraria da lepra”» (2Rs 5, 2-3).

O sírio Naamã foi curado pela fé e pelo amor desta rapariga de Israel. Não deixa de ser surpreendente que ela, arrebatada da sua terra e tornada escrava, longe de carregar com sentimentos de ódio, deseje sinceramente que o seu senhor se cure. Vemos a mesma atitude depois nos servos de Naamã, que, quando este parte irado de casa do profeta, o ajudam a recapacitar. Se não fosse por todos eles, o seu senhor não se teria curado.

Todas as histórias de conversão, também a nossa, encontram cúmplices entre pessoas simples e cheias de fé que o Senhor foi pondo ao nosso lado. E nós podemos fazer o mesmo na vida dos que nos rodeiam. «Ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças. Deus atrai-nos, no respeito da complexa trama de relações interpessoais que a vida numa comunidade humana supõe»^[6]. E, entre todas as pessoas, quem mais nos ama e nos ajuda é Santa Maria: empurra-nos com suavidade na direção do Seu Filho para que Jesus nos cure.

NOTAS

[1] Oração coleta de segunda-feira da III semana da Quaresma.

[2] S. João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*, n. 60.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 91.

[4] S. Josemaria, *Caminho*, n. 285.

[5] *Ibid.*

[6] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 113.

Terça-feira da III semana da Quaresma

Reflexão para meditar na terça-feira da III semana da Quaresma. Os temas propostos são: Deus espera o sacrifício dos nossos corações; voltar ao Pai nesta Quaresma; perdoar porque nos sabemos perdoados.

Sumário

- Deus espera o sacrifício dos nossos corações.
- Voltar ao Pai nesta Quaresma.
- Perdoar porque nos sabemos perdoados.

ENTRE os judeus deportados para a Babilónia estava Azarias, um «jovem israelita, de ascendência real ou de família nobre, sem qualquer defeito, formoso, dotado de toda a espécie de qualidades, instruído, inteligente e fortes. Seria colocado no palácio real» (Dn 1, 3-4). Ele tinha aprendido a língua e a literatura da Babilónia e recebeu um nome caldeu: Abed-Nego. Os primeiros capítulos do livro de Daniel contam-nos as aventuras de Azarias, Ananias, Misael e Daniel, e como os quatro se mantêm fiéis a Deus e aos costumes do seu povo, num ambiente hostil.

Na sua oração na fornalha ardente, os pensamentos de Azarias vão para lá do grande sofrimento imediato. Além disso, o seu coração não para de sofrer pela situação de Israel, e tenta entender o desastre que a deportação para a Babilónia significou para o povo eleito. Deus libertou o seu povo da escravidão e deu-lhes uma terra para viver em liberdade. No entanto, todo esse esplendor nada mais é do que uma lembrança dolorosa. «Mas agora, Senhor, tornámo-nos o mais pequeno de todos os povos e somos hoje humilhados em toda a terra, por causa dos nossos pecados» (Dn 3, 37).

Nesta situação dramática, Azarias oferece ao Senhor a única coisa que tem: «Mas de coração arrependido e espírito humilhado sejamos por Vós recebidos como se viéssemos com um holocausto de touros e carneiros e milhares de gordos cordeiros» (Dn 3, 39). E Deus, satisfeito, aceita aquele

sacrifício, que é precisamente o mais agradável aos Seus olhos: «convertei-vos a mim de todo o vosso coração, porque só quero o vosso bem e sou misericordioso» (Jl 2, 12-13). Esta atitude interior para com Deus, de quem sabe que na realidade não pode pagar tanto bem, é a que torna agradável qualquer sacrifício nosso.

AZARIAS entendeu a lógica de Deus. Mesmo no meio das chamas, o assombro diante da infinita misericórdia de Deus leva-o a ter o seu pensamento no céu. Azarias e os seus companheiros experimentaram o que é não ter nada e aceitaram receber tudo de Deus. Em seguida, a gratidão destes três jovens irrompe num cântico em que convocam todas as criaturas para, juntamente com eles, louvar e bendizer a misericórdia de Deus (cf. Dn 3, 51-90).

Aquele forno do exílio foi, para o povo de Israel, o cadinho que permitiu o retorno ao essencial. A partir daí construirão um novo começo em que Deus e o seu amor ocupam, mais uma vez, o centro. «E agora Vos seguimos de todo o coração, Vos tememos e buscamos o vosso rosto. Não nos deixeis ficar envergonhados, mas tratai-nos segundo a vossa bondade e segundo a abundância da vossa misericórdia. Livrai-nos pelo vosso admirável poder e dai glória, Senhor, ao vosso nome» (Dn 3, 41-43).

Também para nós, a Quaresma é uma oportunidade de recomeçar. «De certo modo, a vida humana é um constante voltar à casa do nosso Pai – dizia S. Josemaria –, um regresso mediante a contrição, a conversão do coração que significa o desejo de mudar, a decisão firme de melhorar a nossa vida e que, portanto, se manifesta em obras de sacrifício e de doação»^[1]. Descobrir e percorrer esse caminho de volta ao Pai encher-nos-á da mesma alegria que encheu o coração dos três jovens.

EXPERIMENTAR o perdão de Deus obriga-nos a sair de esquemas puramente humanos. Quando Pedro pergunta a Jesus quantas vezes deve perdoar ao seu irmão, a resposta parece fora de toda a lógica: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete» (Mt 18, 21-22). E então propõe a parábola em que um homem tinha uma dívida de dez mil talentos, uma

quantia que colocaria o próprio Salomão em dificuldades. Conta-se que, nos tempos de maior prosperidade do reino de Israel, o rei recebia 666 talentos de ouro por ano (cf. 1Rs 10, 14). O pobre devedor da parábola deve-se ter sentido como Azarias, considerando a magnitude dos pecados do povo e a sua falta de meios para compensá-los. «Não tendo com que pagar (...), o servo prostrou-se a seus pés, dizendo: ‘Senhor, concede-me um prazo e tudo te pagarei’» (Mt 18, 25-26).

Então, Jesus introduz uma reviravolta surpreendente na parábola. O patrão contenta-se com a disposição do seu servo em pagar, como se com aquele gesto tivesse realmente satisfeito a dívida. O Mestre ensina-nos – assim como Azarias já havia experimentado – que Deus Se deixa conquistar por um coração contrito, derrama a Sua graça diante do nosso sincero desejo de pagar, mesmo que não sejamos capazes de fazê-lo. «Deus nunca se cansa de perdoar (...), mas nós às vezes cansamo-nos de pedir perdão»^[2]. Jesus sempre nos perdoa quando nos aproximamos arrependidos do sacramento da Confissão. Ao mesmo tempo, saber que o próprio Deus esquece os nossos erros leva-nos a não dar importância excessiva às ofensas que podemos receber dos outros: «Não precisei de aprender a perdoar, porque o Senhor me ensinou a amar»^[3], costumava dizer S. Josemaria. Pedimos a Santa Maria, refúgio dos pecadores, que nos ensine a abrir-nos ao perdão de Deus; não negar perdão aos nossos irmãos e pedir perdão com frequência.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 64.

[2] Francisco, *Angelus*, 17/03/2013.

[3] S. Josemaria, *Sulco*, n. 804.

Quarta-feira da III semana da Quaresma

Reflexão para meditar na quarta-feira da III semana da Quaresma. Os temas propostos são: Jesus é a plenitude da Lei; uma fidelidade que vivifica e faz crescer o coração; compreender aquilo que se ama.

Sumário

- Jesus é a plenitude da Lei.
- Uma fidelidade que vivifica e faz crescer o coração.
- Compreender aquilo que se ama.

«NO OUTRO lado do Jordão, no deserto (...), Moisés comunicou aos filhos de Israel tudo o que o Senhor lhe tinha ordenado que lhes dissesse» (Dt 1, 1.3). O povo está a um passo de entrar na terra prometida. No entanto, o que foi o seu guia e pastor desde que saíram do Egito, quarenta anos antes, não vai atravessar com eles esta última fronteira. Antes de entregar a alma a Deus, Moisés cumpre a sua missão até ao fim. «Vede: ensinei-vos leis e preceitos, como o Senhor, meu Deus, me ordenou; assim fareis na terra que ides possuir. Observai-os e ponde-os em prática, porque isso manifestará a vossa sabedoria e a vossa inteligência aos olhos dos povos» (Dt 4, 5-6).

A identidade de Israel ir-se-á formando na fidelidade a esta lei. Desde Josué e Fineias até Saulo de Tarso, passando por Elias, Judite ou Matatias serão muitos os israelitas que vão sentir a sua alma arder de amor pela Lei de Deus. Por isso, quando Jesus começa a sua vida pública, há uma certa agitação. Fala com autoridade e parece que permite, a si e aos discípulos, fazer exceções às tradições dos seus pais. Os israelitas piedosos estão confusos e por isso o Senhor vai ao seu encontro: «Não penseis que vim abolir a Lei e os Profetas. Não vim abolir, mas dar-lhe plenitude» (Mt 5, 17).

Jesus insere-se nesta tradição de amor à Lei, glória do seu povo. Mas acrescenta algo mais. Não veio eliminá-la, mas não se trata apenas dum mero cumprir. Com Cristo souo para a Lei a hora da plenitude. «Vai à raiz da Lei, visando sobretudo a intenção e, portanto, o coração do homem, onde têm origem as nossas ações boas e más (...). E nós, através da nossa fé em Cristo, podemos abrir-nos à ação do Espírito, que nos faz capazes de viver o amor divino»^[1].

A ALGUNS dos ouvintes de Jesus, a resposta soube a pouco. «Se não veio abolir a Lei, como se explica a sua conduta ambígua?» poder-se-iam perguntar. Mas a suposta ambiguidade de Jesus só aparece como tal a quem tem uma visão deformada da Lei. E o que Jesus quer abolir, é precisamente essa visão deformada. A tarefa apresenta-se árdua, porque a encontra muito arreigada, sobretudo entre alguns fariseus: o seu cumprimento da Lei é um cumprimento superficial, é uma observância formal, compatível com um coração que não cresce (cf. Is 29, 13; Mt 15, 6).

Mas não é essa a fidelidade que o Senhor quer. Moisés tinha dito: «Israel, ouve as leis e os preceitos que eu hoje vos ensino. Ponde-os em prática para que vivais» (Dt 4, 1). A finalidade da Lei é ajudar a viver, fazer crescer. Nesse mesmo sentido, as palavras de Jesus são espírito e vida (cf. Jo 6, 63) que, longe de permanecerem imóveis, o salmista nos diz que «correm velozes» (Sl 147, 15). Longe de nos diminuir, a fidelidade à Lei tem a capacidade de nos tornar grandes, porque nos descobre os caminhos para dilatar o coração: «Dirige os meus passos, Senhor, para que a maldade não me domine» (Sl 118, 113).

«A santidade tem a flexibilidade dos músculos soltos», dizia S. Josemaria. «A santidade não tem a rigidez do cartão (...). É vida sobrenatural»^[2]. Como podemos distinguir o cumprimento farisaico, que nos torna pequenos e rígidos, do que nos faz grandes e cheios de vida? Podem dizer-se muitas coisas, mas a chave última está num amor que tem dois indicadores concretos: a alegria, fruto de fazer as coisas livremente^[3]; e a ternura com que fazemos as coisas^[4], porque lhes damos toda a atenção. Assim se compreende porque é que «as almas grandes têm muito em conta as coisas pequenas»^[5].

PARA PODER cumprir a Lei de Deus com amor, convém saber porque é que fazemos essas coisas. É verdade que podemos amar uma coisa embora não a compreendamos totalmente porque, nesse caso, confiamos em quem no-lo diz: o Senhor, os nossos pais, alguém em quem confiamos... Mas o amor autêntico procura sempre compreender melhor e o amor cresce na medida em que aprofundamos nas suas causas^[6]. Se fizermos as coisas sem perceber porquê, é fácil acabarmos por nos limitar a um cumprimento externo, sem interiorizar as razões para o fazer, e sem nos identificarmos com elas. Assim, podemos chegar a esquecer-nos facilmente de que o fazíamos pelo Senhor, e aquilo pode converter-se em algo aborrecido ou sem sentido. «Toma, pois, cuidado contigo! Guarda-te bem de esquecer os factos que os teus olhos viram; que eles nunca se afastem do teu coração em todos os dias da tua vida – diz a Escritura – Ensina-os aos teus filhos e aos filhos dos teus filhos» (Dt 4, 9).

Algumas vezes compreendemos as coisas precisamente através da obediência, quando essa obediência nasce do desejo de nos identificarmos com o que Deus quer. Este milagre dá-se sobretudo na oração, onde o Senhor nos ajuda a identificar o nosso querer com o d'Ele, graças às luzes, afetos e inspirações que derrama nas nossas almas. E, juntamente com a oração, um meio indispensável é o estudo, especialmente da Sagrada Escritura e do Catecismo da Igreja Católica. Trata-se de tesouros inesgotáveis em que podemos aprofundar cada vez mais e onde sempre encontraremos luzes novas para encher de sentido tudo o que fazemos, e para dar explicações a quem no-las pedir. Santa Maria também teve que se esforçar por compreender. Por isso meditava frequentemente as coisas no seu coração (cf. Lc 1, 29; 2, 19.51), perguntava o que não entendia (cf. Lc 1, 34; 2, 48) e procurava a orientação de quem a pudesse ajudar (cf. Lc 1, 39). Assim, Ela pode ajudar-nos a ser verdadeiramente livres.

NOTAS

[1] Francisco, Angelus 16/02/2014.

[2] S. Josemaria, *Forja*, n. 156.

[3] cf. Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 6.

[4] cf. Francisco, *Amoris laetitia*, n. 127.

[5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 818.

[6] cf. S. Tomás de Aquino, *Comentário à Ética a Nicómaco*, Liv. 8, Leit. 12, n. 6.

Quinta-feira da III semana da Quaresma

Reflexão para meditar na quinta-feira da III semana da Quaresma. Os temas propostos são: reconhecer o próprio pecado; sinceridade no exame de consciência; reconquistar a nossa liberdade

Sumário

- Reconhecer o próprio pecado.
- Sinceridade no exame de consciência.
- Reconquistar a nossa liberdade.

JESUS ESTAVA a expulsar um demónio que era mudo. Logo que o demónio saiu, o mudo falou e a multidão ficou admirada» (Lc 11, 14). Estas são as palavras do evangelista que nos introduz, sem demasiados preâmbulos, nesta cena. Esta expressão evangélica – o “demónio mudo” – enraizou-se na tradição espiritual da Igreja para descrever um fenómeno que pode afetar qualquer cristão: a insinceridade. É uma atitude que por vezes pode acontecer nas nossas vidas: a dificuldade de aceitarmos algum aspeto das nossas vidas que ainda não tenhamos preenchido com Cristo, e de procurarmos ajuda para essa conversão.

Como o demónio é o pai da mentira, põe toda a sua astúcia em jogo para que não nos apercebamos dos nossos erros. «Eis um aspeto que nos pode enganar: ao dizer "somos todos pecadores", como alguém que diz "bom dia", algo habitual, mesmo algo social, não temos uma verdadeira consciência do pecado. Não: Sou um pecador por causa disto, disto e disto. (...) A verdade é sempre concreta^[1]. A sinceridade começa por si mesmo. Como não estamos isentos de nenhum mal, precisamos de nos voltar para o Senhor para sermos curados. Relativamente ao "demónio mudo", Jesus deixa claro aos seus apóstolos que «esta casta de demónios não se pode expulsar senão pela oração» (Mc 9, 29). Aproximarmo-nos de Deus com simplicidade, invocando o Espírito Santo, dar-nos-á a graça de nos

conhecermos melhor para nos identificarmos mais de perto com Jesus Cristo.

QUANDO S. Josemaria pensou nas consequências que poderiam ser geradas por esse “demónio mudo”, essa falta de sinceridade consigo próprio e com aqueles que nos podem ajudar, resumiu-as numa expressão, talvez forte: “coisas mesquinhas”^[2]. Na sua origem, é o que logicamente se segue à falta do ar limpo que a verdade gera, o que distorce não só a capacidade de reconhecer o que é real nas nossas vidas, mas também, talvez, nas palavras de outros. Vemo-lo precisamente naqueles que testemunham a cena depois de o Senhor ter feito o milagre. Algumas pessoas na multidão, em vez de se surpreenderem com este acontecimento inaudito, começaram a dizer que Jesus estava a expulsar demónios pelo poder de Belzebu. Outros, indo mais longe, «pediram-lhe um sinal do céu», o que é paradoxal, já que tinham acabado de testemunhar um verdadeiro milagre.

Por vezes acontece que, «se o demónio mudo entra numa alma, estraga tudo»^[3], incluindo as coisas boas da vida, tais como as maravilhas que Deus opera perante os nossos olhos. Tal pessoa condiciona a sua própria capacidade de contemplar as ações do Senhor – em si mesma e nos outros – e mesmo, como neste trecho do Evangelho, desvirtua as suas intenções. Assim, é importante fazer um exame de consciência diário para nos pormos nesse breve tempo, que é a oração, com a vontade de deixar que o Espírito Santo ilumine a nossa consciência e nos impulsione a procurar amar cada vez mais a Deus; então descobriremos a profundidade do seu amor por nós, ao abraçar-nos como o pai do filho pródigo quando reconhecemos com simplicidade as nossas dificuldades e pecados. É por isso que a Igreja apela todos os anos: «Ouve benignamente as nossas orações, Senhor, e ilumina as trevas dos nossos corações com a graça do Teu Filho, que vem visitar-nos»^[4].

JESUS, em sua defesa, argumenta com uma explicação que qualquer um poderia compreender: cada reino dividido contra si mesmo está condenado à ruína. Ele não age pelo poder do demónio, pois não faria sentido que Belzebu agisse contra si próprio. É por isso que o Senhor lhes

anuncia diretamente o ponto central: este milagre é realmente um sinal de que o Reino de Deus chegou. O que estas pessoas testemunharam não é mais do que uma realização do que tinha sido anunciado, e que o próprio S. Lucas traz à luz no início do seu Evangelho: Jesus é o Ungido de Deus que veio para trazer a liberdade aos cativos.

E podemos perguntar a nós mesmos: aos cativos de quem? Daquele que era mais forte do que eles: o demónio. É por isso que o Senhor continua a sua intervenção com uma imagem: «Quando um homem forte e bem armado guarda o seu palácio, os seus bens estão em segurança. Mas se aparece um mais forte do que ele e o vence, tira-lhe as armas em que confiava e distribui os seus despojos» (Lc 11, 21-22). Desde o primeiro pecado, o demónio tinha conquistado uma posição de destaque na humanidade. Jesus, que é mais forte do que ele, teve de vir para o derrotar e devolver às pessoas o seu tesouro mais precioso: a liberdade.

Identificar e expulsar o demónio mudo das nossas vidas significa proteger esse bem que o Senhor nos deu. Como o próprio Jesus diz: «A verdade vos libertará» (Jo 8, 32). É por isso que a honestidade connosco próprios, com Deus e com os outros é parte integrante da tarefa que todos nós temos: lutar todos os dias para recuperar a nossa liberdade. Maria Santíssima, a mulher livre por excelência, cheia de graça, ajudar-nos-á a viver em todos os momentos com a liberdade própria dos filhos de Deus.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 29/04/2020.

[2] cf. S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 188.

[3] *Ibid.*

[4] Oração coleta de segunda-feira da II semana do Advento.

Sexta-feira da III semana da Quaresma

Reflexão para meditar na sexta-feira da III semana da Quaresma. Os temas propostos são: o testemunho do escriba; guia para orientar a nossa vida; estar no Reino de Deus.

Sumário

- O testemunho do escriba.
- Guia para orientar a nossa vida.
- Estar no Reino de Deus.

FIZERAM muitas perguntas a Jesus durante a Sua passagem na terra. Em várias ocasiões faziam-no com o propósito de distorcer as Suas palavras. Não eram perguntas que respondessem a um desejo sincero de conhecer a verdade; simplesmente eram invejosos, ansiosos por ter algo de que acusá-l'O publicamente. No entanto, no Evangelho também vemos pessoas que se aproximam do Senhor com simplicidade. É o caso de um escriba que, vendo como respondia bem às preocupações dos fariseus e saduceus, Lhe perguntou: «Qual é o primeiro de todos os mandamentos?» (Mc 12, 28). Ao contrário das perguntas anteriores, este escriba não se aproximou com más intenções. Ele queria obter daquele homem tão sábio uma resposta para uma questão crucial, que também era objeto de contínuo debate entre os rabinos da época. Um judeu piedoso tinha de obedecer a mais de seiscentas regras. Portanto, poderia ser lógico perguntar qual era o preceito que estava acima de todos.

A atitude sincera deste escriba pode inspirar a missão dos cristãos hoje. Ele testemunhou as maravilhas de Jesus, e o seu trabalho era justamente contar os factos conforme eles aconteciam. O seu testemunho, livre de preconceitos, deve ter ajudado muitos dos seus contemporâneos a derrubar as barreiras que os separavam do Senhor. Mostra-nos que, para nos aproximarmos de Jesus, não devemos prender-nos a preconceitos, nem procurá-l'O para afirmar um ponto de vista previamente elaborado. «O

pecado dos fariseus – escrevia S. Josemaria –, não consistia em não verem Deus em Cristo, mas em encerrarem-se voluntariamente em si mesmos, em não tolerarem que Jesus, que é luz, lhes abrisse os olhos»^[1]. Para poder escutá-l'O, é necessário manter uma disposição aberta para transformar pouco a pouco os próprios juízos a partir do brilho da Sua palavra salvadora.

A FORMA como o escriba fez a sua pergunta tão diretamente permite-nos supor que era um assunto que já vinha a ser questionado havia algum tempo. Poderíamos dizer que este homem estava a indagar sobre o que é realmente importante na vida. E isso, de facto, é algo que todo o mundo quer saber. Precisamos de pontos de referência, guias que nos orientem no modo de configurar o nosso modo de vida: «Por vezes, talvez nos perguntemos como será possível corresponder a tanto amor de Deus e até desejaríamos, para o conseguir, que nos pusessem com toda a clareza diante dos nossos olhos um programa de vida cristã»^[2].

Às vezes, podemos estar à procura de respostas a perguntas que já foram respondidas. De facto, Jesus respondeu ao escriba com palavras que o seu interlocutor provavelmente sabia de cor, pois era a parte essencial da Lei que Deus deu ao povo por meio de Moisés: «Escuta, Israel: O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor: Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças» (Mc 12, 29 e cf. Dt 6, 4-5). Ao mesmo tempo, Jesus associou este preceito a outro também conhecido pelos judeus: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo» (Mc 12, 31 e Lv 19, 18). Desta forma, mostramos que ambos os mandamentos estão tão profundamente ligados que acabam por ser um só.

«O amor a Deus é a primeira coisa que se ordena – disse Sto. Agostinho –, e o amor ao próximo a primeira coisa que se deve praticar. (...) Tu, que ainda não vês a Deus, por amar o próximo merecerás vê-l'O. O amor ao próximo purifica os olhos para ver a Deus, como João diz claramente: "aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê" (1Jo 4, 20)»^[3]. Amar as pessoas que nos rodeiam é o caminho para amar o Senhor de todo o coração. Esta foi a orientação que

Jesus deu ao escriba e que Ele mesmo nos dará a medida mais adiante: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei» (Jo 13, 34).

DEPOIS de Jesus responder à pergunta ao escriba, verifica-se novamente que este homem se tinha aproximado do Senhor com uma intenção justa. De facto, na sua reação mostra-se entusiasmado e satisfeito: «Muito bem, Mestre!» (Mc 12, 32). Aquela alegria perante a perspectiva que Jesus colocou diante dos seus olhos leva o próprio Senhor a afirmar: «Não estás longe do Reino de Deus» (Mc 12, 34).

Não é um elogio menor. Também seria uma grande consolação para nós ouvir de Jesus que não estamos longe da única coisa que vale a pena: estar com Ele no Seu Reino. Isto é o que pedimos quando rezamos o Pai Nosso: «Venha a nós o Vosso reino». Esta formulação permite-nos compreender que não somos nós que nos aproximamos dele: é o Reino que vem ao nosso encontro, é Deus quem toma a iniciativa. «O Senhor sempre nos *primerea* (...) E, quando O procuramos, deparamos com esta realidade: é Ele que está à nossa espera, para nos acolher, para nos dar o Seu amor»^[4].

Mas, além disso, Cristo não abriu as portas do Seu Reino para que ali tivéssemos a função de súbditos. O Senhor quer que reinemos com Ele: «Ao que vencer, farei que se sente comigo no Meu trono, assim como Eu venci e estou sentado com Meu Pai, no Seu trono» (Ap 3, 21). Com efeito, os autores dos Salmos já entreviam que os filhos de Adão estariam destinados a ser coroados de glória e de honra (cf. Sl 8, 5-6). Com o ensinamento de Jesus, entendemos ainda melhor que esse será o resultado de quem ama plenamente o próximo, porque esse era o modo de viver do Senhor: reinar servindo. A Virgem compreendeu que Deus tira os poderosos dos seus tronos para exaltar os humildes (cf. Lc 1, 52), que são aqueles que sabem servir. Por isso, ela acabou por ser coroada Rainha do universo.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 71.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 88.

[3] Sto. Agostinho, *In Ioannis Evangelium*, 17, 8.

[4] Francisco, Discurso, 18/05/2013.

Sábado da III semana da Quaresma

Reflexão para meditar no sábado da III semana da Quaresma. Os temas propostos são: atitude humilde para orar; o ensimesmamento do fariseu; a vantagem do publicano.

Sumário

- Atitude humilde para orar.
- O ensimesmamento do fariseu.
- A *vantagem* do publicano.

ANTES de narrar a parábola do fariseu e do publicano, S. Lucas faz notar que Jesus a contou referindo-se a «alguns que confiavam muito em si mesmos, tendo-se por justos e desprezando os demais» (Lc 18, 9). Desse modo, o Senhor procura mostrar-nos a atitude correta para falar com Deus; isto é, a partir da nossa própria verdade: a partir da humildade de nos sabermos pecadores e necessitados da misericórdia divina. «A humildade é o fundamento da oração»^[1], diz o Catecismo da Igreja.

S. Josemaria definia-se como «um pecador que ama Jesus Cristo»^[2]. Foi esse o padrão comum na vida dos santos: deixaram que brilhasse a luz de Deus nas suas vidas, pelo que se lhes tornava fácil descobrir os seus pontos pessoais escuros. Esta é a atitude com que o sacerdote, na santa Missa, se dirige ao Senhor em nome de toda a Igreja: «E a nós, pecadores, que esperamos na vossa infinita misericórdia, admiti-nos também na assembleia dos bem-aventurados Apóstolos e Mártires»^[3].

O reconhecimento da nossa própria fraqueza leva, ao mesmo tempo, a que nos sintamos apoiados por Deus. A sua misericórdia é maior do que as nossas faltas. Por isso, o cristão enfrenta a vida sem desalento, pois a consciência de ser pecador não o impede de ser consciente de uma realidade mais decisiva: é filho muito querido de Deus. «Refugia-te na filiação divina: Deus é teu Pai amantíssimo. Esta é a tua segurança, o ancoradouro

onde lançar a âncora, aconteça o que acontecer na superfície deste mar da vida. E encontrarás alegria, força, otimismo, vitória!»^[4]. É com essa atitude que o Senhor quer que nos aproximemos d'Ele, e que explica na parábola: não somos uns «justos» autossuficientes, mas sim filhos que necessitam do seu Pai.

A PRIMEIRA PERSONAGEM que aparece na parábola é um fariseu que subiu ao templo a orar. Aparentemente, a sua oração tem um início ideal, porque começa dando graças a Deus. Contudo, imediatamente se revela que algo não funciona: o seu agradecimento não se deve a um reconhecimento da ação do Senhor nele, mas limita-se a enumerar todas as suas qualidades e méritos: «Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de tudo quanto possuo». E, no meio da sua oração, há uma frase que pode revelar o motivo pelo qual realiza tudo isso: não sou «como o resto dos homens, que são ladrões, injustos, adúlteros; nem como este cobrador de impostos» (Lc 18, 11-12).

O fariseu cai na atitude sobre a qual S. Lucas prevenira antes de relatar a parábola: despreza os outros, considerando-se justo. Ao comparar-se mentalmente com o publicano, pensou que ficava em vantagem. Talvez ao olhar das pessoas até pudesse ter razão, pois estes eram considerados pecadores públicos por terem traído o povo de Israel. No entanto, não tem em conta que só Deus olha para o fundo dos corações. Nenhuma comparação será capaz de sobrepor-se ao alcance do olhar divino.

Foi esse o principal obstáculo de muitos para não reconhecerem o Messias: refugiar-se nas próprias seguranças e nos olhares meramente humanos. «Este ensimesmamento tem resultados imediatos na vida de relação com os nossos semelhantes. O fariseu que, por se considerar a si próprio como luz, não deixa que Deus lhe abra os olhos é o mesmo que trata soberba e injustamente o próximo»^[5]. Por isso, o Senhor dirá depois que este não desceu justificado a sua casa: se já tinha tudo aquilo de que julgava necessitar, não seria capaz de acolher a salvação que Deus lhe oferecia.

A SEGUNDA personagem da parábola é um publicano que nem sequer se atreve a levantar os olhos ao céu na sua oração. Limita-se simplesmente a bater no peito, dizendo: «Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador». E a seguir, Jesus acrescenta: «Digo-vos: este voltou justificado para sua casa» (Lc 18, 13-14).

Este publicano começa a sua oração sendo consciente de que é um pecador. Aliás, no seu caso, todo o povo o sabe, visto que colaborava com as autoridades estrangeiras. Esta realidade, que aparentemente pode ser um obstáculo, é antes a *vantagem* que tem em relação ao fariseu, pois o clamor geral em seu redor lembra-lhe que é um pecador: a sua indignação é evidente. Só que as seguranças sobre as quais constrói a sua vida não são as suas próprias qualidades, nem o reconhecimento dos outros, mas a compaixão de Deus. «Age com humildade, só está seguro de ser um pecador necessitado de piedade. Se o fariseu nada pedia porque já possuía tudo, o publicano só pode implorar a misericórdia de Deus. E isto é bonito: suplicar a misericórdia de Deus! Apresentando-se «de mãos vazias», com o coração despojado e reconhecendo-se pecador, o publicano mostra a todos nós a condição necessária para receber o perdão do Senhor»^[6].

A atitude do publicano é precisamente contrária à do fariseu: não se considera justo nem despreza os outros, embora talvez tivesse motivos para isso, pelo tratamento que receberia dos seus contemporâneos. Jesus indica que «este voltou justificado para sua casa». A oração deste homem recorda, de certo modo, a de Nossa Senhora, em quem Deus reparou justamente pela sua humildade (cf. Lc 1, 48). Ela vai ensinar-nos a percorrer este caminho para que o Senhor opere também nas nossas vidas as maravilhas que a nossa Mãe cantou.

NOTAS

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2559.

[2] Bto. Álvaro del Portillo, *Entrevista sobre o Fundador do Opus Dei*, n. 113.

[3] Missal Romano, Oração Eucarística I.

[4] S. Josemaria, *Via Sacra*, VII estação, n. 2.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 71.

[6] Francisco, Audiência, 01/06/2016.

IV domingo da Quaresma (Ciclo B)

Reflexão para meditar no IV domingo da Quaresma (Ciclo B). Os temas propostos são: um desígnio incansável de salvação; uma cruz que leva à alegria; amor e sacrifício.

Sumário

- Um desígnio incansável de salvação.
 - Uma cruz que leva à alegria.
 - Amor e sacrifício.
-

O QUARTO domingo da Quaresma é tradicionalmente conhecido como domingo *Laetare*, em alusão às palavras com que começa a Missa: «*Laetare, Ierusalem... Alegra-te, Jerusalém; rejubilai, todos os seus amigos*» Aproxima-se a Páscoa, o momento da nossa salvação, e considerá-lo dá uma nota de alegria à austeridade penitencial da Quaresma, «que é simultaneamente um tempo de fortaleza e de júbilo: devemos encher-nos de ânimo, visto que a graça do Senhor não nos faltará, pois Deus estará a nosso lado»^[1].

O motivo fundamental da nossa alegria vem de contemplar o amor que Deus tem por nós, a Sua misericórdia e paciência para conosco. É disto que fala a primeira leitura, que recorda como as repetidas infidelidades do povo de Israel terminaram numa violenta invasão de Nabucodonosor II, que arrasou a cidade e queimou o Templo, levando como escravos para a Babilónia aqueles que sobreviveram à espada.

Embora tivessem repetidamente ignorado muitos apelos dos profetas à conversão, no mau momento Deus não abandonou o Seu povo. Depois de um tempo de arrependimento e penitência, lembrando com nostalgia a terra prometida, o Senhor fez com que um rei pagão, o imperador Ciro, decretasse a liberdade dos israelitas.

Embora às vezes não correspondamos fielmente ao que Deus quer de nós, Ele não nos rejeita, mas continua a amar-nos como um pai bom e paciente. O Seu desejo de nos libertar do pecado torna-se ainda mais evidente com a encarnação, morte e ressurreição do Seu Filho, como expressa S. Paulo na segunda leitura: «Deus, que é rico em misericórdia, pela grande caridade com que nos amou, a nós, que estávamos mortos por causa dos nossos pecados, restituiu-nos à vida com Cristo» (Ef 2, 4-5). Saborear a doçura do perdão e da graça divina ajudar-nos-á a superar o cansaço ou o desânimo que podem ocorrer durante esta Quaresma ou em diferentes períodos das nossas vidas. Agora que a Páscoa se aproxima, podemos renovar o desejo de nos deixar atrair pelo Senhor e assim preparar-nos para nos convertermos um pouco mais a Ele e acolhermos a salvação que nos oferece.

«ASSIM COMO Moisés elevou a serpente no deserto, também o Filho do homem será elevado» (Jo 3, 14). No Evangelho deste domingo, o Senhor diz estas palavras a Nicodemos, com quem fala da vida nova que veio trazer à terra, e dirige-as também a cada um de nós. Cristo convida-nos a centrar a nossa oração na cruz, onde «se expressou de modo total a ternura redentora de Deus»^[2]. A partir daí podemos aprender a enfrentar com paz e alegria a dor que inevitavelmente surge na vida, «o nosso sofrimento, a nossa tristeza, a nossa angústia, a nossa fome e sede de justiça»^[3].

Assim explicava S. Josemaria, com uma convicção que vinha da sua experiência pessoal, como a cruz pode ter um significado positivo: «Encontrar a cruz é encontrar Cristo. E com Ele há sempre alegria, mesmo perante a injustiça, perante a incompreensão, perante a dor física. Por isso sinto desagradado – embora compreenda que seja uma forma habitual de o dizer – quando ouço chamar cruces às contradições muitas vezes nascidas do próprio orgulho da pessoa, que não são a cruz, que não são a verdadeira cruz, porque não são a cruz de Cristo. Nunca me senti desagradado e o Senhor enviou-me dores abundantes (...). Fizeste-me, Senhor, entender que ter a cruz é encontrar a felicidade, a alegria. E a razão – vejo-a mais claramente do que nunca – é esta: ter a cruz é identificar-se com Cristo, é ser Cristo e, portanto, ser filho de Deus»^[4].

Não faltarão dificuldades e dores na nossa vida pessoal ou no nosso mundo: violências, tragédias, doenças... Estes momentos são também uma oportunidade para renovar a nossa fé e a nossa esperança no Senhor, no poder salvador do Seu sacrifício redentor, ao qual nos podemos unir na nossa existência diária: «na cruz, Jesus sente todo o peso do mal e, com a força do amor de Deus, vence-o, derrota-o na Sua ressurreição. Este é o bem que Jesus realiza por todos nós sobre o trono da Cruz. Abraçada com amor, a cruz de Cristo nunca leva à tristeza, mas à alegria, à alegria de sermos salvos e de realizarmos um bocadinho daquilo que Ele fez no dia da Sua morte»^[5].

«DEUS AMOU tanto o mundo que entregou o Seu Filho Unigénito, para que todo o homem que acredita n'Ele não pereça, mas tenha a vida eterna» (Jo 3, 16). Continuamos a contemplar aquela entrega do Filho pelo Pai, que terminou com a morte de Jesus na cruz. «É a glória do Crucificado que cada cristão está chamado a compreender, a viver e a testemunhar com a sua existência. A Cruz, a doação de si mesmo por parte do Filho de Deus é, definitivamente, o "sinal" por excelência que nos foi dado para compreender a verdade do homem e a verdade de Deus: todos nós fomos criados e remidos por um Deus que por amor imolou o Seu único Filho. (...): isto é o amor na sua forma mais radical»^[6].

O amor de Deus por nós chama-nos a corresponder. Uma forma de o fazer é abraçar, com confiança de filhos, o sofrimento que o Senhor permite nas nossas vidas. «Não somos cristãos delicadinhos – assegurava S. Josemaria –. Na terra tem de haver dor e cruz»^[7]. E explicou isso mais detalhadamente numa das suas homilias: «Às vezes fala-se do amor como se fosse uma procura de satisfação pessoal ou um mero recurso para completarmos egoisticamente a nossa personalidade. E não é assim; amor verdadeiro é sair de si mesmo, entregar-se. O amor traz consigo a alegria, mas é uma alegria que tem as suas raízes em forma de cruz. Enquanto estivermos na terra e não tivermos chegado à plenitude da vida futura, não pode haver amor verdadeiro sem a experiência do sacrifício, da dor. Uma dor de que se gosta, amável, fonte de íntimo gozo, mas dor real, porque significa vencer o nosso egoísmo e tomar o amor como regra de todas e cada uma das nossas ações»^[8].

Assim como Cristo morreu na cruz por amor, na nossa caminhada terrena não há amor verdadeiro – por Deus, por nós mesmos e pelos outros – se a cruz não estiver presente na nossa vida: a capacidade de sofrer com alegria e a liberdade interior de se entregar aos outros ou abandonar o que nos amarra ao pecado. E também quando surgirem contrariedades objetivas – talvez por vezes duras e inesperados –, com a Sua graça poderemos abraçar a cruz: «Sempre pacíficos e corajosos diante das contradições, caso elas surjam, ou diante do que as pessoas chamam fracassos. O sucesso ou o fracasso estão na vida interior. O sucesso está em receber com serenidade a Cruz de Jesus Cristo, em estender os braços abertos, porque para Jesus, como para nós, a Cruz é um trono, é a exaltação do amor; é o cúmulo da eficácia redentora, para levar as almas a Deus»^[9]. Podemos pedir à Virgem Maria, que soube estar aos pés da cruz, que nos ajude a acolher as dificuldades com o desejo de consolar o seu Filho.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 63.

[2] Bento XVI, Homilia, 26/03/2006.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 168.

[4] S. Josemaria, Notas de uma meditação, 28/04/1963.

[5] Francisco, Homilia, 24/03/2013.

[6] Bento XVI, Homilia, 26/03/2006.

[7] S. Josemaria, Notas de uma meditação, 25/02/1963.

[8] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 43.

[9] S. Josemaria, *Carta*, 31/05/1954, n. 30.

IV domingo da Quaresma (Ciclo A)

Reflexão para meditar no IV domingo da Quaresma (Ciclo A), Domingo Laetare. Os temas propostos são: superar as aparências; a missão de David; Jesus liberta-nos da cegueira.

Sumário

- Superar as aparências.
- A missão de David.
- Jesus liberta-nos da cegueira.

O PROFETA SAMUEL encontra-se em casa de Jessé. O Senhor disse-lhe que o futuro rei de Israel será um dos seus filhos. Quando chega o mais velho, chamado Eliab, Samuel pensa que será esse o escolhido, mas Deus diz-lhe: «Não te impressiones com o seu belo aspeto, nem com a sua elevada estatura, pois não foi esse que Eu escolhi. Deus não vê como o homem; o homem olha às aparências, o Senhor vê o coração» (1Sm 16, 7). Jessé apresenta os seus sete filhos, mas nenhum deles é o escolhido. Só quando chega David, que estava a apascentar o rebanho, é que o Senhor diz a Samuel: «Levanta-te e unge-o, porque é este mesmo» (1Sm 16, 12).

Deus convida-nos a ir além das aparências, ou seja, a ir além das primeiras impressões que uma pessoa nos possa causar. Por vezes pode acontecer que, quando conhecemos alguém, rapidamente levantemos um muro porque achamos que não se enquadra nos nossos parâmetros de afinidade. No entanto, esta atitude priva-nos de nos enriquecermos com o modo de ser dessa pessoa. Seguramente nem o pai nem os irmãos de David imaginavam que ele, o mais novo, seria escolhido para uma missão central na história de Israel. Olhar para o coração dos outros, como faz o Senhor, leva-nos a descobrir o seu autêntico valor, muito maior do que podemos pensar.

«A compreensão que é fruto da caridade, do amor, "compreende" – escreve o prelado do Opus Dei –: "vê", antes de mais nada, não os defeitos ou falhas, mas as virtudes e qualidades dos outros»^[1]. O afeto facilita-nos a concentração no positivo. Contudo, nem sempre é fácil superar as aparências. Apesar dos nossos esforços para olhar o coração, podemos ter reações de incompreensão para com as outras pessoas. É o momento de pedir ajuda ao Senhor, sem desanimarmos, para que possamos dizer com o salmista: «Dilataste o meu coração» (Sl 119, 32).

ANTES DA ESCOLHA do Senhor, David era um simples pastor. De facto, quando Samuel se apresentou em sua casa, ele estava a apascentar o rebanho (cf. 1Sm 16, 11). Depois de ter sido ungido pelo profeta, foi invadido pelo espírito do Senhor. A partir desse momento já não seria simplesmente um pastor de animais, mas encarregar-se-ia de cuidar do povo de Israel. Anteriormente fazia com que as ovelhas não se afastassem do rebanho e não fossem atacadas pelas feras; agora, porém, a sua principal preocupação será fazer com que os israelitas andem pelo bom caminho e se mantenham afastados das falsas luzes. Uma missão que ele será capaz de desempenhar porque Deus, o verdadeiro pastor, o escolheu. «Ele me guia por sendas direitas – escreverá David – por amor do seu nome. Ainda que tenha de andar por vales tenebrosos, não temerei nenhum mal, porque Vós estais comigo: o vosso cajado e o vosso báculo me enchem de confiança» (Sl 23, 3-4).

Apesar de ser o pastor de Israel, o próprio David por vezes se afastará do caminho. Uma experiência que, em maior ou menor grau, nos acontece a todos. Nalgumas ocasiões podemos sentir a incoerência entre aquilo que devemos ser e o que somos; entre o que dizemos e o que fazemos. No entanto, na vida de David há um fio condutor: o diálogo com Deus. Em todo o momento, tanto na vitória como na derrota, procura dirigir-se ao Senhor, pois sabe que tudo o que tem provém d'Ele. É pastor de Israel, não porque o tenha merecido pelos seus méritos, mas porque Deus, ao fixar-Se no seu coração, o escolheu. «A experiência do pecado não nos deve, pois, fazer duvidar da nossa missão – dizia S. Josemaria –. (...) O poder de Deus manifesta-se na nossa fraqueza, e incita-nos a lutar, a combater contra os nossos defeitos, mesmo sabendo que nunca obteremos completamente a

vitória durante este caminhar terreno. A vida cristã é um constante começar e recomeçar, uma renovação em cada dia»^[2].

Embora sejamos fracos, podemos converter-nos e ser para os outros uma fonte do amor incondicional de Deus, pois Ele torna-nos dignos de ser amados para além do próprio pecado. A sua misericórdia não se expressa apenas como perdão face à miséria humana, não é uma *exceção* para quem se engana, mas expressa a amplitude do amor de Deus, que é anterior à experiência do pecado: «Ainda não tinhas nascido, nem sequer existia o mundo, e Eu já te amava. Desde que existo, Eu te amo»^[3]. A misericórdia de Deus de certo modo define-nos: está na origem do nosso ser e na origem da sua providência ao longo de toda a nossa vida. Com esse amor, David é escolhido, perdoado e confirmado na sua missão; e com esse amor é chamado a ser pastor de Israel.

DOS DESCENDENTES de David virá o Messias, o pastor que não só guiará o povo de Israel, mas que salvará toda a humanidade. Ele próprio será a luz do mundo, aquele que tirará os homens das trevas para que procurem o que é agradável ao Senhor (cf. Ef 5, 8). Com o pecado «tornamo-nos cegos e sentimo-nos melhor na escuridão e vamos, assim, sem ver, como os cegos, vamo-nos movendo como podemos. Deixemos que o amor de Deus, que enviou Jesus para nos salvar, entre em nós e (...) nos ajude a ver as coisas com a luz de Deus, com a verdadeira luz e não com as trevas que nos dá o senhor das trevas»^[4]. Tal como, quando um compartimento é iluminado, os seus objetos se podem distinguir, com a chegada do Messias, as trevas desaparecem e é possível abraçar as boas obras.

Quando Jesus devolveu a vista a um cego de nascença, o milagre foi na realidade muito maior do que a cura corporal. «“Tu acreditas no Filho do homem?”, perguntou-lhe. “Quem é, Senhor, para que eu acredite n’Ele?”, respondeu-Lhe. Disse-lhe Jesus: “Já O viste: é quem está a falar contigo”. O homem prostrou-se diante de Jesus e exclamou: “Eu creio, Senhor”» (Jo 9, 35-38). Cristo curou a sua cegueira para que, vendo-O, reconheça que Ele é o Messias. Aquele homem, ao contemplar o rosto de Jesus, não só deixou as trevas físicas, mas sobretudo as trevas da alma: com a sua fé, foi capaz de

aceitar a luz que Cristo lhe ofereceu. Os fariseus, pelo contrário, incapazes de admitir a sua cegueira, fecharam-se à ação do Senhor. Respondeu-lhes Jesus: «Se fôsseis cegos, não teríeis pecado. Mas como agora dizeis: “Nós vemos”, o vosso pecado permanece» (Jo 9, 41). Podemos recorrer a Nossa Senhora para que saibamos reconhecer os nossos erros e assim deixar que Jesus ilumine a nossa alma.

NOTAS

[1] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 16/02/2023.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 114.

[3] Sto. Afonso Maria de Ligório, *Prática de amar a Jesus Cristo*, 1, 1-5.

[4] Francisco, Homilia, 22/04/2020.

IV domingo da Quaresma (Ciclo C)

Reflexão para meditar no IV domingo da Quaresma (Ciclo C), Domingo Laetare. Os temas propostos são: a alegria da conversão; o amor misericordioso de Deus Pai; olhar sempre para o lado bom.

Sumário

- A alegria da conversão.
- O amor misericordioso de Deus Pai.
- Olhar sempre para o lado bom.

NESTA ALTURA, quase a meio da Quaresma, a Igreja convida a alegrar-nos com a proximidade da nossa Redenção, através da morte e ressurreição de Jesus. Por isso, este domingo é conhecido como *Domingo Laetare*, de alegria. E na liturgia contemplamos a parábola do filho pródigo que, de forma surpreendente, tão bem expressa a infinita misericórdia do Pai, como também a tristeza do pecado e a festa da conversão.

O contexto da parábola são as murmurações dos fariseus, admirados por Jesus acolher os pecadores e com eles comer. O Senhor conta-a para os animar a mudarem os seus corações: «Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao pai: 'Pai, dá-me a parte dos bens que me corresponde'. E o pai repartiu os bens entre os dois. Poucos dias depois, o filho mais novo, juntando tudo, partiu para uma terra longínqua e por lá esbanjou tudo quanto possuía, numa vida desregrada» (Lc 15, 11-13).

Na história do filho mais novo, vemos a realidade do pecado: esquecer os dons que Deus nos deu para, depois, ferir a nossa própria humanidade. «Tal é a verdadeira realidade, embora possa parecer por vezes que precisamente o pecado nos permite conseguir bons êxitos. O afastamento do Pai traz sempre consigo grande destruição àquele que o pratica, àquele que transgride a vontade de Deus e dissipa em si mesmo a sua herança: a dignidade da própria pessoa humana, a herança da graça»^[1]. Na parábola,

vemos que o pecado não é fruto de uma normativa arbitrária, mas que prejudica sempre a pessoa, embora o demónio nos tente enganar. A verdadeira alegria, humana e sobrenatural, encontramos-na na conversão.

«QUANDO AINDA estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos» (Lc 15, 20). Perguntava-se S. Josemaria: «Pode-se falar mais humanamente? Pode-se descrever com mais viveza o amor paternal de Deus para com os homens? Perante um Deus que corre para nós, não podemos calar-nos, e dir-Lhe-emos com S. Paulo: *Abba, Pater!* Pai! Meu Pai! Pois, sendo Ele o Criador do universo, não dá importância a títulos altissonantes, nem sente falta da justa confissão do Seu poderio. Quer que Lhe chamemos Pai, que saboreemos essa palavra, enchendo a alma de alegria»^[2].

A nossa vida é um contínuo regresso ao Pai: precisamos de começar e de recomeçar muitas vezes. E em cada regresso, podemos descobrir com maior profundidade a beleza do amor misericordioso de Deus. O Senhor não é um dominador ciumento, Ele não quer que sigamos as Suas leis por medo, mas muito pelo contrário: com a mesma delicadeza com que respeita a nossa liberdade – permitindo que nos afastemos, se esse for o nosso desejo –, Deus atrai-nos para Si com a Sua propensão a perdoar-nos sempre.

«Pai, pequei contra o Céu e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho» (Lc 15, 21), pensa o filho mais novo. Na realidade, reconhecermos filhos de um Pai que é todo bondade e misericórdia ajuda-nos a compreender que a nossa vida interior é um espaço de profunda liberdade. O Senhor ama-nos incondicionalmente e nunca se cansa das nossas infidelidades. «O abraço e o beijo do seu pai levam-no a entender que foi sempre considerado filho, apesar de tudo. Este ensinamento de Jesus é importante: a nossa condição de filhos de Deus é fruto do amor do coração do Pai. Não depende dos nossos méritos, nem dos nossos gestos, e, portanto, ninguém no-la pode tirar»^[3].

A PROFUNDIDADE da misericórdia deste pai da parábola revela-se na sua reação exultante quando o filho mais novo regressa: o abraço, os beijos,

a roupa nova e o anel, a festa, o vitelo gordo... Mas a sua misericórdia também se revela perante a reação do filho mais velho, quando este descobre o que está a acontecer em casa. Certamente, em dois mil anos de cristianismo, a beleza da misericórdia permeou a nossa mentalidade e, por esta razão, talvez tendamos a julgar negativamente este irmão: parece-nos rígido e invejoso. Contudo, o pai também é misericordioso para com ele: não se zanga apesar de este filho não ter conseguido perceber e agradecer o seu afeto.

«O pai espera por aqueles que se reconhecem pecadores e vai procurar aqueles que se sentem justos»^[4]. Na realidade, os dois irmãos são mais semelhantes do que parecem. Ambos acabaram por viver nas suas próprias seguranças, procurando-se a si mesmos, embora de maneiras diferentes: um optou por viver desordenadamente; o outro, ao que parece, optou por uma certa retidão moral, mas agora vemo-lo pouco feliz, como se já se tivesse cansado de fazer o bem. «É preciso evitar um perigo de tibieza disfarçada – dizia S. Josemaria –, que poderia levar-nos a estar afastados de Deus e, portanto, sem eficácia: a tibieza de quem pensa que já fez qualquer coisa, porque tem amigos, porque se moveu externamente, mas não queimou, nem deu calor ao ambiente à sua volta»^[5].

«Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu» (Lc 15, 31), diz o pai ao irmão mais velho. O Senhor quer sempre partilhar a Sua vida connosco, dar-nos tudo o que tem, inclusivamente dar-se Ele mesmo. Podemos pedir a Maria, Mãe de misericórdia, que nos ajude sempre a ver, em primeiro lugar, as muitas coisas boas que Deus nos tem dado, e que também existem nos outros, para nunca nos afastarmos da casa do Pai. E podemos ainda celebrar e alegrar-nos com os desejos de bem e de conversão que estão tão profundamente enraizados no coração humano.

NOTAS

[1] S. João Paulo II, Homilia, 16/03/1980.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 64.

[3] Francisco, Audiência, 11/05/2016.

[4] Francisco, Angelus, 06/03/2016.

[5] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, Londres, setembro de 1971.

Segunda-feira da IV semana da Quaresma

Reflexão para meditar na segunda-feira da IV semana da Quaresma. Os temas propostos são: Deus alegre-Se connosco; abandonar-nos como filhos; a fé é abrir espaço a Deus.

Sumário

- Deus alegre-Se connosco.
- Abandonar-nos como filhos.
- A fé é abrir espaço a Deus.

ONTEM CELEBRÁMOS o domingo *Laetare*, para lembrar que a Quaresma é um tempo de penitência que nos prepara para a grande alegria da Páscoa. No livro do profeta Isaías, ouvimos Deus dizer-nos: «Eu vou criar os novos céus e a nova terra e não mais se recordará o passado, nem voltará de novo ao pensamento. Haverá alegria e felicidade eterna por aquilo que Eu vou criar: vou fazer de Jerusalém um motivo de júbilo e do seu povo uma fonte de alegria» (Is 65, 17-19). O Senhor convida-nos à alegria e Ele mesmo se alegra. No livro do Génesis também percebemos esta alegria de Deus quando, contemplando o mundo que acaba de sair das Suas mãos, vê que é «muito bom» (Gn 1, 31). O Criador, que tinha preparado o mundo para os homens, já sonhava com a vida dos Seus filhos.

Sabemos que, no entanto, depois veio o pecado e a destruição da harmonia inicial. Mas Deus não Se cansou de perdoar ou de Se alegrar com os homens. Cada um de nós é, de alguma forma, um sonho de Deus, um projeto de bem e de felicidade. «Deus pensa em cada um de nós, gosta de nós, sonha a alegria da qual gozará connosco». E é precisamente «por isto que o Senhor nos quer “recriar”, renovar o nosso coração (...) para fazer triunfar a alegria». (...) «Faz tantos planos: fabricaremos casas, plantaremos vinhas, comeremos juntos: todos aqueles projetos típicos de um apaixonado»^[1]. S. Josemaria, ao pensar nas palavras do profeta Isaías em que Deus nos diz que somos um projeto divino, não escondeu a sua

emoção: «Que Deus me diga a mim que sou d'Ele! É para enlouquecer de Amor!»^[2].

«EU VOS GLORIFICO, Senhor, porque me salvastes» (Sl 29, 2). Este salmo exprime a gratidão de um homem que foi resgatado por Deus das garras da morte. Nesta experiência, o salmista aprendeu pelo menos duas coisas importantes. A primeira é que a ira de Deus dura apenas um momento, mas a Sua bondade dura uma vida inteira. O Senhor não quer destruir, mas corrigir para que os Seus filhos sejam felizes. Portanto, mesmo tendo-O ofendido com o pecado, sempre é possível voltar a Ele com a certeza de que seremos bem-vindos. Embora às vezes possa parecer que nos deixou sozinhos ou que Se escondeu, na realidade Deus sempre será fiel. «Por um curto momento Eu te abandonei, mas, com grande amor, volto a unir-me contigo. Num acesso de ira, e por um instante, escondi de ti a minha face, mas Eu tenho por ti um amor eterno. É o Senhor teu redentor quem o diz» (Is 54, 7-8).

O segundo ensinamento do salmo é que a doença e a morte mostram ao homem a sua fragilidade. No momento da prosperidade, é fácil esquecê-la e não destacar a necessidade que temos dos outros e, sobretudo, de Deus. Por outro lado, quando chega um momento de crise pessoal ou familiar, essa debilidade revela-se; compreende-se, então, com nova profundidade, a importância que a comunhão com Deus e com os outros e a oração têm nas nossas vidas. «Disseste-me: Padre, estou a passar um mau bocado. E respondi-te ao ouvido: leva sobre os teus ombros uma *partezinha* dessa cruz, só uma parte pequena. E, se nem sequer assim aguentares com ela, ... deixa-a toda inteira sobre os ombros fortes de Cristo. E a partir de agora, repete comigo: Senhor, meu Deus: nas Tuas mãos abandono o passado e o presente e o futuro, o pequeno e o grande, o pouco e o muito, o temporal e o eterno. E fica tranquilo»^[3].

CERTA OCASIÃO, um homem poderoso, um alto funcionário real, pede a Jesus que vá com ele a Cafarnaum para curar o seu filho gravemente doente. A sua fé e a sua esperança ainda são fracas, mas no seu amor paterno não quer deixar de tentar qualquer coisa para ajudar o filho. Por

isso, percorreu os mais de trinta quilómetros entre Cafarnaum e Caná, para ir em busca desse Mestre que tem a certeza de realizar milagres nunca antes vistos.

O Senhor faz-Se rogar um pouco, lamentando-Se serenamente da incredulidade que encontrava na Galileia: todos queriam ver sinais e prodígios, mas não estavam tão dispostos a acolher a Sua palavra ou a converter-se. Aquele homem insiste e, sobretudo, pouco a pouco começa a acreditar verdadeiramente, como mostra a sua dócil obediência ao que Jesus lhe diz: «Vai, que o teu filho vive» (Jo 4, 50). Enquanto ele corre de volta para Cafarnaum, os seus servos recebem-no com a notícia de que o menino está bem. «E acreditou, ele e todos os de sua casa» (Jo 4, 53), conclui o evangelista.

O Senhor quer-nos curar, como ao filho do oficial régio, libertando-nos das nossas amarras e perdando os nossos pecados. E pede-nos a mesma coisa: acreditar. «A fé é dar espaço a este amor de Deus; é dar espaço ao seu poder, ao poder de Deus, ao poder de alguém que ama, que está apaixonado por mim e que deseja a alegria comigo. Esta é a fé. Isto é crer: dar espaço ao Senhor para que venha e me mude»^[4]. Podemos pedir à nossa Mãe que nos ajude a ter, como ela, uma fé grande, disponível e humilde, para que o Senhor nos encha da Sua graça.

NOTAS

[1] Francisco, Meditação matutina, 16/03/2015.

[2] S. Josemaria, *Forja*, n. 12.

[3] S. Josemaria, *Via Sacra*, VII Estação, n. 3.

[4] Francisco, Meditação matutina, 16/03/2015.

Terça-feira da IV semana da Quaresma

Reflexão para meditar na terça-feira da IV semana da Quaresma. Os temas propostos são: Jesus quer curar-nos; desejos e paciência na luta; o cristão é compreensivo com os outros.

Sumário

- Jesus quer curar-nos.
- Desejos e paciência na luta.
- O cristão é compreensivo com os outros.

COMO NOS enche de esperança a proximidade de Jesus dos que precisam d'Ele, que vemos uma e outra vez nos Evangelhos! Hoje contemplamos a cura dum paralisado, de quem ninguém se lembrava, que jazia junto da piscina de Betzató. As escavações mostraram que esta piscina tinha cinco pórticos, tal como a descreveu S. João: consistia em dois tanques separados e, entre eles, tinha sido construído o quinto pórtico, acrescentado aos quatro laterais. Ali juntava-se «grande número de doentes, cegos, coxos e paralisados» (Jo 5, 2). Com efeito, havia a crença de que, de tempos a tempos, um anjo do Senhor descia e agitava a água, e quem se metesse primeiro na piscina ficava curado.

Jesus aproxima-se daquela multidão sofredora. Entre a massa de pessoas, repara neste paralisado, que provavelmente é o mais desvalido e abandonado. E, por iniciativa própria, oferece-se para o curar, perguntando-lhe: «“Queres ficar são?”». Respondeu-lhe o doente: “Senhor, não tenho ninguém que me meta na piscina quando se agita a água, pois, enquanto eu vou, algum outro desce antes de mim”. Disse-lhe Jesus: “Levanta-te, toma a tua enxerga e anda”. E, no mesmo instante, aquele homem ficou são, agarrou na enxerga e começou a andar» (Jo 5, 6-9).

«Dizias-me – escreveu S. Josemaria – que há cenas da vida de Jesus que te emocionam mais: quando entra em contacto com homens que se sentem

em carne viva, quando leva a paz e a saúde aos que têm a alma e o corpo destroçados pela dor... Entusiasmas-te, insistias, ao vê-l'O curar a lepra, restituir a vista, sarar o paralítico da piscina: aquele pobre de quem ninguém se lembrava... Tão profundamente humano O vês nessas alturas, tão ao teu alcance! Pois... Jesus continua a ser o mesmo de então»^[1]. Cristo, através dos sacramentos, pode estar até mais perto de nós do que naquele encontro. E, como ao paralítico do Evangelho, oferece-nos continuamente a sua cura.

AQUELE PARALÍTICO estava doente havia trinta e oito anos. A sua vida tinha sido uma longa espera, até que por fim Jesus passou junto dele. Podemos aprender com a sua paciência, já que durante todo esse tempo, «insistiu, sem vacilar, esperando ver-se livre da sua doença»^[2]. Também nós somos chamados a ser serenos e perseverantes na vida interior. Precisamos duma paciência otimista na luta cristã, e no esforço por adquirir as virtudes. Pode haver alguns aspetos em que nos pareça, pelo menos em certas temporadas, que não avançamos; e outros que requerem um longo período de luta alegre, talvez toda a vida; esse foi o caso do paralítico, que chegou à velhice com a sua doença, mas não deixou de ver Jesus por causa disso.

Por vezes, uma impaciência excessiva, uma tensão interior um tanto crispada, um empenho em avaliar se melhoramos ou não que vai adquirindo tonalidades inquietantes podem manifestar certa tendência para o perfeccionismo; e esta atitude não corresponde à luta filial, confiante e humilde que o Senhor nos pede. Certamente, temos de tentar não ficar só em bons desejos e colocar as últimas pedras no que empreendemos. Mas também é verdade que nem sempre o conseguiremos, e não devemos perder a paz por isso.

«Há ocasiões – diz S. Josemaria – em que o Senhor se conforma com os desejos, e outras vezes até com os desejos de ter desejos, se suportarmos com alegria a humilhação de nos sabermos tão pouca coisa. Isto é o que nos levará muito alto para o céu. Porque se uma pessoa repara que avança, e bem... que perigo para a soberba! Há muitas pessoas maravilhosas que se julgam duma grande vulgaridade, incapazes de fazer o que sabem que Deus Nosso Senhor quer. E são excelentes, extraordinários. Não vos preocupeis

demasiado se avançais ou não, se sois melhores ou se continuais na mesma. O importante é querer ser melhores, desejar querer, e ser sinceros abrindo bem o coração. Assim, Deus dar-vos-á luzes»^[3].

A PACIÊNCIA connosco, que vem de olhar primeiro para Deus e contar cada vez mais com a sua ajuda, levar-nos-á assim «a ser compreensivos com os outros, persuadidos de que as almas, como o bom vinho, melhoram com o tempo»^[4]. Às vezes custa-nos viver esta compreensão paciente com as pessoas mais próximas e afins, pois tendemos facilmente a reparar demasiado nalguns poucos defeitos, em vez de valorizar tudo o que possuem de bom. E noutras ocasiões, pode ser difícil desculpar, acolher e querer de verdade os que talvez estejam aparentemente longe de Deus ou os que, pela formação que receberam, mantêm uns parâmetros de pensamento alheios à fé.

No Evangelho vemos que, depois de ser curado por Jesus, o paralítico pega na maca e começa a ir para casa. Mas então encontra alguns judeus, possivelmente pessoas com autoridade, que o recriminam por estar a transportar objetos num sábado; escandalizam-se porque Jesus curou nesse dia. Trata-se de «uma história que também se repete muitas vezes hoje. Acontece muitas vezes que um homem ou uma mulher, que se sente doente da alma, triste, porque cometeu muitos erros na vida, em determinado momento sente que as águas se mexem – é o Espírito Santo que move tudo – ou ouve umas palavras e pensa: “Gostava de ir”. E arma-se de coragem e vai! Mas quantas vezes encontra as portas fechadas nas comunidades cristãs (...). A Igreja tem sempre as portas abertas! É a casa de Jesus, e o Senhor é acolhedor. Não só acolhe, mas vai à procura das pessoas, como foi procurar o paralítico. E se as pessoas estão feridas, o que é que Jesus faz? Ralha-lhes por estarem feridas? Não: procura-as e leva-as aos ombros»^[5].

S. Josemaria animava os seus filhos a viver «com o coração e com os braços dispostos a acolher todos» porque, como explicava, «não temos a missão de julgar, mas o dever de tratar fraternamente todos os homens. Não há uma só alma que excluamos da nossa amizade – continuava –, e ninguém que se aproximar da Obra de Deus há de ir embora vazio: todos se hão de sentir queridos, compreendidos, tratados com afeto»^[6]. Podemos

pedir a Maria, mãe de misericórdia, que nos ajude a difundir o amor, a compreensão e a misericórdia de Deus entre os que temos à nossa volta.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Sulco*, n. 233.

[2] S. João Crisóstomo, *Homilias sobre o Evangelho de S. João*, 36.

[3] S. Josemaria, Notas duma reunião familiar, 19/03/1972.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 78.

[5] Francisco, Meditação matutina, 17/03/2015.

[6] S. Josemaria, *Cartas 4*, n. 25.

Quarta-feira da IV semana da Quaresma

Reflexão para meditar na quarta-feira da IV semana da Quaresma. Os temas propostos são: Deus sustenta a nossa existência; em Jesus aprendemos a ser filhos de Deus; no Juízo vence o amor do Pai.

Sumário

- Deus sustenta a nossa existência.
- Em Jesus aprendemos a ser filhos de Deus.
- No Juízo vence o amor do Pai.

JESUS TINHA curado um parálítico num sábado e, para nosso espanto, os doutores da lei ficam presos nessa circunstância do calendário, em vez de acreditarem na livre manifestação de Deus: baseando-se numa rígida interpretação da Sagrada Escritura, não estão dispostos a admitir que alguém possa realizar atividades ao sábado, nem sequer milagres ou curas. Não receberam a luz do Espírito Santo – que nós podemos pedir – para deixar-se interpelar pela realidade que tinham à frente dos olhos.

Jesus responde-lhes com uma frase lapidar: «Meu Pai trabalha incessantemente e Eu também trabalho em todo o tempo» (Jo 5, 17). Estas palavras condensam uma importante verdade teológica, que ilumina a nossa condição de criaturas: certamente, a Bíblia afirma que no sábado Deus descansou, para dar a entender que não criou novas criaturas; «mas atua sempre e de forma contínua, conservando-as no ser (...). Deus é causa de todas as coisas no sentido de que também as faz subsistir; porque se num dado momento se interrompesse o seu poder, logo deixariam de existir todas as coisas que a natureza contém»^[1]. A nossa existência depende inteiramente de Deus, em cada instante. Cada segundo da nossa vida é um dom que o Senhor nos oferece confiadamente. O Criador não se retirou da sua obra, mas continuou «a trabalhar na e sobre a história dos homens»^[2].

Como explicava S. Josemaria, «o Deus da nossa fé não é um ser longínquo, que contempla indiferente a sorte dos homens. É um Pai que ama ardentemente os seus filhos, um Deus Criador que transborda em carinho pelas suas criaturas. E concede ao homem o grande privilégio de poder amar, transcendendo assim o efêmero e o transitório»^[3].

NA SUA RESPOSTA àqueles que o censuravam por curar em dia de descanso, Jesus revela implicitamente a sua natureza divina, mostrando-se como «senhor do sábado» (Lc 6, 5). Os rabinos distinguem entre o “trabalho” de Deus na criação, que cessou no sábado e a sua atuação na providência que, pelo contrário, é ininterrupto. Por isso, quando Jesus se coloca ao mesmo nível do Pai, associando-se à sua ação contínua a favor dos homens, esta afirmação é escandalosa para os seus opositores. Deste modo, a Sagrada Escritura diz-nos que «os judeus com mais zelo queriam dar-lhe a morte, porque não só violava o sábado, mas também por chamar a Deus seu Pai, fazendo-se igual a Deus» (Jo 5, 18). Mas Jesus não procura dissuadi-los dessa ideia porque efetivamente ele é o Filho, a filiação ao Pai está no centro do seu ser e da sua missão: é parte essencial do seu mistério. Até esse momento, ninguém em toda a história da salvação se tinha dirigido a Deus chamando-o «Meu Pai» como Jesus faz sempre; é muito menos com a palavra cheia de confiança que usavam as crianças hebraicas para chamar o seu progenitor: *abbá*, papá.

«Em verdade vos digo – diz o Senhor – que o Filho nada pode fazer por Si próprio, mas só aquilo que viu fazer ao Pai; e tudo o que o Pai faz também o Filho o faz igualmente» (Jo 5, 19-20). Jesus Cristo é o modelo mais perfeito de união ao Pai. «Com referência a este modelo, refletindo-o na nossa consciência e no nosso comportamento, podemos desenvolver em nós um modo e uma orientação de vida “que se assemelhe a Cristo” e na qual se expresse e realize a verdadeira “liberdade dos filhos de Deus” (cf. Rm 8, 21)»^[4]. Com efeito, à luz do exemplo de Cristo, conseguimos entender melhor que o sentido da nossa filiação divina é o que nos torna mais profundamente livres: «Saber que saímos das mãos de Deus, que somos objeto da predileção da Santíssima Trindade, que somos filhos de um Pai tão grande. Peço ao meu Senhor que nos decidamos a apercebermo-nos disso, a saboreá-lo dia após dia: assim atuaremos como pessoas livres. Não

esqueçamos: quem não sabe que é filho de Deus desconhece a sua verdade mais íntima e carece, na sua atuação, do domínio e do senhorio próprios dos que amam Nosso Senhor, sobre todas as coisas»^[5].

«O PAI NÃO JULGA ninguém, entregou ao Filho o poder de tudo julgar, para que todos honrem o Filho como honram o Pai. Quem não honra o Filho – continua a dizer Jesus – não honra o Pai que O enviou. Em verdade, em verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e acredita n'Aquele que Me enviou tem a vida eterna» (Jo 5, 22-24). Quando se fala dos derradeiros momentos, do juízo particular e do juízo final, possivelmente experimentamos um certo temor. No entanto, é bom reconduzir este temor à esperança, porque sabemos que o nosso juiz será Jesus, que veio salvar-nos enviado pelo Pai. Cristo deu a sua vida por nós: se pomos os nossos olhos n'Ele, pregado na cruz e depois ressuscitado, entendemos que a sua justiça está sempre unida ao mistério da graça, do seu amor por nós.

Certamente, «a graça não exclui a justiça. Não converte a injustiça em direito. Não é uma esponja que apaga tudo, de modo tudo quanto se fez na terra acabe por ter o mesmo valor (...). O nosso modo de viver não é irrelevante, mas a nossa sujidade não nos mancha para sempre, se ao menos permanecermos orientados para Cristo, para a verdade e o amor. No fim de contas, esta sujidade já foi queimada na Paixão de Cristo. No momento do Juízo, experimentamos e acolhemos este prevalecer do seu amor sobre todo o mal no mundo e em nós. A dor do amor torna-a nossa salvação e a nossa alegria»^[6].

«Não tenhas medo da morte – animava S. Josemaria –. Aceita-a, desde agora, generosamente..., quando Deus quiser..., como Deus quiser..., onde Deus quiser. – Não duvides; virá no tempo, no lugar e do modo que mais convier..., enviada pelo teu Pai-Deus. – Bem-vinda, seja a nossa irmã, a morte!»^[7]. Ao mesmo tempo, ao fundador do Opus Dei consolava-o saber que quem nos espera «não será Juiz – no sentido austero da palavra – mas simplesmente Jesus»^[8]. E ali estará também, a interceder por nós, a nossa Mãe do céu; Ela é refúgio dos pecadores e é a nossa esperança.

NOTAS

[1] S. Tomás de Aquino, *Comentário sobre S. João*, 5, 16.

[2] Bento XVI, Discurso, 12/09/2008.

[3] S. Josemaria, *Discursos sobre a Universidade*, n. 8.

[4] S. João Paulo II, Audiência, 24/08/1988.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 26.

[6] Bento XVI, *Spe Salvi*, n. 44.47.

[7] S. Josemaria, *Caminho*, n. 739.

[8] S. Josemaria, *Caminho*, n. 168.

Quinta-feira da IV semana da Quaresma

Reflexão para meditar na quinta-feira da IV semana da Quaresma. Os temas propostos são: procurar a vontade de Deus; percorrer o caminho da conversão; sermos pontes que intercedem entre Deus e o seu povo.

Sumário

- Procurar a vontade de Deus.
- Percorrer o caminho da conversão.
- Sermos *pontes* que intercedem entre Deus e o seu povo.

«NÃO É DOS HOMENS que Eu tiro glória» (Jo 5, 41), diz Jesus, num longo discurso em que explica aos judeus que n'Ele se cumprem as Escrituras. Estas palavras mostram uma atitude constante durante a sua vida na terra: a sua contínua atenção a fazer a vontade do Pai. Vemo-la durante a sua vida oculta, quando com toda a naturalidade passa trinta anos sem chamar a atenção numa aldeia quase desconhecida da Galileia. E vemo-la também durante a sua vida pública, quando atua sempre com total liberdade de espírito, procurando transmitir os seus ensinamentos como enviado do Pai. Esta convicção de procurar a vontade de Deus estava fundamentada em que os desígnios de Deus Pai são sempre os mais sábios e bons, fonte de consolo para todos.

«O Senhor viveu o cume da sua liberdade na cruz, como cume do amor. No Calvário gritavam-Lhe: “Se és Filho de Deus desce da cruz”; precisamente ali demonstrou a sua liberdade de Filho permanecendo naquele patíbulo para cumprir a fundo a vontade misericordiosa do Pai»^[1]. Não fica na cruz só por desejo de sofrer, mas para mostrar que, inclusivamente nessas circunstâncias dolorosas e terríveis, o amor de Deus é maior do que qualquer outra força. O bem que se alcança é muito grande: abre-se para o homem o caminho de regresso a casa.

E, como Jesus, no nosso caminho por fazer a vontade de Deus, também encontraremos a cruz e a possibilidade de experimentar que o amor de Deus é maior do que qualquer outra força. Embora nem sempre o possamos ver com total clareza, essa experiência pode ser caminho e expressão de amor. Às vezes pode haver momentos em que essa cruz se nos torne mais pesada, mas vemos que o Senhor prefere cair abraçado a ela, em vez de a soltar. Chegar ao Calvário custa, mas «essa luta é uma maravilha, uma autêntica prova do amor de Deus, que nos quer fortes, porque *virtus in infirmitate perficitur* (2Cor 12, 9), a virtude fortalece-se na debilidade»^[2]. O próprio Jesus nos ajudará a associar-nos à amorosa vontade do Pai, que traz a alegria, a paz, e inclusivamente «a felicidade na cruz»^[3].

DEUS MOSTRA a sua tristeza quando o povo de Israel O abandona para adorar um bezerro de ouro. O seu povo, que tinha amado e salvo com prodígios, tinha-se esquecido dos benefícios divinos durante a travessia do deserto. «Bem depressa se afastaram do caminho que Eu lhes prescrevera – disse o Senhor a Moisés – (...). Deixa, portanto, que se acenda a minha cólera contra eles e os consuma» (Ex 32, 8-10).

«Também nós somos povo de Deus e conhecemos bem como é o nosso coração; e devemos retomar o caminho em cada dia para não escorregar lentamente para os ídolos, para as fantasias, para a mundanidade, para a infidelidade»^[4]. Por isso, de maneira especial durante a Quaresma, podemos pedir luz ao Espírito Santo para ver esse caminho de regresso ao Pai. Recordar o amor e as maravilhas que Deus fez na nossa vida – como tinha feito com o povo de Israel – levar-nos-á a percorrê-lo com a convicção de que é junto d’Ele que somos profundamente felizes.

No entanto, esta conversão não é questão dum dia, mas de toda a vida. Por isso, o decisivo não são os resultados imediatos, mas o desejo de permanecer sempre junto de Jesus, embora não o mereçamos. «Enquanto há luta, luta ascética, há vida interior. Isso é o que nos pede o Senhor: a vontade de querer amá-l’O com obras, nas coisas pequenas de cada dia. Se venceste no pequeno, vencerás no grande»^[5].

QUANDO Deus manifesta a sua intenção de acabar com Israel, Moisés dissuade-O falando-Lhe com confiança filial: «Não te deixes dominar pela cólera e abandona a decisão de fazer mal a este povo. Recorda-te de Abraão, de Isaac e de Israel» (Ex 32, 12-13). E, depois desta intercessão, a Escritura diz «o Senhor arrependeu-se das ameaças que proferira contra o seu povo» (Ex 32, 14).

A humildade e a confiança de Moisés conseguem chegar até ao coração do Senhor. «A sua fé em Deus funde-se com o sentido de paternidade que cultiva pelo seu povo. A Escritura costuma representá-lo com as mãos estendidas para cima, para Deus, como para atuar como uma ponte com a sua própria pessoa entre o céu e a terra»^[6]. Moisés mostra-nos como é «a oração que os verdadeiros crentes cultivam na sua vida espiritual. Inclusivamente se sentem os defeitos das pessoas e o seu afastamento de Deus, estes orantes não os condenam, não os rejeitam. A atitude de intercessão é própria dos santos, que, à imitação de Jesus, são “pontes” entre Deus e o seu povo»^[7].

O exemplo de intercessão de Moisés leva-nos a olhar para Cristo, de quem é figura. Jesus intercede continuamente por nós perante o Pai. Por isso temos a segurança de que alcançaremos misericórdia. Também nós, que somos agora o Povo de Deus na terra, queremos fazer visível a sua bondade e a sua misericórdia entre os nossos irmãos, para «orientar a consciência e a experiência de toda a humanidade para o mistério de Cristo»^[8]. Maria, como boa Mãe, intercede sempre por nós e não nos deixa nunca sós neste caminho de identificação com o seu Filho.

NOTAS

[1] Bento XVI, *Angelus*, 01/07/2007.

[2] S. Josemaria, *Via Sacra*, IX Estação, n. 2.

[3] S. Josemaria, *Caminho*, n. 758.

[4] Francisco, *Meditação*, 30/03/2017.

[5] S. Josemaria, *Via Sacra*, III Estação, n. 2.

[6] Francisco, Homilia, 17/06/2020.

[7] *Ibid.*

[8] S. João Paulo II, *Redemptor hominis*, n. 10.

Sexta-feira da IV semana da Quaresma

Reflexão para meditar na sexta-feira da IV semana da Quaresma. Os temas propostos são: Cristo foi perseguido; o exemplo dos mártires; proximidade com quem sofre.

Sumário

- Cristo foi perseguido.
- O exemplo dos mártires.
- Proximidade com quem sofre.

EM CERTO MOMENTO, o livro da Sabedoria descreve o modo de pensar e agir dos que chama "ímpios". Possivelmente eram judeus apóstatas que, influenciados por um pensamento materialista e hedonista, haviam abandonado a fé dos seus pais. O autor sagrado apresenta-os como homens que lamentam a falta de sentido da existência e que, por isso mesmo, a encaram com crueldade: guiam-se pela lei do mais forte, maltratam os fracos e indefesos e, arrebatados pelas suas paixões, não suportam a retidão dos justos.

«Armemos ciladas ao justo, porque nos incomoda – dizem na Sagrada Escritura –: e se opõe às nossas obras. (...) Declara ter o conhecimento de Deus e chama-se a si mesmo filho do Senhor. Tornou-se uma censura viva dos nossos pensamentos e até a sua vista nos é insuportável. A sua vida não é como a dos outros e os seus caminhos são muito diferentes» (Sb 2, 12-15). Esta descrição dos "justos" é um retrato dos profetas que encontramos ao longo da história da salvação: homens escolhidos por Deus, fiéis à Sua missão, que muitas vezes sofreram rejeição e perseguição dos poderosos, às vezes até a morte. Mas essa descrição compõe, sobretudo, o retrato de Jesus Cristo.

O Senhor foi perseguido desde os primeiros compassos da Sua pregação e, de forma cada vez mais amarga, à medida que realizava milagres e era

admirado pelo povo. Murmuraram contra Ele, lançaram sobre Ele a sombra da dúvida, esforçaram-se por armar-Lhe armadilhas dialéticas. Mas a reação de Jesus é surpreendente: «Nem uma queixa, nem uma palavra de protesto. Tão pouco quando, sem contemplações, arrancam da Sua pele as vestes. Aqui vejo a minha insensatez em desculpar-me e em tantas palavras vãs. Propósito firme: trabalhar e sofrer pelo meu Senhor, em silêncio»^[1].

DESDE as suas origens e ao longo dos séculos, a história da Igreja foi marcada pela perseguição. Tem havido muito heroísmo na Igreja, na maior parte discreto e escondido. Há muitos cristãos que, seguindo as palavras de S. Paulo, venceram o mal com o bem (cf. Rm 12, 21). E assim continua a acontecer hoje, quando tantos dos nossos irmãos, num número não tão reduzido de países, continuam a arriscar as suas possibilidades profissionais, a sua estabilidade, a sua liberdade ou até mesmo as suas vidas para serem fiéis a Jesus Cristo. «Há muitos cristãos que padecem perseguição em várias partes do mundo, e devemos esperar e rezar para que a sua tribulação seja impedida o mais rapidamente possível. Há muitos: os mártires de hoje são mais numerosos do que os mártires dos primeiros séculos. Manifestemos a nossa proximidade a estes irmãos e irmãs: somos um só corpo, e estes cristãos são os membros ensanguentados do Corpo de Cristo, que é a Igreja»^[2].

Rezamos pelos cristãos perseguidos. E, ao mesmo tempo, quanto podemos aprender com eles! O exemplo das suas vidas, animadas pela graça, ensina-nos claramente o que significa não impor limites ao amor de Deus. Relembrá-los também nos ajuda no nosso dia a dia, diante de pequenas ou grandes coisas nas quais queremos expressar o nosso amor. A sua herança é uma herança de fidelidade a Jesus Cristo. Encontraram força na sua fraqueza (cf. Hb 11, 34) porque mantiveram o olhar fixo em Cristo crucificado enquanto estavam «na solidão das prisões, nas últimas horas depois da sentença de morte, nas longas noites à espera de uma mão assassina iminente, no frio do campo de concentração, na dor e cansaço de marchas sem sentido»^[3]. Ser co-herdeiros de tantos santos enche-nos de orgulho. E, ao mesmo tempo, pode-nos levar a pedir humildade para que o Espírito Santo nos encha também da sua força.

«JESUS permanecerá em agonia até ao fim do mundo; não se deve dormir durante este tempo»^[4]. Jesus, morto e ressuscitado para a nossa salvação, permanece em agonia em cada mulher e cada homem que sofre, que sofre perseguição, que é desprezado ou injustamente incompreendido. O cristão não pode ficar indiferente ao sofrimento dessas pessoas. Alguns podem estar fisicamente longe de nós. Mas talvez outros estejam próximos. «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes» (Mt 25, 40). Podemos pedir ao Senhor que estas Suas palavras permaneçam vivas em nós; que nos conceda um coração sábio e sensível, capaz de perceber a necessidade e o sofrimento dos nossos irmãos, para que estejamos disponíveis para ajudar.

Estes dias de Quaresma são propícios para contemplar a paixão de Cristo: Jesus desprezado, torturado pelos soldados, olhado com indiferença por Pilatos, abandonado pelos Seus discípulos, açoitado com chicotes, carregando a cruz e morrendo nela cheio de mansidão; porém, «todos os Seus gestos e todas as Suas palavras são de amor, de amor sereno e forte»^[5]. Ver Jesus levar-nos-á a purificar gradualmente o nosso olhar, para sabermos perceber o sofrimento de tantas pessoas, especialmente as que nos rodeiam, e ter uma compaixão criativa que alivie os outros.

Maria permaneceu junto ao Seu filho ao pé da cruz. Viu a Sua mansidão e paciência. É bem possível que O tenha ouvido dizer aquelas palavras inesquecíveis: «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem» (Lc 23, 34). Podemos recorrer à sua intercessão para ajudar todos os cristãos a vencer o mal com o bem: alguns serão chamados a fazê-lo em situações dolorosas e difíceis; outros, em situações mais comuns. Que todos nós, contemplando Jesus na cruz, aprendamos a amar os nossos semelhantes com misericórdia e compreensão.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Via Sacra*, X Estação, n. 1.

[2] Francisco, Audiência, 29/04/2020.

[3] F. X. Nguyen van Thuan, *Testemunhos de esperança*, p. 123.

[4] B. Pascal, *Pensamentos*, n. 553. Citado por Bento XVI, Audiência, 08/04/2009.

[5] S. Josemaria, *Via Sacra*, XI Estação

Sábado da IV semana da Quaresma

Reflexão para meditar no sábado da IV semana da Quaresma. Os temas propostos são: «Nunca ninguém falou como esse homem»; não endurecer o coração; as palavras de Jesus.

Sumário

- «Nunca ninguém falou como esse homem».
- Não endurecer o coração.
- As palavras de Jesus.

É O TERCEIRO ano da vida pública do Senhor. São dias de controvérsias com os fariseus e outros chefes do povo. Jesus encontra-se em Jerusalém, durante a celebração da festa dos tabernáculos. São dias nos quais as ruas da cidade se enchem de tendas feitas com ramos, para recordar a passagem de Israel pelo deserto depois da sua libertação do Egito; também se dava graças a Deus pelas colheitas e a vindima, pois esta festa celebrava-se entre setembro e outubro, no final do ano agrícola; e pedia-se a sua bênção para o futuro, com o olhar pousado no Messias prometido.

Nesse cenário festivo, com muita afluência de peregrinos, os sumos sacerdotes e doutores da lei temem que Jesus possa ser proclamado Messias e, deste modo, enviam alguns guardas do Templo para o prender. Provavelmente não eram muitos nem estavam em condições de exercer a força sem provocar um tumulto. É muito possível que tivessem chegado ao lugar onde se encontrava o Senhor a falar aos seus discípulos e ficassem de um lado à espera de poder prendê-lo discretamente no final, sem que a multidão se revoltasse. Nessa espera, ouvem-n'O falar e as palavras de Jesus chegam aos seus corações. Algo se agita nas suas almas e desistem do propósito inicial que os tinha levado ali. Quando voltam para prestar contas aos sumos sacerdotes e fariseus, estes perguntam indignados: «Porque não O trouxestes?» (Jo 7, 45). E a resposta dos guardas é do mais eloquente: «Nunca ninguém falou como esse homem» (Jo 7, 46).

Chama a atenção o contraste entre estes dois grupos de personagens. Os sumos sacerdotes e os doutores da lei têm a alma como que endurecida, não querem escutar Jesus: o seu coração está envolvido numa couraça de preconceitos. Quando dialogam com o Mestre, trata-se de um diálogo aparente: só querem distorcer as suas palavras. Pelo contrário, os guardas do templo são pessoas mais simples e honestas: as suas disposições interiores permitem-lhes escutar Cristo sem barreiras e nesse encontro pessoal ficam conquistados. Estas personagens secundárias do Evangelho recordam-nos a necessidade de escutar a Palavra de Deus com um coração simples e aberto, de maneira que, ao acolhê-la, seja realmente luz e força que oriente a nossa vida.

«OXALÁ OUVÍSSEIS hoje a sua voz: “Não endureçais os vossos corações”» (Sl 95). A Igreja repete-nos incansavelmente durante a Quaresma estas palavras do salmo. Recorda-nos assim que o nosso coração pode ter tendência a endurecer-se, inclusive quando já levamos tempo, talvez muitos anos, a desejar e a tentar viver como autênticos cristãos. Os sumos sacerdotes e fariseus não conseguiam ver nada de positivo em Jesus, que era a verdade, a luz e a bondade. Os seus olhos, obscurecidos, só estavam dispostos a fixar-se naquilo que lhes parecia negativo.

Perante o que se passa à nossa volta, podemos sempre escolher entre um olhar que julga ou um olhar contemplativo. De certa forma, esta escolha condiciona a nossa maneira de perceber a realidade. Mediante a oração, podemos unir-nos ao olhar que vem de Deus, que «não nos condena, mas que nos acolhe, nos abraça, nos sustenta»^[1]. Só Ele sabe o que se encontra no mais profundo do coração das pessoas.

Sabemos bem que, quem se sabe filho de um Deus que é Pai e que venceu o mal, não odeia ninguém nem olha para o mundo com olhos pessimistas. A fé e a caridade impelem-nos, por outro lado, a olhar em primeiro lugar para o bem, a admirar-nos pela beleza que nos rodeia; a cultivar, nas palavras de S. Josemaria, «uma atitude positiva e aberta para com a transformação atual das estruturas sociais e das formas de vida»^[2]. O cristianismo é novidade, luz, salvação e amor por cada pessoa. «O olhar crente é capaz de reconhecer a luz que o Espírito Santo sempre irradia no

meio da escuridão, sem esquecer que “onde aumentou o pecado superabundou a graça” (Rm 5, 20). A nossa fé é desafiada a entrever o vinho em que a água pode ser transformada e a descobrir o trigo que cresce no meio do joio»^[3].

AO CONTRÁRIO dos fariseus, os guardas do templo souberam valorizar as palavras de Jesus. Deram-se conta de que não estavam a ouvir um rabino qualquer: ali havia algo mais, algo radicalmente distinto. O Evangelho diz que «os ensinava como quem tem autoridade e não como os doutores da lei» (Mc 1, 22). As palavras de Jesus estavam confirmadas pelos sinais que fazia e pelo exemplo da sua vida. Nunca existiu um homem mais identificado com a sua mensagem, já que a mensagem era a sua própria Pessoa: Ele era o amor de Deus encarnado, a reconciliação com o Pai, quem revela o homem ao próprio homem^[4].

Jesus revelava a verdade com autoridade e profundidade. Mas conseguiu fazê-lo de uma forma simples, com uma linguagem ligada à existência diária de quem o ouvia. Segundo as suas disposições, estes podiam acolhê-las bem ou mal, mas as palavras de Jesus *tocavam* realmente a vida dos seus ouvintes. Além disto, as mulheres e os homens de coração bem-disposto podiam perceber outra característica das palavras de Cristo: a sua benevolência. Davam-se conta que lhes falava com o coração, que não lhe interessava ficar bem, nem arrancar aplausos, mas que falava movido apenas pelo ânimo de ajudar, de consolar, de salvar. Nas suas palavras podiam conhecer o amor de Deus para com cada um deles.

Também hoje «a ninguém nega Jesus a sua palavra, que é uma palavra que cura, que consola, que ilumina»^[5]. Lendo e meditando o Evangelho, podemos ter o nosso encontro pessoal com Cristo, de maneira que seja luz das nossas vidas, Como os guardas do Templo, poderemos exclamar: «Nunca ninguém falou como esse homem» (Jo 7, 46). Maria, que soube acolher em si a Palavra de Deus, pode ajudar-nos neste caminho.

NOTAS

[1] Francisco, *Patris corde*, n. 2.

[2] S. Josemaria, *Forja*, n. 428.

[3] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 84.

[4] cf. Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, n. 22.

[5] S. Josemaria, *Cartas* 37, n. 10.

V domingo da Quaresma (Ciclo B)

Reflexão para meditar no V domingo da Quaresma (Ciclo B). Os temas propostos são: descobrir a identidade de Jesus; a cruz torna a nossa vida plena; amor e sacrifício pelos outros.

Sumário

- Descobrir a identidade de Jesus.
 - A cruz torna a nossa vida plena.
 - Amor e sacrifício pelos outros.
-

FALTAM poucos dias para a morte de Jesus na cruz. A Igreja propõe que entremos na última semana da Quaresma compartilhando os sentimentos do Senhor. Assim, quando uns gregos dizem: «Nós queríamos ver Jesus» (Jo 12, 21), brota do coração de Cristo algo que parece não ter qualquer relação: a consciência de que se aproximava o momento da redenção. «Chegou a hora em que o Filho do homem vai ser glorificado» (Jo 12, 23).

Jesus sabe que o projeto de amor do seu Pai –salvar os homens– se aproxima da sua coroação. Vai culminar a sua missão no Calvário. Foi este o seu desejo principal, que agora atualiza com decisão: «Agora a minha alma está perturbada. E que hei de dizer? Pai, salva-Me desta hora? Mas por causa disto é que eu cheguei a esta hora! Pai, glorifica o teu nome» (Jo 12, 27-28). Conhecer verdadeiramente Cristo implica descobrir que a sua identidade é inseparável da cruz. Entender o Senhor sem a Sua Paixão seria falsear a sua verdadeira mensagem.

Por isto, perante o pedido de uns gregos que O querem ver, Cristo responde falando da hora da salvação e utiliza a imagem do grão de trigo. São duas componentes que delineiam a imagem de quem Ele é. Se queremos conhecer Jesus com plena fidelidade, não podemos reduzi-lo a um mero mestre ou a um profeta austero, mas a Deus que veio no momento

oportuno dar a sua vida por nós. «Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica só; mas se morrer, dará muito fruto» (Jo 12, 24). «Jesus revela que Ele, para cada homem que O quiser procurar, é a semente escondida pronta para morrer a fim de dar muito fruto. Como se pretendesse dizer: se me quiserdes conhecer, e se me quiserdes compreender, olhai para o grão de trigo que morre na terra, ou seja, olhai para a cruz»^[1].

«NA PAIXÃO, a Cruz deixou de ser símbolo de castigo para se converter em sinal de vitória. A Cruz é o emblema do Redentor: *in quo est salus, vita et resurrectio nostra*, ali está a nossa salvação, a nossa vida e a nossa ressurreição»^[2]. A cruz é tão primordial na nossa vida que desde pequenos nos ensinaram, como primeira oração cristã, a fazer o sinal da cruz. E quantos crucifixos nos lembram a verdadeira identidade de Jesus nas paredes das nossas casas ou tendo-o discretamente no bolso!

A cruz, afinal de contas, torna as nossas biografias plenas, pois nela o mal fica vencido. Do mesmo modo que uma cruz culminou a obra de amor de Cristo, assim Deus quer glorificar a nossa existência. Perante a obediência do Seu filho, o Pai não duvida em revelar-se: «Veio então do Céu uma voz que dizia: “Já o glorifiquei e tornarei a glorificá-l’O”» (Jo 12, 28). Nesse «tornarei a glorificá-l’O» estamos todos os cristãos – outros Cristos –, que culminaremos a nossa vida vencendo com uma resposta de amor os momentos que possamos denominar como de *paixão*, pois Jesus acrescenta: «Não foi por minha causa que esta voz se fez ouvir; foi por vossa causa».

Contudo, abraçar a cruz de Cristo não consiste numa mera acumulação de sofrimentos, de propor-se sacrifícios que nos deem a impressão subjetiva de merecer uma glória ou uma recompensa pelos nossos atos. Jesus fala de perder a vida, mas fá-lo em modo de serviço discreto. «E que significa *perder a vida*? Isto é, que significa ser o grão de trigo? Significa pensar menos em si mesmo, nos interesses pessoais, e saber “ver” e ir ao encontro das necessidades do nosso próximo, especialmente dos últimos. Cumprir com alegria obras de caridade a favor de quantos sofrem no corpo e no espírito é o modo mais autêntico de viver o Evangelho, é o fundamento

necessário para que as nossas comunidades possam crescer na fraternidade e no acolhimento recíproco»^[3].

A VIDA habitual torna-se assim, por vontade de Deus que nos quer fazer felizes, num acompanhar o Senhor no seu caminho na terra, que passa pelo Calvário e se dirige à Ressurreição. Embora Jesus nalguns momentos possa pedir-nos um sacrifício importante, em geral chama-nos a descobrir a cruz «de cada dia, a escondida, sem brilho e sem consolação»^[4]. Assim podemos fazer com que Cristo triunfe: vivendo pequenas mortificações escondidas que só Ele vê, mas que, como a sua Paixão, têm a sua origem no amor aos outros. Num ponto de *Caminho*, S. Josemaria propunha algumas mortificações discretas que nos podem ajudar a cuidar as nossas relações, imitando o estilo de vida do Senhor: «Essa palavra acertada, a "piada" que não saiu da tua boca, o sorriso amável para quem te incomoda, aquele silêncio ante a acusação injusta, a tua conversa afável com os maçadores e com os importunos, não dar importância cada dia a um pormenor ou outro, aborrecido e impertinente, de pessoas que convivem contigo... Isto, com perseverança, é que é sólida mortificação interior»^[5].

A nossa vida é um tempo de encontro. Por isso, é lógico que muitos dos sacrifícios do nosso dia a dia se dirijam a tornar a vida mais agradável às pessoas que nos rodeiam. Como recorda o prelado do Opus Dei: «Ganhar em afabilidade, alegria, paciência, otimismo, delicadeza e em todas as virtudes que tornam amável o relacionamento, é importante para que as pessoas possam sentir-se acolhidas e ser felizes. (...) Pelo contrário, certas maneiras de se exprimir podem perturbar ou dificultar a criação de um ambiente de amizade. Por exemplo, ser demasiado categórico ao dar a própria opinião, dar a impressão de que pensamos que as nossas abordagens pessoais são definitivas, ou não se interessar ativamente pelo que os outros dizem são maneiras de atuar que nos fecham em nós mesmos»^[6]. Ao fim e ao cabo, o amor e a cruz são duas realidades que estão inseparavelmente unidas. A Virgem Maria, «Mestra do sacrifício escondido e silencioso»^[7], pode ajudar-nos a querer bem aos nossos irmãos como fez o Seu filho: dando a própria vida por todos os homens.

NOTAS

- [1] Francisco, Angelus, 21/03/2021.
- [2] S. Josemaria, *Via-Sacra*, II estação, n. 5.
- [3] Francisco, Angelus, 18/03/2018.
- [4] S. Josemaria, *Caminho*, n. 178.
- [5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 173.
- [6] Fernando Ocariz, Carta pastoral, 01/11/2019, n. 9.
- [7] S. Josemaria, *Caminho*, n. 509.

V domingo da Quaresma (Ciclo A)

Reflexão para meditar no V domingo da Quaresma (Ciclo A). Os temas propostos são: a espera de Jesus perante a morte de Lázaro; o Senhor manda sair Marta do sepulcro; a ressurreição de Lázaro: abraçar a vida que Cristo oferece.

Sumário

- A espera de Jesus perante a morte de Lázaro.
- O Senhor *manda sair* Marta do sepulcro.
- A ressurreição de Lázaro: abraçar a vida que Cristo oferece.

JESUS sabe que se aproxima a sua hora. Anunciou-o já em várias ocasiões aos seus (cf. Jo 8, 21; 13, 33-38). Apesar destes avisos, é consciente de que será um momento difícil de compreender para eles. Por isso, para fortalecer a fé dos apóstolos, quando recebe a notícia da doença do seu amigo Lázaro decide esperar. E explica este comportamento com um motivo que, à primeira vista, não é evidente: «Esta doença não é de morte, mas sim para a glória de Deus, manifestando-se por ela a glória do Filho de Deus» (Jo 11, 4).

O Senhor não é insensível ao sofrimento de Lázaro, nem ao das suas irmãs. Pelo contrário, vemo-lo chorar diante do túmulo do seu amigo uma vez que Marta e Maria lhe tinham aberto o coração e partilhado com Ele as suas penas e dores. «Senhor, se Tu cá estivesses, o meu irmão não teria morrido» (Jo 11, 21), disse-lhe cruamente Marta. Podemos intuir que Cristo não foi imediatamente a seguir a receber a chamada porque queria dar ao sofrimento dessas pessoas uma dimensão inesperada. Marta sabia que Lázaro poderia voltar à vida «na ressurreição do último dia» (Jo 11, 24), mas não esperava voltar a desfrutar da companhia do seu irmão nesse mesmo momento.

«Jesus poderia ter evitado a morte do seu amigo Lázaro, mas ele quis fazer sua a nossa dor pela morte de entes queridos, e acima de tudo ele quis mostrar o domínio de Deus sobre a morte. Neste trecho do Evangelho, vemos que a fé do homem e a onipotência de Deus, do amor de Deus procuram-se e, por fim, encontram-se»^[1]. Com a sua espera Jesus responde à dor mais profunda dos seus amigos. Não só devolverá a vida a Lázaro, mas vai mostrar-lhes que Ele tem sempre a última palavra. Quem põe a sua esperança em Deus não tem nada a temer, pois Ele é «a Ressurreição e a vida» (Jo 11, 25). «Nada nos poderá preocupar – dizia S. Josemaria –, se decidirmos firmar o coração no desejo da verdadeira Pátria: o Senhor nos conduzirá com a sua graça e impelirá a barca com bom vento para tão claras margens»^[2].

PODEMOS imaginar a tristeza que encheu o lar de Betânia quando Lázaro morreu. Aquela casa que tinha acolhido tantos momentos de alegria encontra-se agora marcada pela dor. Marta e Maria ajudar-se-iam mutuamente a arcar com este sofrimento, acentuado também pela ausência de Jesus; não apenas porque talvez tivesse curado Lázaro, mas porque só a sua presença as encheria de consolação. Por isso, «logo que Marta ouviu dizer que Jesus estava a chegar, saiu a recebê-l'O» (Jo 11, 20). A tristeza de Marta não a levou a fechar-se em si própria, a dar continuamente voltas ao que não entendia e a encher de amargura. Simplesmente foi contar a Cristo o motivo da sua dor: «Se tu cá estivesses...» (Jo 11, 21). Era um lamento semelhante ao do salmista: «Do fundo do abismo clamo a ti, Senhor. Senhor, ouve a minha prece! Estejam teus ouvidos atentos à voz da minha súplica» (Sl 130, 1-2).

O primeiro *milagre* que *faz* Jesus é, em certo sentido, o de fazer sair Marta do sepulcro. Não lhe censura nem uma só das lágrimas derramadas pela morte do seu irmão. Nesse momento de dor dirige-lhe umas palavras que procuram fortalecer o motivo da sua esperança. «Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre. Crês nisto?» (Jo 11, 25-26). Nestas circunstâncias, poderíamos dizer que não parece a pergunta mais indicada. Marta não está nas melhores condições emocionais para afirmar aquilo que lhe propõe Jesus. No entanto, responde: «Sim, ó

Senhor; eu creio que Tu és Cristo, o Filho de Deus que havia de vir ao mundo» (Jo 11, 27). No meio do pranto, Marta continua a ter fé. Independentemente de que o seu irmão viva ou não, ela já acredita que quem está com Cristo não morrerá. A tristeza pelo falecimento de Lázaro e a incompreensão pela inação do seu amigo não a impediram de reconhecer que Jesus é o Messias, aquele que dá sentido à sua vida. S. Josemaria, que experimentou em muitas ocasiões uma dor semelhante à de Marta, escreveu: «Queixava-me a um amigo que, por causa da minha miséria, parecia que Jesus passava... e me deixava sozinho. Imediatamente reagi com dor, cheio de confiança: não é assim, meu Amor; fui eu, sem dúvida, que me afastei de Ti: nunca mais!»^[3].

QUANDO Jesus chegou ao sepulcro, pediu aos que estavam ali presentes que tirassem a pedra. Marta, pelo contrário, mostrou alguma relutância: «Senhor, já cheira mal, pois já é o quarto dia» (Jo 11, 39). O Senhor, que ainda se lembrava da conversa que tinha tido com ela, respondeu: «Eu não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?» (Jo 11, 40). Então retiraram a pedra e Jesus, depois de se dirigir ao seu Pai, «bradou com voz forte: “Lázaro, vem cá para fora!”. E o que estava morto saiu de mãos e pés atados com ligaduras e o rosto envolvido num sudário» (Jo 11, 43-44).

Cristo não se resigna aos sepulcros que por vezes construimos, no nosso caso, com erros ou obscurecimentos. Como a Lázaro, convida-nos a sair do túmulo para abraçar a vida que Ele nos oferece. «Chama-nos insistentemente a sair da escuridão da prisão na qual nos fechamos, contentando-nos com uma vida falsa, egoísta, medíocre»^[4]. Mas conta com a nossa liberdade para acolher ou não esta chamada. Não nos obriga a levantar-nos. Ele estende-nos a mão e espera que peguemos nela. «Lázaro ressuscitou porque ouviu a voz de Deus; e quis imediatamente sair daquele estado. Se não tivesse *querido* mexer-se, teria morrido de novo. Propósito sincero: ter sempre fé em Deus; ter sempre esperança em Deus; amar sempre a Deus..., que nunca nos abandona»^[5].

O evangelista conclui esta cena referindo que muitos judeus, «ao verem o que Jesus fez, creram n’Ele» (Jo 11, 45). Agora os apóstolos e as irmãs

entendem porque é que o Senhor não decidiu vir antes. Não só eles tinham fortalecido a sua fé e a sua esperança, como além disso muitas outras pessoas começaram a crer n'Ele. A partir desse momento, os irmãos de Betânia serão testemunhas da vida que Jesus oferece aos que creem nele. Assim também viveu a Virgem. Podemos apoiar-nos na sua fé para sabermos transmitir aos outros a alegria de deixar entrar Cristo no sepulcro do nosso coração.

NOTAS

[1] Francisco, *Angelus*, 29/03/2020.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 221.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 159.

[4] Francisco, *Angelus*, 06/04/2014.

[5] S. Josemaria, *Forja*, n. 211.

V domingo da Quaresma (Ciclo C)

Reflexão para meditar no V domingo da Quaresma (Ciclo C). Os temas propostos são: Jesus perdoa a mulher adúltera; a confissão é um olhar para o futuro; o valor da contrição.

Sumário

- Jesus perdoa a mulher adúltera.
- A confissão é um olhar para o futuro.
- O valor da contrição.

POR FIM, os fariseus parecem ter encontrado uma ocasião propícia para deitar as mãos a Jesus. Cheios de zelo pela observância da Lei, apresentam-Lhe uma mulher surpreendida em adultério. Segundo as prescrições judaicas, merecia ser apedrejada até à morte. O que é que o Mestre de Nazaré, que sempre se tinha mostrado tão favorável a defender e perdoar os pecadores, teria a dizer a este respeito? Mas parece que Jesus nem sequer repara: com uma certa indiferença, começa a escrever no chão. E como os acusadores insistem para que diga alguma coisa, ergue-se e exclama: «Quem de entre vós estiver sem pecado atire a primeira pedra» (Jo 8, 7).

Podemos imaginar o calafrio que deve ter atravessado o corpo da mulher enquanto esperava, com os olhos fechados, por uma chuvada de pedras. Estaria convencida de que a sua vida tinha chegado ao fim. E talvez, arrependida pelos seus pecados, contemplaria esse desfecho como um ato de justiça. Não contava, porém, com a misericórdia de Deus, que ultrapassa todos os cálculos humanos. Um a um, os acusadores foram-se embora e ela ficou sozinha diante de Jesus. Como sempre que nos aproximamos do sacramento da confissão, o olhar carinhoso de Cristo pousou sobre o seu rosto e perdoou-a. «Receber o perdão dos pecados, através do sacerdote, é uma experiência sempre nova, original e inimitável. Da situação de estar sozinhos com as nossas misérias e os nossos acusadores, como a mulher do

Evangelho, faz-nos passar ao estado de erguidos e encorajados pelo Senhor, que nos faz recomeçar»^[1].

«Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?» (Jo 8, 10). A mulher sabia que tinha pecado e esperava agora a palavra recriminatória deste rabino misterioso. Mas o Senhor, em vez de a repreender, deu-lhe dois tesouros: o perdão de Deus e a esperança de uma vida nova. «Nem Eu te condeno. Vai e não tornes a pecar» (Jo 8, 11).

«SÓ PENSO numa coisa – escreve S. Paulo aos filipenses –: esquecendo o que fica para trás, lançar-me para a frente, continuar a correr para a meta, em vista do prémio a que Deus, lá do alto, me chama em Cristo Jesus» (Flp 3, 13-14). A nossa vida de fé está sempre impregnada de futuro. Desejamos que cada pequeno gesto da nossa vida seja uma antecipação do céu. Num certo sentido, estamos chamados a tornar presente a meta da nossa vida nos pormenores mais quotidianos do nosso dia-a-dia.

Sempre que procuramos o perdão de Deus estamos a correr para Jesus e assim a antecipar o céu na nossa vida terrena. Na confissão, introduzimo-nos e participamos dos frutos da morte e ressurreição de Jesus. Por isso, neste sacramento da misericórdia podemos experimentar intimamente que «os seus braços pregados abrem-se para cada ser humano e convidam-nos a aproximar-nos d’Ele na certeza de que nos acolhe e nos estreita num abraço de ternura infinita»^[2].

Saber-nos perdoados pelo Senhor leva-nos a desprender-nos das más experiências do passado e a dirigir o nosso olhar para o futuro. «Para a frente, aconteça o que acontecer! – animava S. Josemaria –. Bem agarrado ao braço do Senhor, considera que Deus não perde batalhas. Se te afastas d’Ele por qualquer motivo, reage com a humildade de começar e recomeçar; de fazer de filho pródigo todos os dias, até mesmo repetidas vezes nas vinte e quatro horas do dia; de acertar o coração contrito na Confissão, verdadeiro milagre do Amor de Deus. Neste sacramento maravilhoso, o Senhor limpa a tua alma e te inunda de alegria»^[3].

SEGUNDO uma antiga tradição da Igreja, neste quinto domingo da Quaresma, podem-se cobrir com um véu as imagens religiosas das igrejas e os crucifixos. A cor roxa destes tecidos recorda que nos encontramos num tempo penitencial. O desaparecimento temporário das representações de Deus, dos anjos e dos santos predispõe-nos para um recolhimento mais profundo.

A Igreja sempre nos ensinou que, «entre os atos do penitente, a contrição ocupa o primeiro lugar»^[4]. Não se trata somente de um esforço humano por fazer as coisas bem. Esse ato «É o movimento do “coração contrito” (Sl 51, 19) atraído e movido pela graça (cf. Jo 6, 44; 12, 32) para responder ao amor misericordioso de Deus, que nos amou primeiro»^[5]. Por isso, a contrição não consiste numa perção opressiva da culpa, o que talvez nos leve a desanimar cada vez que sentimos as nossas limitações. Pelo contrário, trata-se da sensibilidade de um coração enamorado que, sabendo-se pecador, aproveita até os seus tropeços para demonstrar a Deus que continua a amá-l’O.

Deus quer que o amor que recebemos na Penitência se traduza em desejos de fazer o bem, de transmitir essa mesma misericórdia às pessoas que nos rodeiam. A contrição vem acompanhada do desejo de não voltar a ofender a Deus – para assim não causarmos dano de novo a nós mesmos – e de nos afastarmos do que nos pode afastar d’Ele. Maria viu o seu filho carregar a cruz com todos os pecados da humanidade. Podemos pedir-Lhe, refúgio dos pecadores, que nos renove de cada vez que nos aproximarmos contritos da Confissão.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 29/03/2019.

[2] Bento XVI, Discurso, 21/03/2008.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 214.

[4] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1451.

[5] *Ibid.*, n. 1428.

Segunda-feira da V semana da Quaresma

Reflexão para meditar na segunda-feira da V semana da Quaresma. Os temas propostos são: Jesus é a luz do mundo; um olhar luminoso; o Senhor é meu pastor.

Sumário

- Jesus é a luz do mundo.
- Um olhar luminoso.
- O Senhor é meu pastor.

«EU SOU A LUZ do mundo – disse Jesus aos fariseus ao ensinar no Templo –; quem Me segue não caminha nas trevas, mas terá a luz da Vida» (Jo 8,12). Possivelmente, em mais de uma ocasião tivemos de enfrentar a escuridão da noite. Aí desaparecem as formas das coisas que nos rodeiam e perdemos a orientação. Mas no momento em que, de repente, a luz regressa, sentimos um grande alívio, porque tudo retoma o seu contorno e sentido.

Nessas palavras em que o Senhor se proclama como sendo a nossa luz, encontramos um refúgio para aqueles momentos de escuridão em que nos pode invadir o pessimismo ou a tristeza. «Certamente, quem acredita em Jesus nem sempre vê apenas o sol na vida, como se fosse possível poupar-lhe o sofrimento e as dificuldades; mas há sempre uma luz clara que lhe indica um caminho, o caminho que conduz à vida em abundância (cf. Jo 10, 10). Os olhos de quem acredita em Cristo vislumbram, mesmo na noite mais escura, uma luz, e veem já o fulgor de um novo dia»^[1].

«Fica connosco, Senhor, porque se faz tarde e o dia já declina» (Lc 24, 29), diz a Cristo um dos discípulos de Emaús. Também nós podemos sentir muitas vezes ao dia a necessidade de pedir ao Senhor que não se afaste da nossa vida. As nossas dúvidas, feridas e inquietações precisam de ser expostas à luz do seu olhar. Por isso, compreendemos bem que aqueles seguidores de Cristo, que caminhavam desanimados para casa após o

aparente fracasso, se dessem conta de que, «no meio da penumbra do crepúsculo e da obscuridade que os embargava, aquele Caminhante era um raio de luz que despertava a sua esperança e abria o seu espírito ao desejo da luz plena»^[2].

NECESSITAMOS da luz de Cristo para descobrir a beleza que se esconde nos múltiplos acontecimentos e pessoas que fazem parte das nossas vidas. Por vezes, podemos sentir-nos frustrados quando um plano que nos entusiasmava particularmente não resulta; damos demasiada importância à discordância com alguém próximo de nós; ou temos a impressão de que a sociedade sofre de muitos problemas difíceis de resolver. Além disso, durante algumas temporadas podemos experimentar com maior consciência as nossas próprias limitações. No entanto, se nos deixarmos invadir pela luz de Cristo, não só encontraremos o conforto para superar com espírito sobrenatural aquilo que nos custa e desagrada, como também nos ajudará a adquirir esse «olhar para o mundo que, para além do simples carácter natural, nos permite ver o lado positivo – e, se necessário, divertido – das coisas e das situações»^[3].

Normalmente, num recém-nascido é difícil identificar a cor dos seus olhos. No início têm geralmente uma cor acinzentada que, só gradualmente, vai dando lugar à sua verdadeira tonalidade. Algo semelhante acontece na nossa oração. Cada vez que nos voltamos para o Senhor, queremos que Ele transforme o nosso olhar, por vezes cinzento, numa contemplação luminosa e agradecida de tudo o que nos rodeia. «Permaneçamos alguns momentos em recolhimento, um pouquinho todos os dias, fixemos o nosso olhar interior no seu rosto e deixemos que a sua luz nos invada e se irradie na nossa vida»^[4].

Numa ocasião, Jesus sublinhou a importância dos olhos para a vida interior: «O olho é a lâmpada do corpo. Se o teu olho for são, todo o teu corpo terá luz» (Mt 6, 22-23). Não só queremos ver a luz do Senhor, mas, além disso, desejamos irradiar essa luz de Cristo a todos os que nos rodeiam. Por isso, S. Josemaria ensinou-nos a repetir uma jaculatória que pressupõe uma visão profunda da vida: «Que eu veja com os teus olhos, meu Cristo, Jesus da minha alma»^[5].

«O SENHOR é meu pastor, nada me falta – reza o salmista –; Ele me apascenta em verdes prados; conduz-me às águas refrescantes e restaura as minhas forças» (Sl 22, 3). Se Cristo é o nosso Pastor, que escuridão nos pode assustar? «Aquele que vai com o Senhor, mesmo nos vales escuros do sofrimento, da incerteza e de todos os problemas humanos, sente-se seguro. Tu estás comigo: esta é a certeza que nos sustenta»^[6].

Esta realidade influi no modo de enfrentar as situações de cada dia. Jesus está sempre ao nosso lado e quer iluminar os melhores e os piores momentos do dia. «Esta é a grande luz que ilumina as nossas vidas e que, no meio de dificuldades e misérias pessoais, nos anima a seguir em frente com coragem»^[7]. Por isso, cada lar cristão reflete, para além das pequenas ou grandes contrariedades que tem de enfrentar, uma serenidade profunda, fruto da confiança em Deus. É a mesma tranquilidade que sente uma criança quando, no meio da escuridão, não se deixa vencer pelo medo, porque sabe que o seu pai está perto.

«Se somos almas de fé, daremos aos acontecimentos desta terra uma importância muito relativa, como fizeram os santos... O Senhor e a sua Mãe não nos deixam e, sempre que for necessário, estarão presentes para encher de paz e segurança o coração dos seus»^[8]. Se alguma vez sentirmos que esta escuridão se torna mais patente, recorreremos como bons filhos à nossa Mãe e gritar-lhe-emos, com a certeza de que nos escuta: «Mãe, não me deixes!»^[9].

NOTAS

[1] Bento XVI, Discurso, 24/09/2011.

[2] S. João Paulo II, *Mane nobiscum Domine*, 07/10/2004.

[3] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018.

[4] Francisco, *Angelus*, 17/03/2019.

[5] S. Josemaria, apontamentos de uma meditação, 19/03/1975.

[6] Bento XVI, Audiência, 05/10/2011.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 22.

[8] S. Josemaria, *Via Sacra*, IV estação, n. 5.

[9] *Ibid.*, n. 3.

Terça-feira da V semana da Quaresma

Reflexão para meditar na terça-feira da V semana da Quaresma. Os temas propostos são: A prova do deserto; o valor dos bens materiais; olhar para a cruz para ser curado.

Sumário

Reflexão para meditar na terça-feira da V semana da Quaresma. Os temas propostos são: A prova do deserto; o valor dos bens materiais; olhar para a cruz para ser curado.

- A prova do deserto.
- O valor dos bens materiais.
- Olhar para a cruz para ser curado.

DEPOIS DE atravessar o Mar Vermelho, o povo judeu deve ter sentido uma profunda libertação. O calafrio das águas que caíram sobre os seus perseguidores deve ter sido acompanhado por uma sensação libertadora: depois de tantos anos de escravidão, o seu Deus tinha-os salvo. Mas o tempo começou a passar mais devagar do que pensavam. A terra prometida parecia cada vez mais distante e alguns até se lembravam da sua vida como escravos. «O povo impacientou-se e falou contra Deus e contra Moisés: “Porque nos fizeste sair do Egito, para morrermos neste deserto?”» (Nm 21, 5). A alegria da salvação deu lugar à insatisfação e ao rancor.

Jesus também passou pela prova do deserto. Precisamente os quarenta dias da Quaresma convidam-nos a acompanhar o Senhor no meio do Seu aparente abandono. No momento de fraqueza, Cristo não sucumbiu às tentações, mas pôs a Sua confiança no Seu Pai Deus. Jesus ensinou-nos não só com as Suas palavras, mas sobretudo com a Sua própria vida, que muitas vezes precisamos de atravessar o deserto para alcançar a liberdade plena. É verdade que a vida cristã nos promete a salvação do pecado e, portanto, a

alegria; mas o caminho que nos conduz a elas envolve redescobrir o que realmente importa nas nossas vidas e desprender-nos do que nos amarra.

«O deserto é o lugar do *essencial*. Olhemos para as nossas vidas: quantas coisas inúteis nos circundam! Perseguimos mil coisas que parecem necessárias, mas na realidade não o são. Como nos faria bem livrar-nos de tantas realidades supérfluas, para redescobrir o que importa, para encontrar os rostos de quantos estão ao nosso lado!»^[1]. Agora que a Semana Santa se aproxima, podemos reavivar o nosso desejo de viver bem pegados a Jesus, libertos de tudo o que não nos conduz a Ele: «Meu Deus!, que eu odeie o pecado e me una a Ti, abraçando-me à Santa Cruz, para cumprir, por meu lado, a Tua Vontade amabilíssima..., nu de todo O afeto terreno, sem outro alvo que a Tua glória... generosamente, não reservando nada para mim, oferecendo-me conTigo em perfeito holocausto»^[2].

«O SENHOR mandou contra o povo serpentes venenosas que mordiam nas pessoas e morreu muita gente de Israel» (Nm 21, 6), relata a Sagrada Escritura. O povo escolhido tinha rejeitado a proteção de Deus. Cansados de nunca chegar à meta, desviaram o coração para aqueles bens de que tinham saudades da sua vida no Egito, mesmo que fossem de pouco valor ou tivessem as marcas da sua escravidão.

Às vezes, também nós podemos sentir, como o povo de Israel, a aparente distância de Deus e a atração de bens que deixámos para trás. Mas quando contemplamos a pobreza de Cristo na cruz – «nada ficou ao Senhor, senão um madeiro»^[3] –, intuímos que a felicidade não se encontra nas coisas materiais. Percebemos quão efémeras são essas realidades, que não chegam a tocar no fundo da alma. «Quando alguém centra a sua felicidade exclusivamente nas coisas terrenas – fui testemunha de verdadeiras tragédias – perverte o seu uso razoável e destrói a ordem sabiamente disposta pelo Criador. O coração fica então triste e insatisfeito; mete-se por caminhos de um eterno descontentamento»^[4].

«Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu» (Mt 5, 3). Com estas palavras o Senhor oferece a felicidade, na terra e no céu, a quem deposita em Deus a sua segurança e riqueza. Os pobres de coração

possuem as coisas sem serem possuídos por elas. A pobreza de espírito permite-nos desfrutar verdadeiramente da realidade, porque nos liga ao simples, às pessoas, a Deus. Em suma, a tudo o que sacia os nossos desejos mais profundos.

AQUELAS mordeduras de serpentes não foram a última resposta do Senhor. O povo arrependeu-se e recorreu a Moisés que, fiel à sua vocação de mediador, intercedeu pelos seus. Então Deus, movido pela Sua misericórdia, deu-lhes um remédio peculiar: aqueles que, depois de serem mordidos, olhassem para uma serpente de bronze, não morreriam. Assim, o que era a causa da morte, transformou-se ao mesmo tempo no símbolo da salvação. Por isso, a serpente é uma imagem que antecipa a cruz de Cristo: ela contém todos os pecados do mundo e, ao mesmo tempo, Aquele que os derrotou para sempre com a Sua morte.

«Quando tiverdes erguido ao alto o Filho do Homem – diz Jesus no Evangelho de S. João – então ficareis a saber que Eu sou e que nada faço por mim mesmo, mas falo destas coisas tal como o Pai me ensinou» (Jo 8, 28). Se não soubéssemos o fim da história, pensaríamos que o erguer de que Jesus fala se refere a uma futura glória temporal. Não é fácil compreender que a Sua verdadeira exaltação se realizou na cruz e que a sujeição dos pregos é a Sua forma de viver a liberdade. Por isso, olhando e assumindo a fraqueza de Cristo, adquirimos a força de Deus. Também nós podemos fazer nossas estas palavras paradoxais de S. Paulo: «De bom grado, portanto, prefiro gloriar-me nas minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo. Por isso me comprazo nas fraquezas, nas afrontas, nas necessidades, nas perseguições e nas angústias, por Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte» (2Cor 12, 9-10).

Aos pés da cruz, encontramos a Virgem. Podemos pedir-lhe que saibamos dirigir sempre o nosso olhar para a cruz, para que Cristo afugente as serpentes que possam rondar as nossas vidas.

NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 26/02/2020.

[2] S. Josemaria, *Via Sacra*, IX estação.

[3] *Ibid.*, X estação.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 118.

Quarta-feira da V semana da Quaresma

Reflexão para meditar na quarta-feira da V semana da Quaresma. Os temas propostos são: adorar com a própria vida; curar os nossos desejos; a adoração na Santa Missa.

Sumário

- Adorar com a própria vida.
- Curar os nossos desejos.
- A adoração na Santa Missa.

O REI NABUCODONOSOR mandou construir uma estátua de ouro, com vinte e sete metros de altura. Todos os seus súbditos se reuniram à volta dela e começaram a adorá-la, pois quem não o fizesse seria imediatamente lançado na fornalha ardente. No entanto, Sidrac, Misac e Abdénago negaram-se a cumprir o decreto real. Quando isto chegou aos ouvidos de Nabucodonosor, ele mandou trazê-los à sua presença e, cheio de cólera, recordou-lhes o castigo que os esperava: «Se não a adorardes, sereis imediatamente lançados na fornalha ardente, e que deus vos livrará das minhas mãos?» (Dn, 3,15). Os três responderam em unísono, cheios de confiança: «Se o nosso Deus, a quem adoramos, nos pode livrar da fornalha ardente, ele nos livrará, ó rei, das tuas mãos. E ainda que não o faça, que se saiba, ó rei, que não adoramos os teus deuses, nem adoramos a imagem de ouro que erigiste» (Dn 3, 17-18).

Como os primeiros mártires, Sidrac, Misac e Abdénago estiveram também dispostos a derramar o seu sangue para dar testemunho da verdadeira adoração. De certa forma, lembram-nos que tudo o que fazemos no nosso tempo está chamado a dar glória a Deus. Esta é a realidade mais crucial da nossa vida: desenvolver um coração contemplativo que dirija tudo o que fazemos para o Senhor. «Cada um de nós, nas suas próprias vidas, de forma consciente e talvez por vezes sem se dar conta, tem uma ordem muito precisa de coisas consideradas mais ou menos importantes.

Adorar o Senhor significa dar-lhe o seu legítimo lugar; adorar o Senhor significa acreditar, afirmar – mas não simplesmente por palavras – que só Ele guia verdadeiramente as nossas vidas»^[1]. É precisamente isto que a Igreja nos convida a fazer nestes dias da Quaresma, próximos do Tríduo Pascal: percorrer o caminho da conversão, reorientar a nossa existência de tal forma que o amor a Deus e ao próximo seja o mais importante dos nossos dias.

A REAÇÃO de NABUCODONOSOR não demorou muito a chegar. Mandou acender a fornalha sete vezes mais quente do que o habitual, e lançou nela Sidrac, Misac e Abdénago. No entanto, não conseguiu fazer mal a nenhum dos jovens, pois um anjo do Senhor tinha descido com eles. «Então os três, com uma só voz, começaram a louvar, glorificar e bendizer a Deus (...): Abençoado sejas, Senhor, Deus dos nossos pais, digno de ser louvado e exaltado para sempre» (Dn 3, 51-52).

O caminho da adoração começa com o desejo, com o impulso interior que nos leva a ir além do imediato e visível, para acolher a vida que Deus nos oferece. Isto é o que os três jovens viveram. Renunciaram a uma existência talvez mais tranquila, se ouvissem o rei, e desejaram acima de tudo dar glória a Deus. E embora o destino certo parecesse ser a morte na fornalha, o Senhor ofereceu-lhes uma salvação que nenhum dos presentes poderia ter imaginado, exceto talvez os próprios jovens.

«O desejo leva-te à adoração e a adoração renova em ti o desejo. Porque o desejo de Deus cresce apenas permanecendo diante de Deus. Porque só Jesus cura os desejos. De quê? Cura-os da ditadura das necessidades»^[2]. Quando damos glória a Deus, estamos a purificar os desejos do nosso coração, para que não permaneçam no imediato, mas se abram ao amor por Deus e pelos nossos irmãos e irmãs. Então, não nos contentaremos com uma vida calma, agarrando-nos às nossas seguranças, mas caminharemos abertos às surpresas de Deus.

TODOS OS DIAS temos a oportunidade de participar no maior ato de adoração: a Santa Missa. Cada vez que a morte e ressurreição do Senhor é

renovada no sacrifício do altar, Jesus entrega-se por nós. Tal como o seu amor por fazer a vontade do Pai se manifestou na sua doação na cruz, se pusermos todo o nosso coração na celebração da Missa, dizemos a Deus: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito» (Lc 23, 46). Em íntima união com o seu sacrifício, todos os detalhes do nosso dia adquirem um valor divino, o que nos leva a procurar trabalhar da melhor maneira possível, por amor de Deus.

«Na Santa Missa adoramos, cumprindo amorosamente o primeiro dever da criatura para com o seu Criador: *adorarás o Senhor teu Deus, e só a ele servirás* (Dt 6, 13; Mt 4, 10). Não uma adoração fria, exterior, de servo, mas sim uma estima e respeito íntimos, que é o amor profundo de um filho»^[3]. A adoração no sacrifício eucarístico vai além de não se querer distrair durante a celebração; trata-se antes de tentar colocar todas as potências da nossa alma em sintonia com o coração de Cristo. Tal como somos animados nos prefácios da Santa Missa, queremos dar voz à criação inteira para que possa cantar «Santo, Santo, Santo é o Senhor, Deus do Universo»^[4].

Viver profundamente a Santa Missa prepara-nos para a celebração do mistério pascal de Cristo. Nela somos introduzidos na sua obra de salvação. Nesta renovação incruenta do seu sacrifício encontramos também a Virgem Maria sustentando o seu Filho com a sua presença. Podemos pedir-lhe que nos ajude a viver cada celebração eucarística com o desejo de acompanhar Jesus no seu caminho para a cruz.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 14/04/2013.

[2] Francisco, Homilia, 06/01/2022.

[3] S. Josemaria, *Amar a Igreja*, n. 46.

[4] Oração eucarística IV, Prefácio.

Quinta-feira da V semana da Quaresma

Reflexão para meditar na quinta-feira da V semana da Quaresma. Os temas propostos são: Deus é fiel às Suas promessas; a promessa de Deus vence qualquer obstáculo; o fio da esperança.

Sumário

- Deus é fiel às Suas promessas.
- A promessa de Deus vence qualquer obstáculo.
- O fio da esperança.

«A aliança que faço contigo é esta: serás pai de inúmeros povos» (Gn 17, 3-9), diz Deus a Abraão ao estabelecer a Sua Aliança. O Senhor promete-lhe um povo numeroso e uma terra para partilhar a alegria de estar com Ele. Deus compromete-se a ser fiel a este povo da promessa: «Eu serei o teu Deus e o da tua descendência» (Gn 17, 7).

Estas promessas, no entanto, passaram por tempos de aparente escuridão: há mesmo alturas em que parece que elas estão a ser esquecidas, como quando o Senhor pede a Abraão que sacrifique o seu filho Isaac. Humanamente, um pedido assim não se entende. Mas o patriarca sabe que Deus é fiel e raciocina a partir da fé. Ele sabe que os planos de Deus nem sempre se podem compreender totalmente, aqui e agora. Por isso confia em Javé, que sabe mais, e espera «com uma esperança para além do que se podia esperar» (Rm 4, 18). No último momento, um cordeiro substituirá Isaac no Sacrifício, para que o seu filho continue a viver e nele se possa cumprir a promessa de uma numerosa descendência.

Esta memória de Abraão ajuda-nos a preparar a celebração do Tríduo Pascal. Em breve recordaremos como este misterioso episódio assumiu na Cruz o seu pleno sentido. Assim como Isaac foi substituído, no último momento, por um cordeiro, para ser sacrificado em seu lugar, assim o sacrifício de Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo,

libertará da morte todos os que acreditam n'Ele, e abrirá para nós as portas da Pátria definitiva, juntamente com um povo numerosíssimo.

JESUS REVELA no Evangelho que o alcance das promessas feitas a Abraão se refere a uma vida que, na realidade, vai mesmo para além da morte. «Em verdade, em verdade vos digo: Se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte» (Jo 8, 51). Alguns judeus têm dificuldade em abrir-se a este sentido transcendente das promessas, e acusam Jesus: «Agora sabemos que tens o demónio. Abraão morreu, os profetas também (...). Quem pretendes ser?» (Jo 8, 52-53). Mas esta fúria contra Jesus, que O levará à Cruz como Cordeiro imolado, estará precisamente a dar um cumprimento insuspeitado ao que fora prometido. Isto tem acontecido frequentemente ao longo da História da Salvação: quando o horizonte se parece fechar aos planos de Deus, o fio das promessas percorre cada etapa da História, sem se quebrar.

«Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia; ele viu-o e exultou de alegria» (Jo 8, 56), responde-lhes Jesus. A segurança nas promessas do Senhor é o motivo mais firme de paz e de alegria para quem espera. Não há nada que nos possa retirar esta segurança, fundamentada na fidelidade de Deus. Aconteça o que acontecer, Ele prometeu-nos que será sempre o nosso Deus.

A esperança é «aquela virtude que deflui sob a água da vida, mas que nos sustenta para não afogar nas muitas dificuldades, para não perder aquele desejo de encontrar Deus, de encontrar aquele rosto maravilhoso que todos veremos um dia»^[1]. A partir de Cristo, o fio das promessas feitas a Abraão continua na Igreja, que se abre ao longo da História como um fio de esperança. Mesmo nos momentos mais obscuros, quando parece que este fio está prestes a romper-se, surgem homens e mulheres de fé que, como Abraão, sabem que Deus é fiel. Também eles, esperando contra toda a esperança, se reconhecem portadores das promessas de Deus. S. Josemaria escreve: «Tenho visto, em muitas vidas, que a esperança em Deus acende maravilhosas fogueiras de amor, com um fogo que mantém o coração vibrante, sem desânimos, sem desfalecimentos, embora ao longo do caminho se sofra»^[2].

ESTE FIO DE ESPERANÇA é o tema de uma meditação pregada por S. Josemaria em 26 de julho de 1937^[3]. Estavam fechados na Legação de Honduras, em Madrid. O Opus Dei existia há muito poucos anos e a sua atividade tinha sido travada bruscamente pela Guerra Civil Espanhola. As suas vidas corriam perigo, e S. Josemaria queria elevar o olhar desse grupo de jovens, recordando-lhes como Deus permanece fiel, suscitando em cada época homens e mulheres santos que renovam a esperança.

Nessa meditação, começa por recordar os primeiros cristãos. Nada os distinguia dos seus pares, exceto «a luz vibrante que arde dentro do seu peito». Através deles, «a voz de Cristo soa cada vez com mais força». E quando, ao longo dos séculos, este fervor dos primeiros cristãos parecia que se tinha apagado, Deus enviou, entre outros ascetas, Francisco e Domingos, e apareceu uma nova vitalidade espiritual que faz o mundo reviver. No século XVI, surgiram Sto. Inácio de Loyola e S. Francisco Xavier, cujo trabalho de evangelização chegaria até aos confins da Terra. E uma mulher, Teresa de Ahumada, dará origem, na Igreja, a autênticos «geradores de uma intensa vida espiritual», com a fundação dos seus conventos.

Através desta pregação, S. Josemaria apresentava a esses jovens dos inícios do século XX alguns marcos históricos, para concluir que o Senhor continua a ser fiel às Suas promessas. «O poder de Deus não diminuiu. *Non est abbreviata manus Domini*, Deus não tem menos poder, e continua a conceder à humanidade novas maravilhas».

Nós somos chamados também a ser portadores daquele fio de esperança que salva cada época da História. Nossa Senhora, esperança nossa, ajudar-nos-á a levar a alegria da salvação a todas as pessoas.

NOTAS

[1] Francisco, Meditação matutina, 17/03/2016.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 205.

[3] S. Josemaria, *Crescer para dentro*, “*Non est abbreviata manus Domini*”, 26/07/1937.

Sexta-feira da V semana da Quaresma

Reflexão para meditar na sexta-feira da V semana da Quaresma. Os temas propostos são: contemplar as dores de Nossa Senhora; humildade para abrir-se à verdade; reconhecer os sinais de Jesus.

Sumário

- Contemplar as dores de Nossa Senhora.
- Humildade para abrir-se à verdade.
- Reconhecer os sinais de Jesus.

A IGREJA recorda tradicionalmente nesta sexta-feira, anterior a Sexta-feira Santa, as dores da Virgem ao longo da sua vida. Quando o Menino Jesus foi apresentado no templo, o velho Simeão dirigiu-lhe estas palavras: «uma espada trespassará a tua alma. Assim hão de revelar-se os pensamentos de muitos corações» (Lc 2, 35). O Evangelho regista vários momentos de dor na vida de Nossa Senhora: esta profecia do ancião, a fuga para o Egito para salvar a vida do seu filho, os três dias de angústia quando o menino permaneceu em Jerusalém... Acima de tudo, há os instantes que rodearam a morte de Jesus: o seu encontro com Ele no caminho do Calvário, a crucificação, a descida da cruz, o ser sepultado.

Contemplar Nossa Senhora em cada uma dessas situações lembra-nos que a dor é uma companheira inseparável na vida. Nem mesmo a Mãe de Deus, a criatura mais perfeita que saiu das Suas mãos, foi poupada a essa realidade. Ela mesma foi a primeira a aperceber-se de que a profecia de Simeão era verdadeira: «Ele está aqui (...) para ser sinal de contradição» (Lc 2, 34). O próprio Jesus diria mais tarde aos seus discípulos que não viera trazer paz, mas uma espada (cf. Mt 10, 34). Por isso, acolher Cristo na nossa vida «significa aceitar que Ele desvende as minhas contradições, os meus ídolos, as sugestões do mal»^[1]: que nos descubra todas aquelas dores que também procuramos com os nossos próprios pecados.

Maria é mestra do sacrifício escondido e silencioso. Com a sua presença discreta, identificando-se com a vontade de Deus, ofereceu a maior consolação a Jesus na cruz: «Que podia Ela fazer? Fundir-se com o amor Redentor de seu Filho, oferecer ao Pai a dor imensa – como uma espada afiada – que trespassava o seu Coração puro»^[2]. Não encontraremos nesta terra uma explicação absoluta para o mal e o sofrimento; mas em Cristo feito homem, que padeceu todos os sofrimentos, abre-se-nos pelo menos um sentido, uma companhia, um consolo.

NO EVANGELHO DE HOJE contemplamos, a poucos dias de Sexta-feira Santa, como alguns judeus começaram a dirigir-se ao Senhor de forma mais agressiva. Muitos tentaram apedrejá-l’O porque, sendo homem, se fazia passar por Deus. Mas Jesus quer que esses corações se abram ao mistério da Sua Pessoa, de modo que centra a atenção dos Seus interlocutores nos inegáveis prodígios que tinha realizado: «Mostrei-vos muitas obras boas da parte do Pai; por qual dessas obras me quereis apedrejar?» (Jo 10, 32). Aqueles sábios de Israel estão perante uma encruzilhada inegável. Mas, em vez de se abrirem ao mistério com assombro, decidem apedrejar Jesus, quer seja porque o que têm diante supera os seus horizontes, ou porque não estão movidos por um interesse sincero pela verdade.

Só a humildade nos abre à experiência da verdade, da alegria autêntica, do conhecimento que conta. Sem humildade estamos isolados da compreensão de Deus, da compreensão de nós mesmos»^[3] Da mesma forma que uma criança pequena nem sempre compreende o modo de agir do seu pai, a ação divina muitas vezes parece-nos misteriosa. Reconhecer a grandeza de Deus implica também assumir a nossa pequenez, sabendo que supera os nossos esquemas humanos. O Espírito Santo quer sempre operar prodígios na nossa história, mas temos que estar dispostos a escutar com humildade o Seu sopro sempre novo.

A Virgem, no seu canto do Magnificat, glorifica o poder do Senhor, que «derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes» (Lc 1, 52). Deus reparou na sua humildade para que, de agora em diante, todas as gerações a chamem bem-aventurada. «A humildade consiste em nos vermos

como somos, sem disfarces, com verdade. E ao compreendermos que não valemos quase nada, abrimo-nos à grandeza de Deus. Esta é a nossa grandeza»^[4].

À MEDIDA que se aproxima a Sua Paixão, Jesus fala cada vez mais abertamente da Sua condição de Filho de Deus. «Se não faço as obras do meu Pai, não acrediteis em mim; mas se as faço, embora não queirais acreditar em mim, acreditai nas obras, e assim vireis a saber e ficareis a compreender que o Pai está em mim e Eu no Pai» (Jo 10, 37-38).

Os milagres registados nos Evangelhos dizem-nos muito sobre quem é Jesus de Nazaré. S. João costuma chamar “sinais” aos milagres, porque a finalidade principal dessas ações não é acabar com doenças ou sofrimentos nesta terra, mas sim mostrar a personalidade divina de Jesus e a Sua condição de Messias. Os milagres de Jesus convidam-nos a penetrar no Mistério da Sua Pessoa. Nalguns deles mostra o Seu poder sobre a natureza, como quando multiplica os pães e os peixes ou quando convida Pedro a caminhar sobre as águas. Assim manifestou o espírito do próprio Deus Criador, que se «movia sobre a superfície das águas» (Gn, 1, 2) no relato da Criação. Os milagres que têm a ver com a ressurreição dos mortos mostram, por sua vez, poder sobre a vida.

Dentro de dias, no Tríduo Pascal, Jesus entregá-la-á como ninguém mais pode fazê-lo, porque só Ele tem poder sobre a vida. «É por isto que meu Pai me tem amor: por Eu oferecer a minha vida, para a retomar depois. Ninguém ma tira, mas sou Eu que a ofereço livremente. Tenho poder de a oferecer e poder de a retomar» (Jo 10, 18). Jesus é o mesmo hoje e há dois mil anos, naquelas terras da Palestina; continua a encher a nossa vida de gestos que revelam a proximidade de Deus. Podemos pedir à Virgem que, com humildade, sejamos capazes de reconhecer os sinais do Seu Filho.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 15/09/2021.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 288.

[3] Francisco, Audiência, 22/12/2021.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 96.

Sábado da V semana da Quaresma

Reflexão para meditar no sábado da V semana da Quaresma. Os temas propostos são: o engano das tentações; sentir-se portador de um tesouro; seguir Cristo no Calvário.

Sumário

- O engano das tentações.
- Sentir-se portador de um tesouro.
- Seguir Cristo no Calvário.

APÓS A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO, os sumos sacerdotes e fariseus convocaram o Sinédrio e disseram «Que havemos nós de fazer, dado que este homem realiza muitos sinais miraculosos? Se o deixarmos assim, todos irão crer nele e virão os romanos e destruirão o nosso Lugar santo e a nossa nação» (Jo 11, 47-48). Então Caifás, que era o sumo sacerdote naquele ano, tomou a palavra: «Não vos dais conta de que vos convém que morra um só homem pelo povo, e não pereça a nação inteira?» (Jo 11, 50). A partir desse momento, o evangelista refere que as autoridades judaicas «tinham dado ordem para que, se alguém soubesse onde Ele estava, O denunciasse para O prenderem» (Jo 11, 57).

Os judeus andavam há bastante tempo com a ideia de acabar com Jesus, mas até então não tinham tomado uma decisão firme. A ressurreição de Lázaro fê-los tomar a decisão definitiva. Por isso, Caifás conclui que convém que Jesus morra. Os presentes convencem-se que adotaram uma resolução justa, pois assim evitariam o sobressalto da paz frágil negociada com as autoridades romanas e que as represálias acabassem com o povo judeu, embora não fosse essa a verdadeira razão pela qual perseguiram Cristo.

Este modo de atuar reflete, de certo modo, o processo de toda a tentação. «Geralmente atua assim: começa com pouco, com um desejo, uma

ideia, cresce, contagia outros e no fim é justificada»^[1]. E o coração, suggestionado pela paixão, muitas vezes convence-se da justiça retorcida deste pensamento. Mas o dia a dia do cristão está marcado também pelas inspirações do Espírito Santo; Deus apresenta-nos numerosas ocasiões para encaminhar os nossos impulsos «para os bens eternos prometidos»^[2]. Podemos pedir ao Paráclito que nos ajude a ser dóceis aos seus conselhos, a acolher as chamadas que nos dirige e que nos conceda a sabedoria para não nos enganarmos com alguma tentação passageira.

NEM TODOS reagiram da mesma forma ao presenciar a ressurreição de Lázaro: «Muitos judeus que tinham vindo visitar Maria (...), ao verem o que Jesus fizera, (...) acreditaram n'Ele» (Jo 11, 45). Os que ficaram maravilhados ao contemplar o milagre saíram para receber o Senhor na sua entrada triunfal em Jerusalém: «As pessoas que tinham estado com Ele quando chamou Lázaro do túmulo (...) testemunhavam o que viram. E a gente, ao ouvir dizer que tinha realizado aquele sinal milagroso, veio ao seu encontro» (Jo 12, 17-18).

Noutras alturas, Jesus tinha animado os seus discípulos a anunciarem a salvação: «Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura» (Mc 16, 15). No entanto, neste caso não há palavras explícitas: o que estas pessoas fazem é consequência natural de terem conhecido o Senhor. Sentem-se portadoras dum tesouro, e querem partilhá-lo com todos os seus irmãos. É a mesma reação de André quando encontra Pedro: «Encontrámos o Messias» (Jo 1, 41). «A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria»^[3].

«O apostolado – dizia S. Josemaria – (...) é uma superabundância da vida interior»^[4]. Os apóstolos atraíam porque comunicavam a experiência que tiveram de Jesus Cristo: tinham-n'O visto, tocado e ouvido, pelo que era natural contagiar a alegria de se terem encontrado com Ele. Não era uma tarefa imposta de fora, mas um impulso espontâneo de quem teve o coração cheio com o Evangelho.

MUITOS dos que, ao verem aquele milagre, acreditaram em Jesus e que depois o receberiam com vivas em Jerusalém, talvez se tenham sentido defraudados ao presenciar a sua condenação à morte. Os dias de júbilo pareciam já tão distantes! Alguns talvez tenham presenciado a sua passagem com a cruz. E, à hora da sua morte, só O acompanharam a sua Mãe, João e umas quantas mulheres.

Não sabemos com certeza porque toda esta gente abandonou Jesus. É provável que fosse o medo de serem identificados com Ele, um condenado à morte, ou então o pensamento de que talvez aquele homem não fosse o Messias esperado. Cristo não se tinha tornado o motivo principal da sua vida, e pode ter sido o que os levasse a ocultar a sua admiração pelo Mestre. «Este é o momento para dizer a Jesus Cristo: “Senhor, deixei-me enganar, de mil maneiras fugi do vosso amor, mas aqui estou novamente para renovar a minha aliança convosco. Preciso de Vós. Resgatai-me de novo, Senhor; aceitai-me mais uma vez nos vossos braços redentores”»^[5].

Seguir Cristo implica deixar a comodidade da margem para se apaixonar pela missão de ser testemunha Sua. O Espírito Santo, com os seus dons, ajuda-nos a percorrer este caminho, que inclui tanto os vivas de Jerusalém como a dor do Calvário. Nossa Senhora arriscou toda a sua vida com aquele «sim» ao Anjo. E embora isso lhe tenha acarretado muitos momentos de dor até ver o Seu filho morrer, a certeza de que Deus sempre triunfa, deu-lhe o maior dos consolos. «Com um grupo de mulheres valentes, como essas, bem unidas à Virgem Dolorosa, que apostolado se não faria no mundo!»^[6].

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 04/04/2020.

[2] Oração sobre as oferendas de sábado da V semana da Quaresma.

[3] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 1.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 239.

[5] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 3.

[6] S. Josemaria, *Caminho*, n. 982.